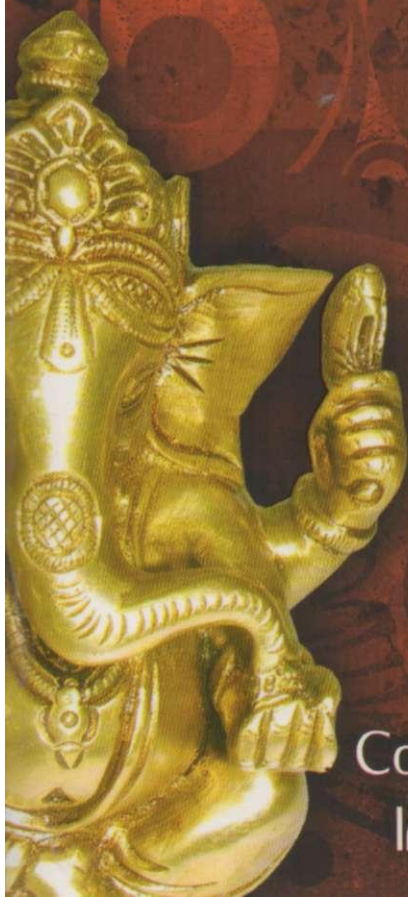


Espíritos e Deuses



Carlos A. Baccelli
Inácio Ferreira



Uma Vida Missionária

O Dr. Inácio Ferreira nasceu em Uberaba-MG, em 15 de abril de 1904, filho de Sr. Jacinto Ferreira de Oliveira e de D. Maria Lucas de Oliveira e casado com D. Aparecida Valicenti Ferreira, vindo ele a desencarnar em 27 de setembro de 1988, na própria cidade natal, aos 84 anos de profícua existência.

Médico formado pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, clinicando em Uberaba, tornou-se espírita após observar, com sincera intenção de pesquisa e zelo profissional, os diferentes fatos neuropsíquicos relacionados com os enfermos internados no Sanatório Espírita de Uberaba, de que passaria a Diretor-Clinico por mais de 50 anos, e verificou a eficácia da Terapia Espírita para a cura de distúrbios mentais e/ou obsessivos.

Assim, com a colaboração da notável médium D. Maria Modesto Cravo, bem como do Enfermeiro-Chefe, Sr. Manoel Roberto da Silva, e de diferentes outros cooperadores, dentre médicos e médiuns, o Dr. Inácio Ferreira realizou

ESPÍRITOS E DEUSES

*Carlos A. Baccelli
Inácio Ferreira*



**LEIA, ESTUDE E DIVULGUE AS
OBRAS DA LAVRA DO MÉDIUM
CHICO XAVIER**



LIVRARIA ESPÍRITA EDIÇÕES
"PEDRO E PAULO"

ESPÍRITOS E DEUSES

*Carlos A. Baccelli
Inácio Ferreira*

Ano 2010
Uberaba-MG

Revisão: Fausto De Vito

Arte Final da Capa: Paulo Moran

Projeto Gráfico: Cristiane de Oliveira

Impressão e Acabamento: Editora Vitória - edvitoria@mednet.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Baccelli, Carlos A.
Espíritos e Deuses / [pelo espírito] Inácio Ferreira ; [psicografado por] Carlos A. Baccelli, - Uberaba, MG : Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo", 2010.
320p. ; 14x21 cm.

ISBN 978-85-60628-26-1

1. Obras psicografadas. 2. Espiritismo.
I. Baccelli, Carlos A. II. Título

CDD-133.93

Copyright 2010 by ©

LIVRARIA ESPÍRITA EDIÇÕES "PEDRO E PAULO"

Avenida Elias Cruvinel, 1202 - Bairro Boa Vista

Telefax (0xx34) 3322-4873 - 38070-100 - Uberaba, MG

E-mail: lepp@terra.com.br - Site: www.lepp.com.br

Os direitos autorais deste livro foram doados às obras assistenciais da Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo", Uberaba-MG.

2ª Edição - Do 11º ao 12º milheiro
Maio/2014

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

ESPÍRITOS E DEUSES

Leitor amigo.

Este livro, que se encontra pronto há cerca de cinco anos, foi escrito com o único intuito de demonstrar que o Politeísmo, ou seja, a crença na existência de muitos deuses, é o eloquente atestado da História, segundo o qual os espíritos, desde tempos imemoriais, se colocam em contato com os homens na Terra.

Aproveitamos o ensejo para, igualmente, estudar a precária condição humana, da qual o próprio homem, no corpo ou fora dele, embora a sua origem divina, ainda não conseguiu se libertar.

Nas páginas que você irá ler, desfilam, pois, personagens míticas e reais que se entrelaçam na experiência comum, revelando que o mito nada mais é que

a expressão da realidade que, não podendo ser compreendida em sua essência, foi relegada aos domínios do imaginário ou do sobrenatural.

Esperando que nosso despretenso esforço possa ser acolhido com a boa vontade de sempre, rogamos ao Senhor que a todos nos guarde e abençoe.

INÁCIO

FERREIRA

Uberaba - MG, 30 de junho de 2010.

ÍNDICE

Capítulo 1.....	11
Capítulo 2.....	18
Capítulo 3.....	26
Capítulo 4.....	33
Capítulo 5.....	40
Capítulo 6.....	47
Capítulo 7.....	54
Capítulo 8.....	61
Capítulo 9.....	68
Capítulo 10.....	75
Capítulo 11.....	82
Capítulo 12.....	89
Capítulo 13.....	96
Capítulo 14.....	103
Capítulo 15.....	110
Capítulo 16.....	118
Capítulo 17.....	126
Capítulo 18.....	134
Capítulo 19.....	142

ÍNDICE

Capítulo 20.....	150
Capítulo 21.....	157
Capítulo 22.....	164
Capítulo 23.....	172
Capítulo 24.....	180
Capítulo 25.....	188
Capítulo 26.....	196
Capítulo 27.....	204
Capítulo 28.....	212
Capítulo 29.....	220
Capítulo 30.....	227
Capítulo 31.....	235
Capítulo 32.....	243
Capítulo 33.....	251
Capítulo 34.....	258
Capítulo 35.....	266
Capítulo 36.....	274
Capítulo 37.....	282
Capítulo 38.....	290
Capítulo 39.....	298
Capítulo 40.....	306

CAPÍTULO

1

Precisamos continuar trabalhando - instava eu com o médium, tentando convencê-lo.

— Mas Dr. Inácio - argumentava, relutante, no diálogo mental que se desdobrou -, o senhor sabe que...

— Sei, sei que não é fácil, para você nem para mim, no entanto carecemos de ser fiéis ao compromisso; muitos permanecem na expectativa do nosso esforço conjunto, e não devemos decepcioná-los.

— Lançar-nos, assim, à empreitada de uma nova obra... Temo não estar à altura!

— Você teme, eu tenho certeza. Não, de fato, não estamos à altura, mas, se não trabalharmos, o que nos resta fazer? Você está aposentado, e eu... *morto!*

— É que, o senhor sabe, eu me angustio muito.

— Eu também.

— Quando estou escrevendo, ou melhor, quando o senhor está escrevendo por meu intermédio, sofro...

— Todo médium sofre e... todo espírito! Você acha, então, que eu estou aqui ditando palavras aos seus ouvidos? Mediunidade, que o diga o nosso caro Odilon Fernandes, é pensamento a pensamento - custamos a nos entender. Contento-me com eventuais e inevitáveis prejuízos no processo de transmissão.

— Para o senhor, a obra não é inédita, mas, para mim...

— Não, ela não é totalmente inédita para mim - sequer a tenho rascunhada! Pode ser que outros autores espirituais utilizem método diferente, que, por exemplo, efetuem anotações prévias ou coisa que o valha.

— Quer dizer?...

— Que estamos escrevendo juntos, agora, neste exato momento. Não vou dizer a você que não procuro promover uma certa aproximação...

— Há dias que o sinto...

— Rodeando-o, não é?, fazendo-lhe uma proposta de trabalho... Mas você também vive me *sintonizando*.

— Eu?!

— Qual o motivo do espanto? Sim, você, através de todos aqueles que o interpelam a respeito de um novo livro nosso!

— Chego a pensar...

— Que se trata de uma artimanha minha, não é? E se for? No sentido de incentivar os médiuns ao trabalho, temos que engenhar... Sinceramente, eu não sei o que vocês pensam de mediunidade. O médium não é

Espíritos e Deuses

um poste fincado no chão, sustentando a lâmpada acesa - ele é o *fio condutor da energia*, que capta na usina geradora; sem o fio, a energia não chega ao poste e, conseqüentemente, a lâmpada não se acende!

— Tem médium...?

— Com vocação para poste! Que este não seja o seu caso, pois, se for... terei que procurar outro, e achar médium disposto...

— Disposto?

— Sem preguiça! De modo geral, os médiuns não querem participar, dividindo conosco a responsabilidade do intercâmbio - querem tudo pronto. Isto não existe; seja existiu, não existe mais.

— O Dr. Odilon...

— O Odilon, com outros companheiros abnegados, tem feito o que pode, para, digamos, combater nos médiuns essa *síndrome de poste!* Vocês precisam aprender a buscar a *energia* na fonte, facilitando o contato.

— Há quem alega que semelhante providência, da parte dos médiuns, tira a espontaneidade do fenômeno...

— Tal alegação, trata-se de um sofisma. O fenômeno, por contar com a participação consciente deste ou daquele medianeiro, não perde em autenticidade. Nós, os *mortos*, não podemos continuar arcando com todo o trabalho - não é esta a passividade mediúnica que nos interessa.

— O senhor me desculpe, se sempre evoco o exemplo de Chico Xavier...

— Chico levou nove meses para psicografar "Paulo e Estêvão" - uma preciosidade literária!

— Na opinião do senhor, qual teria sido a participação dele na recepção do mencionado livro?

— Certamente, não a de mero instrumento - o médium não é um mero instrumento!

— Nunca?

— Nunca!

— Permita-me uma questão...

— Quantas você deseja.

— Como se desenvolverá este nosso novo trabalho?

— Não sei. Vai depender. É claro que tenho algumas ideias básicas, que pretendo abordar...

— Depender do quê?

— Basicamente, de você - das condições mediúnicas em que poderemos trabalhar, de suas oscilações psicológicas e... das minhas!

— Das influências espirituais negativas?...

— Não tanto.

— As vezes, como médium, eu me aborreço, quando o serviço não rende e não consigo, em todos os capítulos, manter um nível de qualidade.

— E natural: eu e você estamos somando imperfeições; o perfeccionismo pode ser uma ideia obsessiva... Sejamos nós mesmos - eis o que importa.

— Dr. Inácio, o Mundo Espiritual...

— ...é um continente desconhecido, até mesmo

Espíritos e Deuses

por nós, os que o povoamos. Os homens existem sobre a Terra há milhares e milhares de anos e ainda não a desvendaram por completo; aliás, estão muito longe disto... Conhecem-na superficialmente, no sentido literal. O homem quase nada sabe da vida que palpita no seio dos oceanos e no interior do orbe em que respira.

— O homem desconhece...

— ...bem lembrado, o seu próprio corpo!

— Eu não cheguei a falar!

— O seu pensamento me chegou antes.

— Incrível, não é, Doutor?

— O homem pouco sabe do corpo que lhe reveste a essência, pouco conhece da casa planetária em que se abriga e quer saber da Vastidão Etérea!

— O que sabemos das Dimensões Espirituais?...

— E o que sabemos de um grão de areia do Saara, não mais do que isso!

— Vocês, os espíritos?...

— Não, meu filho, o que temos são conjecturas; sabemos alguma coisa do que está à nossa volta...

— André Luiz?...

— ...representou e representa um avanço extraordinário, inigualável, mas tão-somente ergueu uma ponta do véu. Se pudesse tê-lo erguido mais...

— ...não acreditaríamos!

— Com certeza, não. Quando eu estava por aí e manuseei "Nosso Lar"...

— Desacreditou?

— Custei a assimilá-lo; precisei lê-lo e relê-lo diversas vezes, pensando, pensando...

— Tem gente que, até hoje, coloca certas informações em questão...

— Não é de se admirar e nem de se criticar.

— Dr. Inácio, desculpe-me, o senhor não está fazendo a defesa das obras que tem escrito por meu intermédio?

— As minhas obras de natureza mediúnica, ou seja, as nossas obras em regime de parceria, sinceramente, não fazem e não devem fazer parte das minhas e de suas cogitações a respeito; elas representam - estejamos ambos conscientes disto! - singelo ensaio das experiências que permutamos no conhecimento das coisas que nos empolgam o espírito. Você me conhece!

— Conheço.

— E eu conheço a você. Fosse de outra maneira, não estaríamos juntos.

— Depois da obra de Chico Xavier, eu tenho vergonha de apresentar qualquer trabalho ao leitor espírita, que, diga-se de passagem...

— ...é exigente e não sabe nada, qual nós mesmos!

— É mais ou menos por aí.

— É inteiramente por aí! Eu - permita-me -, *doutor da lei*, não sabia!... Somente quando desencarnei é que *incorporei* a minha ignorância. Você quer saber de uma coisa? Neste Outro Lado, eu não sei nem para onde dar o meu próximo passo...

Espíritos e Deuses

- O que significa?
- Meu filho, ainda bem que a gente tem o perispírito para nos preservar a individualidade! Caso contrário, perderíamos totalmente a referência...
- De espaço e tempo?
- E o que é pior: de nós mesmos! Graças ao perispírito é que eu continuo sabendo quem sou - que sou o Inácio e me chamo Inácio!
- Por este motivo?...
- ...tudo por aqui tem que ser mais ou menos igual ao que é por aí. Vejamos: os homens foram à Lua e tiveram que permanecer amarrados à nave espacial, para não saírem voando, perdidos no Cosmos.
- E estamos falando de mundos de natureza física semelhante.
- Agora, você imagina o espírito que, de repente, perde o seu referencial milenar - o corpo de carne - e, na condição de naufrago, chega às praias do Infinito...
- Dr. Inácio, é de fazer a cabeça da gente rodopiar!
- Rodopiar e dar cambalhotas, meu filho!
- Como pode ser isto, se o Mundo Espiritual é "preexistente e sobrevivente a tudo"?... Que coisa! A desencarnação não deveria ser novidade para nós!

CAPÍTULO

2

E nem a reencarnação para nós, os candidatos a ela. (Assim, demos sequência ao proveitoso diálogo, como se o médium e eu estivéssemos num de nossos bate-papos descontraídos na biblioteca de minha antiga moradia.) O fato, porém, é que a gente reencarna e esquece...

— E, depois, desencarna e não se lembra - pelo menos, não totalmente e de imediato.

— Você tocou num assunto que sempre me intrigou e, a bem da verdade, intriga até hoje, de vez que continuo a estudá-lo.

— O que é?

— Quando militava nas sessões de desobsessão, eu ficava sem entender os espíritos inconscientes da própria condição de desencarnados. Cheguei a conversar com Modesta - a nossa estimada Maria Modesto Cravo, médium de excepcionais faculdades - diversas vezes.

Espíritos e Deuses

- O que o senhor acha que ocorre?
- Que é um problema de ordem mental, não padece qualquer dúvida.
- De ordem espiritual, em suma?
- Sim, mas em nível de cérebro e mente. Eu ficava comparando os doentes do Sanatório, alheios à sua realidade existencial - parcial ou totalmente alheios -, com os espíritos que se comunicavam sem noção do próprio desenlace do corpo...
- Interessante é que, para desencarnar, quase todos adoecem...
- Aí é que está: adoecem, mas esperam o Céu, depois da morte, como não se deparam com ele...
- Nem com o Inferno.
- Embora a probabilidade neste caso seja maior, não atinam com a morte: raros, inclusive, constataam mudança na paisagem ao redor, pois a Terra também tem o seu *duplo*...
- Tem o caso...
- ...sim, dentre outros, tem o caso dos espíritos que não querem aceitar a versão diferente com que a chamada *morte* se lhes apresenta.
- Não querem ou não podem?
- Alguns não querem, outros não podem.
- Não querem?
- Oferecem resistência à Verdade. Acreditam que podem fazer com que a Verdade seja conforme se habituaram ou foram habituados a nela crer...

— É uma questão de cultura religiosa, não? Li alguma coisa a respeito, depoimentos de pessoas que foram consideradas clinicamente mortas; cada qual, dependendo de seu credo, teve um tipo de experiência.

— Não estou me referindo aos casos de EQM - Experiência de Quase Morte, que são curiosíssimos e, por si sós, deveriam despertar maior interesse dos pesquisadores, cientistas e religiosos não-fanáticos; refiro-me aos que, exercitando a sua faculdade criadora insistem em imaginar a vida...

— Imaginar a vida do Outro Lado?

— Sim, criar o seu universo com a força plasmatrizadora da mente!

— Dr. Inácio, não é possível!

— Por que não? Espíritos que pensam igual formam extensas comunidades. Tudo não é tão simples assim; se fosse, ao desencarnar, o homem se defrontaria com a verdade - e vamos escrever aqui verdade com v minúsculo, já que não temos pretensão de cogitar da Grande Verdade, da Verdade Integral e Absoluta.

— Esses espíritos rebelam-se?

— Agrupam-se naturalmente; "semelhante atrai semelhante"...

— Agem por mal?

— Quanto mais vivo - e a perspectiva é de que viva eternamente - convenço-me de que o mal não existe; trata-se de um estado ilusório, acidente de percurso na caminhada evolutiva do espírito... Todos somos, es-

Espíritos e Deuses

sencialmente, bons! Filhos de Deus, não poderíamos sequer admitir a menor parte de nós destoando das virtudes divinas. Não, o mal não existe, não tem consistência: é exteriorização transitória da mente! Acreditar nele é a mesma coisa que tentar agarrar fumaça com as mãos.

— Por que, no entanto, insistem em seus pontos de vista?

— Mais cedo ou mais tarde, haverão de cair em si. A violência, qualquer forma de violência, não consta das Leis que regem os princípios da Criação; a educação do espírito, a sua conscientização, não lhe é imposta... Aprendemos à custa do próprio esforço, sob a influência do meio e das circunstâncias em que vivemos.

— O processo, então...?

— ...pode levar milênios. Deus, que é a Eternidade, não tem pressa; o tempo não conta para Ele: a questão do tempo fica afeta a nós, prisioneiros do convencionalismo...

— Deus não tem pressa?

— Pressa para quê, se Ele não pretende chegar a parte alguma? Se Ele está, esteve e sempre estará onde deve estar?

— O senhor disse: *alguns não querem, outros não podem...*

— Os que não podem são os que se encontram em outro nível de imaturidade - espíritos comuns, incapa-

zes ainda de pensar por si mesmos; não conquistaram certa independência intelectual.

— Os que não podem?...

— ...são mentes submissas, não raro dominadas com tirania pelos que não querem.

— Todos os que não querem são insinceros?

— Não generalizemos! Existem os que não querem por nada terem encontrado, além da morte, conforme foram instruídos e passaram a instruir.

— Dr. Inácio, será que os nossos leitores entenderão?

— Esforcemo-nos por simplificar. De minha parte, estou me empenhando ao máximo. É importante que os nossos irmãos compreendam.

— O senhor não se importa de repetir?

— Não, de forma alguma; eu também nunca fui de apanhar as coisas assim tão depressa... Vamos com calma.

— Os que não querem por nada terem encontrado?...

— Digamos, a grosso modo, que, indo ver uma casa para alugar, com ela se depararam completamente vazia, sem mobiliário...

— Estou entendendo, mas os outros...

— Você não é mais inteligente, não! Os outros entenderão.

— O senhor poderia clarear mais?

— Só se me arranjam uma lanterna! O proble-

Espíritos e Deuses

ma, meu filho, é que não estamos acostumados a pensar nisto - aliás, os ocidentais não são dados à meditação: é a cultura do "tudo pronto", do "tudo mastigado"... O ocidental sequer consegue ficar naquela posição de lotus dos iogues - os joelhos não se dobram para os lados, só para a frente... E um pequeno defeito religioso!

— Um problema de articulação.

— De articulação espiritual!

— Bem, se deparam com a casa vazia, sem mobiliário...

— Passando a *decorá-la* segundo as suas possibilidades...

— O que o senhor quer dizer?

— Começam a trazer os móveis da casa velha. Na impossibilidade de adquiri-los novos, efetuam a sua mudança para Cá, transportando as tranqueiras da Terra...

— *Levam* a Terra para o Mundo Espiritual.

— Em vez de *levarem* o Mundo Espiritual para a Terra!

— Complicou outra vez!

— Pare um pouco, vá tomar um café...

— O café poderá me fazer ainda mais perder o fio da meada.

— Meada! Agora você me fez lembrar da miada dos meus gatos... Que saudade!

— A vida na Terra não é um retrato da vida no Mundo Espiritual?

— Uma caricatura; se quiser, uma foto descolorida e feia.

— Os espíritos, em geral, não se misturam no Além?

— Não! É óbvio - deixemos claro - que não estamos nos referindo às Esferas Superiores, embora em certas Esferas Superiores, até determinada altura...

— ...até determinada altura das Esferas Superiores...?

— ...prevalecem diferenças de concepção...

— O mal?

— Não, o mal é condição quase totalmente superada. Não vou me arriscar a dizer *completamente superada*, pois, enquanto não *mergulhamos em Deus*...

— Diferenças de concepção - o que quer dizer?

— Discussões que transcendem... Mesmo os Espíritos Superiores divergem em determinados pontos de vista, com respeito às origens da Criação. Apenas na Esfera Crística...

— Esfera Crística?!...

— Entre os espíritos que comungam diretamente com o Cristo, que possuem relativo acesso ao seu Pensamento - somente entre eles há homogeneidade de ideias: todos pensam como se fossem um!

— Pensam como Jesus?

— Ainda não, porque pensar como Jesus significaria pensar como a Mente Divina, o que nenhum deles, por enquanto, pode lograr. Para a Humanidade - vamos

Espíritos e Deuses

nos ater à Humanidade Terrestre -, Jesus Cristo é Único!

- Nenhum outro?
- Nenhum outro.
- Da Esfera Crística para baixo?
- Eu vou responder.

CAPÍTULO

3

Eu me encontrava em meu gabinete de trabalho no Hospital, naquele começo de noite, esperando a visita do Odilon, que, de tempos em tempos, aparecia para conversarmos. Tudo estava relativamente tranquilo, e me punha a desenhar sobre pequena folha de papel, efetuando um esboço primário - nunca fui bom desenhista, mas tentava dar forma a um cilindro, com diversos cilindros, de comprimento e espessura variáveis, dentro... Alguma coisa mais ou menos assim; vocês, por favor, façam um esforço, pois, quando estudante, eu mal conseguia desenhar um círculo com o compasso! Sempre fui péssimo em muita coisa, e a morte não me dotara de habilidades que eu não possuía. Reminiscências do passado? Se existiam em mim, ainda não haviam aparecido... Com certeza, nunca fora músico, ator, pintor; no máximo, um arremedo de poeta, nos versos que me atrevia a fazer - fora da métrica, da rima e tudo mais que caracteriza um poema... singular.

Espíritos e Deuses

— Como vai, Doutor? - cumprimentou-me, alegre, o amigo que chegara.

Levantei-me, estendi-lhe a mão e soltei a caneta por cima da lauda que rabiscava, chamando a atenção do companheiro, que perguntou:

— Desenhando?

— Umas bobagens minhas, ideias que, ultimamente, me têm vindo à cabeça; nada de importante...

— Permita-me ver, Doutor? - solicitou, detendo-me na ação de amassar o papel e jogá-lo no lixo.

— É apenas um cilindro ou algo parecido - expliquei, feito um aluno que se apressasse em se desculpar.

— O que quer representar? - indagou, deixando-me à vontade para o diálogo, enquanto examinava a imperfeita figura geométrica.

— É a concepção de Einstein do Universo - um cilindro! Eu imaginava que o Universo fosse redondo...

— E esses tubos dentro, alguns menores, outros maiores?

— Está mais para um órgão ou uma flauta de Pan, não é? Estes "tubos", Odilon, são ou, pelo menos, querem ser cilindros pequenos - universos menores!

— Que interessante! Prossiga.

— O universo maior - continuei um pouco mais animado - é o de Deus; os cilindros, ou seja, os universos menores são os dos homens!

— Onde o senhor leu a respeito?

— Não, não li. Trata-se de um pensamento bobo:

falta de ter o que fazer ou de querer procurar o que fazer...

— É algo originalíssimo! - exclamou o amigo, entusiasmado. — Como, de fato, a Verdade está por aí, solta no ar...

— Quem a soltou? Enjaulem-na, depressa!

— Não estou brincando, Doutor.

— Nem eu - redargui, confesso, sem a intenção de fazer piada.

— Os físicos modernos...

— De físico, eu só entendo, mal, do meu corpo...

— Os físicos modernos - insistiu Odilon, sem desviar a linha de raciocínio - estão tendo esta concepção do Universo e da Vida!

— Os físicos de onde, da Terra?

— Alguns poucos de lá...

— Eu admiro Einstein; não sei mais nada de ninguém.

— Universos paralelos!

— Já ouvi falar.

— Mais do que isto, doutor: universos mentais paralelos!

— Agora, sim, comecei a me interessar.

— O senhor se lembra dos nossos comentários, daqueles que fazíamos...

— Quando encarnados?

— Sim; comentávamos sobre as reuniões de de-

Espíritos e Deuses

sobsessão, mais especificamente sobre os espíritos que nelas se comunicavam.

— É um assunto que ainda hoje me intriga. Sinceramente! Eu imaginei que a desencarnação me trouxesse a solução do enigma, que, diga-se de passagem, é também de natureza doutrinária.

— Está aqui! Eis a solução!

— Onde? - perguntei, basbaque.

— No esboço feito pelo senhor...

— Ora, Odilon, a sua convivência comigo o está transformando num humorista, e de primeira! Eu vou cobrar *royalties*... Nem sei como se pronuncia esta palavra. Eu vou cobrar franquia, pronto!

— O Universo das religiões...

— Hem?!...

— O senhor se recorda de que, por exemplo, em nossas sessões mediúnicas, fossem no Sanatório ou na "Casa do Cinza", nunca apareciam...

— ...espíritos budistas!

— Isto!

— Hinduístas...

— Nem tampouco taoístas ou muçulmanos.

— Era muito raro aparecer um deles; católicos e protestantes eram mais frequentes...

— Materialistas também.

— E espíritas!

— A cultura religiosa oriental...

— Sabemos que até hoje é assim - não sei se por

dificuldade de sintonia dos médiuns. Você se lembra de que discutíamos muito este tópico, Odilon?

— Alguns se desgarravam, não é? De quando em quando, aparecia um cristão de outro segmento religioso.

— Uma única vez, conversei com um muçulmano, todavia, com padres...

— Não era, Doutor, e não é apenas uma questão idiomática, dificultando o trabalho dos médiuns: o pensamento universal...

— A Modesta me dizia que sequer chegava a sentir um deles por perto; espíritos mais liberais apareciam com relativa frequência.

— Cientistas, filósofos...

— Pude dialogar com alguns deles, especialmente franceses e espanhóis; expressavam-se em português, no máximo falando arrastado.

— Sem tanta necessidade disto - pontificou o Mentor -, os médiuns é que se sentiam sugestionados pela presença deles; poderiam se expressar sem sotaque.

— Era um arremedo de xenoglossia, não? Talvez para conferir maior autenticidade ao fenômeno.

— E para impressionar; contudo um expediente mediúnico dispensável.

— Observação sem crítica!

— Sem crítica alguma; estamos apenas estudando.

O fato dava-se na psicofonia, na *incorporação*...

Espíritos e Deuses

— Na psicografia não acontecia e não acontece - *escrever com sotaque!* **Por que será?**

— O homem domina o mecanismo da fala há mais tempo; a escrita é uma conquista recente.

— Prefiro falar a escrever! Por este motivo, é provável que eu nunca chegue, de fato, a ser escritor.

— O senhor tem a eternidade pela frente!

— Você, deveras, Odilon, está me saindo melhor que a encomenda!

Sorrimos, e o amigo continuou:

— O seu esquema é interessantíssimo - disse, examinando a folha em suas mãos. — O universo das religiões! Isto explica muita coisa...

— Será - perguntei - que eu estaria preparado para escrever algo a respeito?

— Por que não?

— Eu era psiquiatra e nem isto sou mais; estou aqui tomando conta de um hospital - dou-me muito bem como carcereiro... Não conseguiria colocar no papel o que você está me dizendo - faltar-me-iam palavras -, ainda mais escrevendo por um médium...

— Vale a tentativa. Sua concepção é bem próxima da realidade... Lance a ideia, e que outros, que se sentirem mais habilitados, a desenvolvam. Universos mentais paralelos criando mundos paralelos!...

— O Cristo?...

— Para nós, os cristãos, paira acima disto tudo.

— Acima de Buda, de Maomé?...

- O Senhor é Cocriador do planeta em que vivemos e...
- Não apenas do orbe terrestre, não?
- Iguamente das Dimensões Espirituais que o circundam!...
- Um maometano, um judeu o consideram somente na condição de profeta...
- O Profeta dos profetas!
- Os universos paralelos principais?
- São os que congregam maior número de espíritos, exercitando o poder criador do pensamento.
- Quais poderíamos destacar?
- O universo católico, o muçulmano, o judeu, o hinduísta, o budista, o que poderíamos chamar de *bíblico* - não necessariamente nesta ordem de extensão e influência.
- E o universo espírita?
- O Universo, Doutor, é naturalmente espírita; agora, do ponto de vista doutrinário, é insignificante...
- Dos Dois Lados da Vida?
- Sim, a não ser nas Esferas que transcendem a formalidade das religiões.
- A religião que se formaliza...?
- ...perde em espiritualidade.
- O Espiritismo, convenhamos, tem se organizado...

CAPÍTULO

4

... Com reais prejuízos para as verdades que defende - sentenciou Odilon.

- O perigo...?**
- ...está na hierarquização, na ausência de espontaneidade, no Movimento feito pelos homens...**
- Como proceder?**
- Não podemos ter um *Vaticano espírita* no Lado de Cá!**
- Não temos, temos?**
- Tem gente querendo criar.**
- Meu Deus!**
- Os católicos têm o seu Vaticano.**
- Os muçulmanos, a sua Meca?**
- É óbvio!**
- Os budistas, o seu Nirvana?**
- Sim.**
- É difícil conceber tudo isto.**

- À mente humana, Doutor, nada é impossível.
 - Isso eu sei!
 - Dos tubos cilíndricos que o senhor desenhou...
 - Dentro do cilindro maior...
 - ...podemos retirar o cilindro que representaria o universo espírita! A título de praticidade, deixemos apenas os que simbolizam os seis universos que citamos.
 - O católico, o muçulmano, o judeu, o hinduísta, o budista, o *bíblico*...
 - O budista, mais por tradição do que propriamente por força; a sua filosofia é interessante.
 - Buda viveu antes de Cristo!
 - Foi um de seus Emissários, ao lado de Moisés, de Lao-Tsé, de Sócrates...
 - De Maomé...
 - Até mesmo Maomé!
 - Ele reuniu as tribos nômades, combateu o politeísmo.
 - Mas, infelizmente, fez a apologia da guerra - da "guerra santa" - e incutiu o fanatismo nas mentes. Eu não sei como, no grande futuro, as religiões haverão de se entender na Terra... Só existe um caminho: a unificação em Jesus Cristo!
 - Séculos e séculos rolarão...
 - Doutor, não seja tão pessimista!
 - Não, eu estou sendo otimista; pessimista, se tivesse dito que milênios e milênios rolarão.
- Neste instante, abrindo a porta do consultório com

Espíritos e Deuses

delicadeza, Modesta, pedindo licença, veio se juntar a nós.

— Sente-se, minha irmã - solicitou Odilon, cavalheirescamente cedendo-lhe a poltrona.

— Fique à vontade, Doutor - agradeceu a companheira -; o que não falta aqui é cadeira, não é, Inácio?

— Quando os nossos irmãos terrenos ou terráqueos, poderiam pensar que espírito também se senta! Eles imaginam que a gente só conversa de pé ou levitando...

— O Inácio não perde oportunidade de cutucar...

— Principalmente os espíritas, Modesta!

— Estávamos falando sobre as nossas sessões mediúnicas - explicou Odilon -, destacando que, nelas, raramente se comunicava um espírito da cultura oriental.

— A não ser um oriental ocidentalizado, aclimado à nossa cultura. É mesmo! - exclamou a notável médium, que, naturalmente, começou a participar da conversa que entabulávamos.

— Você nunca *recebeu* um budista desencarnado, não é, Modesta? - indaguei-lhe.

— Que eu me recorde, não.

— Nem procurou sintonia com eles? - inquiriu o Instrutor.

— Tentei por algumas vezes, pois, na condição de médium, eu também estimaria ouvi-los, mas nada, nenhum deles por perto.

— A senhora...

— *A senhora, não: você, Doutor!*

— É questão de hábito, desculpe-me.

— Modesta, é melhor assim - aparteei. — Caso contrário, vamos provocar uma confusão danada na cabeça do médium!

— Se é assim...

— A senhora, pelo menos, chegou a sentir algum deles: um budista, um judeu ortodoxo, um muçulmano, um xintoísta...

— Odilon, mesmo que quisessem, os padres não deixavam esse pessoal se aproximar, não; era carga total sobre o Sanatório! Você não se lembra? Era só gente de batina!...

— Certa vez, motivada por uma leitura que fizera na véspera sobre a vida de Buda, fiquei pensando, pensando...

— Mediunidade tem dessas coisas: cabe também ao médium a iniciativa de estabelecer sintonia - endossou o Instrutor, convicto.

— Esforcei-me, ao máximo, naquela noite, tentando me isolar psiquicamente de outras entidades que sempre estavam conosco; rastreei mentalmente quanto pude, chegando a me desgastar...

— Modesta porejava suor e... nada! Raramente a vi com tanta dificuldade para *incorporar*...

— Eu queria entender a sua forma de sobrevivência, como, afinal, era a dimensão em que se movimentavam após a morte... Não consegui visualizar um deles sequer!

Espíritos e Deuses

— "O Livro dos Espíritos", tratando da questão da vida no Mundo Espiritual...

— Odilon, "O Livro dos Espíritos" trata de forma genérica; à época, não houve condições de maior detalhamento...

— Doutor, o que eu queria dizer é que todos sobrevivemos à morte do corpo. Este é um princípio básico; agora, cada qual sobrevive...

— ...sobrevive como pode, como sua mente o permite!

— O espírito gravita ao redor de suas aspirações...

— Permitam-me concluir - pediu Modesta. — Depois de quase 30 minutos, o meu único registro foi o de um estranho silêncio, como se aqueles espíritos, em estado de contemplação interior, não existissem.

— Excessivamente introspectivos!

— Não falavam, não pensavam... Comentei com você, Inácio. Era como se, para eles, nada mais significasse alguma coisa - um Mundo Espiritual vazio!

— Para os budistas, a forma é uma ilusão - aduziu Odilon. — Sabemos que a matéria toma a forma que lhe damos; se não lhe damos forma alguma... A Vida exterior é uma projeção do nosso pensamento.

— Assim como o Universo é uma projeção do Pensamento Divino.

— O Universo em sua essência! - concordou o Mentor.

— A Terra, em seus primórdios?...

— Doutor, trata-se, evidentemente, de uma simples conjectura! Quem sou eu?!

— Se você não sabe - aliviei a tensão natural de assunto tão sério -, o que me resta saber? Por favor, esclareçam-me, quem sou? Um verme, um roedor?...

— Inácio, em futuras existências, você ainda há de ser...

— ...um Cantinflas, um Zé Trindade, um Mazza-ropü...

— Pausa para a minha conjectura, Doutor, em resposta à sua pergunta.

— Pois não!

— O orbe planetário, há bilhões de anos atrás, em seu estado natural, refletia a nossa condição natural primitiva: *estávamos* nas pedras, nas folhas, nas florestas, nas fontes, nos rios, nos animais... A Divina Providência deu-nos um berço compatível.

— Com a criança que éramos...

— Criança somos ainda hoje! Dizendo melhor, com o *vir-a-ser* que éramos...

— Princípio espiritual!

— Crescemos com a Terra!

— Que maravilha! - exclamou Modesta, emocionada.

— A Terra quase desolada da atualidade...?

— É o nosso retrato íntimo!

— Estamos piorando, Odilon, regredindo?

— Não, o progresso é inexorável; tem-se a im-

Espíritos e Deuses

pressão do contrário, mas são definitivas as conquistas da evolução.

— Muitas civilizações desapareceram...

— ...para ressurgirem mais tarde - respondeu-me o Instrutor com segurança. — Os mesmos espíritos, renascendo em culturas diferentes, construindo e reconstruindo... Nada, absolutamente nada, se opõe aos Desígnios de Deus.

— Os obstáculos...?

— *Salto quântico* de qualidade... Os empecilhos, engendrados pelo próprio homem, são motivações ao trabalho, desafios à inteligência.

— Dr. Odilon - interveio Modesta, interessada -, o orbe terrestre nos reflete a condição espiritual?

— Como uma casa reflete o estado de seus moradores, nos menores detalhes.

— No asseio, no arranjo dos móveis, na paz ambiente...

— Sim, inclusive em suas preferências alimentares, em seus hábitos, em seu modo de relacionar-se uns com os outros, com a vizinhança... E vamos estendendo a nossa influência.

5

— A Terra - prosseguiu o Mentor - é um organismo vivo, com o qual nos encontramos integrados; o homem nada mais é que um dos elementos da Natureza. A medida que fomos evoluindo, o nosso pensamento foi se exercitando em sua capacidade criadora; concebíamos e, utilizando as mãos, dávamos forma à ideia concebida...

— Brincando de Deus! - exclamei.

— Como uma criança com massa de modelar.

— Por este motivo, a encarnação nos é necessária?

— Imprescindível, já que, no mundo físico, vivemos em um meio mais compatível... Não sei se estou me expressando com clareza.

— Você sempre é preciso em suas colocações, Odilon. Gostaria apenas, a título de facilitar para os nossos irmãos aos quais pretendo escrever de esmiuçar o assunto um pouco mais. O espírito não lograria cumprir toda a sua trajetória evolutiva no Mundo Espiritual?

Espíritos e Deuses

— Não. A encarnação, voltamos a frisar, é uma imposição evolutiva...

— E não uma punição?

— Trata-se de um processo pedagógico; a criança não chega à Universidade sem, antes, se alfabetizar e adquirir conhecimentos básicos. A Lei do Carma não é punitiva.

— Nunca?

— Em essência, não. O objetivo é sempre o de educar ou reeducar. Ninguém sofre somente com o propósito de verter lágrimas... A Terra é um Plano Espiritual compatível com a nossa natureza - por esta razão, vivemos alternando situações, no corpo de carne e fora dele. Estamos aprendendo a *respirar* por aqui; figuradamente, não temos pulmões para uma atmosfera tão rarefeita!

— Continue, continue - solicitei ao amigo que não pausasse.

— Assim como não temos pulmões a fim de vivermos na Terra para sempre...

— ...não os temos para ficarmos por aqui, desencarnados, por tempo longo.

— E vivemos...?

— ...nos adaptando, gradativamente.

— A vida na Terra ou no Além?

— À vida no Além, subindo sempre...

— Quando estivermos mais habituados a viver nesta Dimensão mais eterizada...?

— ...ascenderemos a Plano Superior - concluiu Modesta.

— Exatamente; submetendo-nos ao mesmo processo...

— ...subimos um degrau, paramos, respiramos e...

— ...apoiamos o pé no próximo, até que, um dia, alcancemos o topo da escada!

— Sem reencarnar...?

— ...o espírito não adestraria as suas faculdades de percepção.

— O contato com a matéria grosseira, de que a vida no mundo se constitui...?

— ...o coloca em sintonia com o próprio nível de consciência, ou seja, com a realidade espaço-tempo compatível.

— Se o espírito não reencarnasse? - insistiu Modesta.

— Não possuiria elementos para evoluir - respondeu Odilon. — Vejamos: a vida começou no mar e, paulatinamente, veio para a terra...

— E, depois, para o ar!

— Exato, Doutor. O corpo humano...

— ...se desenvolve num meio líquido.

— Do meio líquido, vem para a terra.

— Poderíamos, então, dizer: o homem é um animal aquático, terrestre e aéreo...

— A vida orgânica, já que o homem, enquanto no corpo denso, não possui a faculdade da volitação.

Espíritos e Deuses

— Que, não obstante, os espíritos possuem!

— Dr. Odilon, por favor - atalhou Modesta -:
criado simples e ignorante, o *espírito* foi projetado a
distância...

— Rumo à *periferia* da Criação; foi viver nas ad-
jacências do Foco de Toda a Luz - intrometi-me com
espontaneidade.

— É por aí... O Universo material, de fato bem
colocado pelo senhor, é *periferia*... Estamos num movi-
mento de volta às origens.

— O assunto é de uma complexidade.

— E de uma transcendência sublime, Doutor!

— Tudo é Mundo Espiritual ou tudo é Mundo Ma-
terial? - inquiri.

— Tudo é energia, mais ou menos compacta.
Quanto mais longe de Deus, menor a velocidade com
que as partículas se movimentam - eis a matéria!

— Quanto mais próximo do Criador...?

— ...maior a velocidade, o dinamismo da Vida -
eis o espírito!

— A velocidade da luz é estonteante!

— Em nosso meio, Doutor, onde a luz, para se
propagar, deve vencer aglomerações de treva; nas Di-
mensões Superiores, a velocidade da luz é infinitamente
maior...

— ...que 350.000 km por segundo? Incrível!

— Por isto, por uma questão até de Física, se diz
que Deus abarca a Eternidade!

- Consegue estar presente em toda parte...
 - O dom da multiubiquidade levado ao infinito!
- definiu Modesta.

Confesso-lhes que, àquelas alturas, eu já estava com a cabeça um tanto cansada - o meu *lado aéreo* começara a funcionar...

— Odilon - falei, provocando -, a gente aqui cogitando de tanta coisa e o estômago reclamando comida... Estou com fome. O que vocês querem? Feijoadá, lasanha, pernil assado?...

— Inácio - observou Modesta, sorrindo —, você continua o incorrigível de sempre!

— Não, não é isto: é que isto tudo é muito para a minha e para a cabeça da maioria de meus irmãos *lá embaixo*... E tudo começou com este desenho que fiz, Modesta. O Odilon é capaz de tirar leite de pedra! O pessoal *lá embaixo*, e mesmo nós, por aqui, ainda temos que ir ao banheiro!... Eles sequer acreditam que somos dotados de estômago, de intestinos e tudo mais.

— Doutor, vamos ficar no "tudo o mais" - advertiu, fraternalmente, o companheiro.

— O que tenho escrito já vem rendendo muita confusão... E, querem saber de uma coisa? Vai render mais, porque eu não vou ficar calado. Eles lá é que se virem!

— Dr. Odilon - perguntou Modesta -, não nos seria possível uma visita, ainda que rápida, uma excursão de aprendizado, para que pudéssemos colher mais pre-

Espíritos e Deuses

cisas informações a respeito desses universos mentais paralelos?

— Uma viagem à Índia, Odilon, observando o que se passa em suas regiões espirituais mais próximas... Seria extremamente interessante. Visitaríamos um desses cilindros menores, não é? - o universo hinduísta!

— Creio que não haverá problema - concordou o Mentor -, mesmo porque o território indiano é de livre trânsito aos estudiosos e pesquisadores; a Índia, ao contrário de tantos outros países, marcados pelo preconceito e fanatismo, não se constitui em ameaça para os turistas que desejem conhecer-lhe a cultura milenar... Poderíamos, sim, programar uma excursão que, tenho certeza, muito nos acrescentará à compreensão da Vida além da morte.

— Para quando, Doutor? - indagou Modesta, tão ansiosa quanto eu.

— Para daqui a duas semanas; teríamos tempo para nos preparar e cuidar de alguns problemas pendentes em nossas tarefas.

— Quem diria que, depois de *morto*, eu pudesse satisfazer a minha vontade de conhecer um país de tantas tradições! Eu não trocava uma viagem à Índia por nenhum outro país da Europa, nem mesmo pela França, o berço do Espiritismo! E, depois, de Espiritismo na França quase só resta o túmulo de Allan Kardec, no Père Lachaise...

— Não é bem assim, Doutor - ponderou Odilon -;

existem alguns grupos remanescentes. O vento das adversidades não apagou de todo a chama... Não nos esqueçamos de que, no decurso de três décadas, a Europa se viu mergulhada em duas grandes guerras que a afligiram pelo total de dez anos!

— Conspiração das trevas, não? A Doutrina estava indo tão bem por lá!

— Não podemos dizer que as guerras tenham sido provocadas com o propósito de obstruir o progresso da Doutrina, mas, sem dúvida, é sempre com a intenção de fazer com que os valores da civilização se percam.

— Eu sou um pouco mais radical, Odilon. Analisemos a questão no Oriente... Desde que Jesus nasceu, e mesmo antes, tem-se a impressão de que as trevas querem apagar os derradeiros vestígios de sua Presença no mundo: motivadas por problemas políticos e econômicos de fundo religioso, é uma guerra após outra...

— Sem contar - reforçou Modesta - o que foi feito aos judeus durante a Segunda Guerra: mais uma vez, quase foram exterminados!

— Não por serem judeus - isso foi um falso pretexto -, mas por descenderem do Cristo.

— O assunto, Doutor, é complexo, e o senhor não deixa de ter boa parcela de razão.

CAPÍTULO

6

○ intuito - continuei - é o de se opor ao Evangelho; para mim, não se trata de petróleo, coisa nenhuma! Muitos americanos é que estão de olho no petróleo do mundo árabe...

— Doutor, não nos convém prejudicar intenções.

— Eu sei, Odilon, eu sei; no entanto, para os analistas políticos, isto parece estar mais do que claro; os jornais do mundo denunciam todos os dias essas manobras escusas - alegam que agem em defesa da democracia, mas, desculpe-me, eu não acredito. Os árabes e os judeus, que são povos irmãos, brigam por conta de religião, disputando pedaços de terra que consideram sagrada; paralelamente, os americanos e seus aliados... E uma coisa impressionante!

— O Brasil que se cuide, não é? - comentou Modesta.

— Com o Brasil, não será o petróleo; será a Amazônia...

— Doutor!...

— Odilon, eu estou querendo destacar a perseguição ao Evangelho. Para onde emigra a luz, as trevas acompanham! Fadado a ser o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho, o Brasil está começando a se perder: violência, corrupção, tráfico de drogas, fabricação de armas... Não faz muito que o Espiritismo chegou ao nosso país, com a sua proposta de reviver o Cristianismo! A Amazônia... Você quer saber a minha opinião: se uma comissão internacional não tomar conta da Amazônia, administrá-la, em breve não restará uma única árvore em pé! É uma pena, os brasileiros...

— Nós, os brasileiros, Inácio...

— Modesta, eu já estou me sentindo um extraterrestre; já desencarnei há mais de vinte anos e me considero um cidadão do Universo. Amo, sim, aquele pedaço de chão, que é o Brasil, porém... Certa vez, eu queria pegar o General De Gaulle pelos colarinhos, quando declarou que o nosso país não era sério - no tamanho, dava dois de mim, mas sairia com ele na bronca... Que arrogância, que prepotência! Agora...

— Você está dando razão a ele?

— Se o encontrasse, solicitaria: — Ó do boné, o Brasil é um país muito sério; alguns poucos brasileiros é que não são tanto... Por favor, reconsidere!

Odilon, calado, sorria, ante o meu inflamado discurso patriótico.

— E os brasileiros são assim - justificava -, por-

Espíritos e Deuses

que quase todos são franceses reencarnados! Com esse negócio da guerra por lá e do Espiritismo vir para cá, vocês...

— Doutor!...

— Não, Odilon, eu não vou dizer qualquer impropriedade, porque muito nos honra o fato de Allan Kardec ter vindo, só que, de quebra...

— Inácio!...

— Até você, Modesta, me controlando?! Eu ia dizer: de quebra, veio um povinho...

— Do qual muito fazemos parte, doutor!

— Odilon, essa história do espírita brasileiro achar que é francês reencarnado... Tem muito espírita, a maioria, que é nativo do Brasil mesmo. Deus me livre de espírita de sangue azul!

Fizemos uma pausa e, retomando a seriedade, perguntei ao Instrutor:

— Você não acha, Odilon, que há uma perseguição das trevas ao Evangelho, acirrada e sem tréguas?

— Acho, sinceramente acho. As artimanhas para comprometer e ridicularizar o trabalho do Cristo e de seus Prepostos são inimagináveis - o alvo da perseguição, em todos os tempos, é mesmo Jesus!

— Qual o motivo de tanto ódio?

— Por causa da proposta de renovação íntima! O homem é capaz de fazer tudo pelo Reino dos Céus, inclusive sacrificar-se como "homem-bomba", transfor-

mando-se em mártir da fé, menos ceder em seu egoísmo, menos renovar-se!

— **O que é essencial! - enfatizei.**

— **O Senhor nos solicita o desprendimento dos bens materiais e, conseqüentemente, de toda cobiça - observou Modesta.**

— **As trevas - comentou o Instrutor - trabalham justamente sobre o espírito de posse da criatura.**

— **O problema das religiões na Terra, salvo uma ou outra exceção - nem sei se há! -, no fundo não é tanto de ordem teológica, quanto de domínio político. Posso até estar equivocado...**

— **Se nos concentrássemos em nossa necessidade de espiritualização, não valorizaríamos os conflitos de natureza doutrinária, sobrepondo a letra que mata ao espírito que vivifica.**

— **Não existe maior contrassenso que as guerras motivadas pela religião! Os crimes, por exemplo, praticados pela Inquisição ainda pesam sobre a consciência da Humanidade; os cristãos fizeram pior do que os nazistas!...**

— **A responsabilidade dos espíritas é grande - acentuou Modesta.**

— **O pessoal, no entanto, parece não estar plenamente consciente. Sinto que o Movimento está começando a enveredar por perigosos caminhos... O assédio do Mundo Espiritual inferior tem sido implacável, sobre dirigentes e médiuns. Concorda, Odilon?**

Espíritos e Deuses

— Precisamos, todos, estar atentos, de vez que, até fora do corpo, podemos ser atingidos.

— Até fora do corpo?...

— Doutor, existem entidades de mente poderosa vibrando negativamente contra nós - vibram contra os médiuns e contra nós, que necessitamos, igualmente, de permanecer vigilantes.

— Influência espiritual a distância?

— Induzindo-nos à fascinação... Companheiros valorosos têm se desvirtuado assim. A única defesa é o trabalho aliado à humildade. Essas entidades procuram nos alcançar em nossas fragilidades pessoais.

— E somos um campo fértil! Vaidade, personalismo, ambição e todo um imenso séquito de imperfeições facilmente manipuláveis.

— O senhor usou o verbo correto - "manipulável" que expressa quanto, em nossas mazelas, estamos à mercê das circunstâncias que, não raro, são urdidas com a intenção de nos comprometerem. Os espíritos aos quais nos referimos, chegam, caprichosamente, a estudar as nossas inclinações íntimas; favorecendo-nos a queda, enviam *instrumentos* ao nosso caminho...

— Eu lutei contra muitos deles, Odilon! Nossa Modesta sabe quanto sofri na pele, para não ceder à tentação: jovens lindas, pacientes minhas, que se insinuavam com lascívia; propostas de dinheiro fácil para atestar a insanidade de alguém, com vistas à partilha familiar de bens; altas somas para livrar criminosos

das garras da justiça; ideias absurdas que ficavam me martelando o cérebro, reforçadas pelos argumentos dos espíritos sofistas que vinham conversar comigo nas sessões...

— Eu também, - disse o amigo com a sua habitual nobreza de caráter-, experimentei toda espécie de assédio dos espíritos adversários da Doutrina; evidentemente que não queriam a mim, que nada era e nada continuo sendo na ordem das coisas, mas transformar-me em motivo de escândalo para a Causa... Rodeavam-me, e eu os percebia, chegando ao cúmulo de me visitarem em sonhos, na tentativa de me induzirem à hipnose. Certa vez, resisti a três deles por várias noites consecutivas; acordava transpirando, completamente exausto, sem coisa alguma a dizer à companheira, que, notando-me abatido e acabrunhado logo de manhã, me recomendou ir ao médico...

— Não se tratava de uma obsessão clássica - considerei.

— Não, não era nada pessoal; aquelas entidades, de grande poder de indução hipnótica, procuravam me suggestionar, me alterar a personalidade, a fim de que, no estado de vigília, se infiltrassem com maior facilidade em meu psiquismo, controlando-me a vontade.

— Comigo também era assim - falou Modesta, sem constrangimento -; para perseverar na condição de médium, travava, todos os dias, uma luta que, com base em minhas próprias imperfeições, os espíritos infelizes

Espíritos e Deuses

me suscitaram, valendo-se dos problemas mais comezinhos, inclusive dentro de casa, no relacionamento com os familiares. Várias vezes, confesso, estive para recuar e, com certeza, o teria feito, não fosse o amparo dos nossos Maiores, que, por intermédio de minhas faculdades, me alertavam.

— Interessante, não é, Modesta? - considere. — E os nossos confrades nos supunham imunes à perseguição espiritual; imaginavam que não fôssemos feitos de carne e osso e que não nos víamos às voltas com o passado...

— Com os compromissos de natureza cármica, Inácio; por estarmos ali, sempre firmes, na linha de frente, procurando sorrir e animar os outros...

— Não admitiam que, por vezes, estivéssemos prestes a sucumbir!... E creio que só não sucumbíamos porque estávamos conscientes de que tínhamos exemplos para dar e, depois, não podíamos proporcionar semelhante alegria aos nossos adversários, que viviam preconizando a nossa queda...

— O senhor tocou num ponto curioso - observou Odilon com inteligência. — Sem perceber, os que se nos opunham ao esforço, prestavam-nos grande benefício: faziam-se nossos benfeitores às avessas, incentivando-nos à vigilância...

— Mexiam com os nossos brios - emendei.

— Com o nosso orgulho, Doutor!

CAPÍTULO

7

— Vejamos como - continuou o Mentor - em determinadas circunstâncias, mesmo as nossas emoções negativas são utilizadas pela sabedoria da Lei em nosso proveito espiritual.

— Eu perseverava, sim, por amor à Causa, mas também para que meus desafetos não tivessem motivos para tripudiar sobre mim; desapontei-os a todos, um a um!... Andei sobre o fio da navalha, mas não caí - pela Misericórdia Divina, não caí! Ficavam na expectativa do escândalo que, graças a Deus, nunca surgiu - de algo tenebroso que estourasse no Sanatório e redundasse no fechamento do hospital.

— E no Sanatório, Inácio - lembrou Modesta com propriedade além de vigiar a gente mesma, tínhamos que...

— Sem rodeios, tínhamos que vigiar quase todo o mundo: funcionários, pacientes, médiuns, visitantes;

Espíritos e Deuses

sim, porque a coisa era como se fosse um rastilho de pólvora, à espera de um fósforo aceso...

— A anunciada *explosão* nunca aconteceu!

— E a imprensa ali, de mutuca, ávida por qualquer notícia sensacionalista, que a Igreja - você se lembra, Odilon? - se mostrava disposta a remunerar; para nos difamar, o Xandico era capaz de tudo, colocando a sua influência e o dinheiro dos fiéis a serviço de seus escusos interesses.

— O mais lamentável, porém - aduziu Modesta -, o mais triste, não partia propriamente de nossos opositores declarados, ou seja, dos inimigos da Doutrina - o Xandico, Inácio, até que nos foi muito útil...

— Contrariado, admito que sim. Eu sei a que você se refere: o pior era a vibração negativa dos supostos companheiros, daqueles que, sinceramente, nos invejavam não sei o quê e torciam pelo nosso fracasso. Meu Deus!... O Xandico estava comigo numa queda-de-braço face a face, mas... é melhor nem falar!

— Pois não falemos, Doutor, não falemos - aconselhou Odilon, sensato.

— A minha intenção não é a de nomear ninguém, mesmo porque alguns deles devem ainda estar vagueando nas trevas... Não posso, no entanto, Odilon, com a sua permissão, omitir que os nossos mais dolorosos embaraços partiam de confrades que não concordavam com a nossa postura doutrinária; por este motivo, habituei-me de tal forma à crítica, a mim e aos meus artigos

em "A Flama Espírita", que os ataques que me são desfechados agora... Eu fico é sem entender, pois os que mais falam, são os que menos fazem.

— Isto é de todos os tempos!

— Até que enfim, você concordou em alguma coisa - caçoei, provocativo -; às vezes, Odilon, você me tira a espontaneidade...

— Não é intencional.

— Quero descer a borduna de acordo!

— Doutor!

— Está vendo? Agora foi intencional.

— Inácio, mas a gente nunca sabe quando você está brincando ou falando sério - saiu Modesta em defesa do Instrutor.

— E não é para saber, porque assim eu falo o que me dá vontade - falo e escrevo; detesto escrever ou falar, tendo que medir as palavras para não ofender fulano ou sicrano... Eu não tenho a intenção de ofender - aliás, sinceramente, nunca tive, a não ser uma ou duas vezes, se não me falha a memória.

Odilon e Modesta sorriram e... prossegui:

— Uai, a gente cansa de apanhar! O Espiritismo não quer nem que a gente gema! Apanhar calado dói pra chuchu! Mas deixem-me concluir. Modesta, você se lembra das intrigas, não?

— E como?!

— Chegaram a dizer que éramos namorados, eu e você. Tinha cabimento?

Espíritos e Deuses

— Não, não tinha; você não fazia o meu tipo e, depois, eu era muito bem casada!

— Não era o seu tipo, por quê? O que você está insinuando? Que eu era baixinho e feio?...

— Estas palavras não são minhas. De fato, Inácio, você...

Foi, então, uma das poucas vezes que vi Odilon gargalhar, gostosamente.

— Eu era disputadíssimo! Um homem charmoso, de fino trato, inteligente...

— Mas eu preferia o Major Cravo!

— Eu também, ainda mais com aquele trabuco na cinta...

— Brincadeiras à parte, Inácio, a verdade é que a maledicência de alguns espíritas não nos poupava.

— Só não foi maior a maledicência, porque eu era médico, diretor de um hospital psiquiátrico, e o seu marido da polícia; o pessoal tinha medo de cair nas minhas ou nas garras dele, ou seja, de escolher entre o hospício e a cadeia... Cá entre nós, tinha gente, ou melhor, tinha e tem gente que merece os dois - passar uma temporada num, uma temporada no outro.

— Inácio, se você fosse tão mulherengo e depravado quanto o pessoal...

— Alto lá! Eu me orgulho de ter namorado muito - o resto era coisa do Xandico, para ocultar o que se passava no...

— Doutor!

— Todo o mundo sabe; não preciso falar. Depois, não tenho nada com a vida de ninguém; não quero pra-ga alguma sendo jogada em cima de mim!

— Você se recorda de quando andaram dizendo - os espíritas, não todos, é óbvio - que eu estava ficando rico às custas da Doutrina?

— Disseram pouco: só que eu tinha adquirido um prédio na Avenida Dr. Fidélis Reis, no centro da cidade, trocado de carro, comprado ações no Banco do Brasil, uma fazenda com cabeças de gado...

— Às custas do Sanatório e dos livros que escrevia.

— Infelizmente, eles não viveram para conhecer o meu testamento. Coitada da viúva! Herdou uma casa velha, uma aposentadoria razoável e uma biblioteca repleta de cupins e mofo! Quando desencarnei, fazia quase dez anos que eu não comprava roupas para mim. Ah, deixei-lhe também uns trinta gatos, talvez quarenta, em casa e no Sanatório!

— Não há como negar, contudo, que estamos melhorando - amenizou Odilon. — Em vidas anteriores, em vez de falar, a gente se empenhava no mal dos semelhantes... A evolução é lenta.

— Coloque lentidão nisto! Uma existência no corpo não é nada; reencarnamos e desencarnamos, praticamente na mesma situação... E, depois, o pessoal fica imaginando tolices em relação à vida além-túmulo. Quando será que entenderemos que *morrer* é o fenô-

Espíritos e Deuses

meno mais natural que existe? O espírito é o decalque do corpo... O domicílio dos Espíritos Superiores nos é completamente inacessível. Que ilusão! Os espíritas, de modo geral, acham que irão sair do corpo voando... Capengando, isto, sim! O conhecimento da Doutrina, sem dúvida, já nos é uma bênção, mas traduzi-lo... Não é por conta de meia-dúzia de ações generosas que resolveremos o nosso milenar drama existencial. Se fosse assim, ótimo, que beleza! Morrer seria uma maravilha!

— Doutor, seria oportuno que, escrevendo aos nossos irmãos de Ideal, o senhor tocasse nesse assunto, pois, de fato, a caridade...

— ...tem sido muito mal entendida! - completei.

— A caridade que não nos muda interiormente...

— É preciso senti-la! - exclamou Modesta.

— Enfiar a mão no bolso e destinar algumas moedas...

— Melhor do que nada, mas...

— Concordo, Odilon, melhor do que nada, do que quando sequer cogitávamos de qualquer exercício de desprendimento, mas...

— É necessário o mínimo de amor na menor das atitudes no bem!

— Isto é que é difícil, Modesta, extremamente difícil. Quando se fala em amor, eu fico abobalhado: eu não sei o que é amor - eu nunca o vi em alguém!

— Jesus Cristo...

— Eu não vivi ao tempo de Jesus, Odilon. Pen-

Carlas A.. Baccelli / Inácio Ferreira

so que o amor de mãe é o que mais se aproxima - é o exemplo que temos aos olhos, digamos assim; todavia, fora do amor de mãe...

— Muitos, seguindo nos passos do Mestre, amaram sobre a Terra.

— Não fui contemporâneo de nenhum. Repito: não vi o amor em nenhum daqueles com os quais convivi, muito menos em mim, que apenas me preocupava em ser um pouco melhor.

— É assim que tudo começa - redarguiu o Mentor.

— A caridade deve ser amor e não simples gesto de solidariedade. A solidariedade é sentimento humano; o amor é divino. Eu era fraterno, solidário; no entanto, incapaz de amar...

— Inácio - comentou Modesta -, eu também não amava; fazia o bem, todavia amor mesmo... O amor, quando se manifesta em alguém, faz tremer as bases do mundo!

— Devemos, ao máximo, evitar automatizar a caridade, como, por vezes, acontecia comigo; pessoalmente, eu poderia ter me beneficiado mais...

CAPÍTULO

8

O diálogo seguia proveitoso. Tomando a palavra, Odilon pontificou:

—A caridade feita com maior sentimento beneficia em dobro quem doa e quem recebe. A dádiva material é o invólucro da verdadeira caridade. Sim, em determinadas circunstâncias, precisamos de pão, de remédio, de agasalho, mas a nossa carência de amor é flagrante em todas as situações. O pão não é apenas alimento para o corpo perecível; aliás, alimento para a fome transitória é o que ele menos é... O espírito tem fome de amor e luz! Tudo, nas Dimensões em que vivemos e respiramos, é pretexto para que venhamos a amar como Jesus nos ama. O Mestre nos multiplicou pães e peixes, porém o seu objetivo não era propriamente nos alimentar o estômago faminto. O pão, símbolo do alimento material, é energia; em suma, todas as coisas são constituídas de energia, que se concentra tanto no grão de trigo quanto

no átomo. Deus é Energia Criadora! A nossa fome é de Deus, a nossa fome é de Amor! - grafemos aqui a palavra com *A* maiúsculo. O mais sofisticado acepipe é um alimento primitivo que manipulamos, aprendendo a lidar com a forma rudimentar em que a energia se expressa. Jesus dizia que o seu alimento era fazer a Vontade do Pai!... Não se trata apenas de uma verdade filosófica, que transcende a compreensão de muitos. Os Espíritos Superiores não comem e não bebem como nós e outros que estão acima de nós... Certa vez, inclusive escandalizando os Apóstolos, Jesus se comparou ao pão - ao Pão que havia descido do Céu! As palavras alimentam - as Palavras de Vida Eterna!... Porque não nos alimentamos do que é essencial, estamos sempre com fome, com aquela indefinível sensação de vazio interior... O Budismo afirma que os que comem em excesso, sem jamais se saciarem, são criaturas carentes - comem na vã tentativa de se suprirem afetivamente, psicologicamente.

Estávamos embevecidos com a dissertação do sábio companheiro, que sempre muito nos acrescentava com suas judiciosas considerações.

— Quem oferta um óbolo com amor, ou, se preferirem, com algum sentimento de vera solidariedade recebe amor de volta - o Amor é assim: quem mais doa mais tem!

— E quando - perguntei - recebemos ingratidão por paga?

Espíritos e Deuses

— O Amor não cogita de recompensa - é um sentimento que se basta. Os que se iniciam na prática do amor aos semelhantes satisfazem-se com a alegria advinda da própria capacidade de amar. Os que esperam por retribuição, reconhecimento ou louvores podem ser generosos e fraternos, mas não amam. Quem ama nunca se decepciona, jamais se frustra! A Caridade - também grafamos a palavra com *C* maiúsculo - é alimento espiritual que se processa segundo as necessidades de quem busca por ele: para uns, é paz; para outros, felicidade; para outros ainda, integração mais profunda com a Vida, ou seja, harmonia interior...

— A gente não faz ideia que um prato de sopa possa tanto!...

— Não fazemos - concordou Odilon.

— Se fizéssemos...

— ...estenderíamos o prato de sopa ao faminto com profunda reverência, como alguém que oficiasse ao Amor num altar iluminado!

— Não mecanizaríamos o bem, não é? - ponderou Modesta, introspectiva.

— Não vulgarizaríamos a Caridade, humanizando um sentimento divino; estamos experienciando, na Terra e no Mundo Espiritual, no sentido de divinizar o humano - em outras palavras, resgatar o divino do que se tornou, inicialmente, subumano, e, agora, com a conquista da láurea da razão, humano... Deus habita em

nós! A meta de criatura é a sua plena identificação com o Criador...

— Por que será que agimos de modo tão indiferente em algo de importância transcendente para nós, como a Caridade?

— Doutor, no fundo, falta de cérebro e... de coração.

— Como assim?

— Inconsciência das coisas. O homem ainda é um ser de inteligência rudimentar e sentimento primitivo. Raramente, um espírito se destaca do comum dos espíritos corporificados no Planeta - reencarna para nos servir de luzeiro...

— E, incapazes de imitá-lo, o matamos!...

— Quando não o banimos assim do nosso meio, o fazemos sofrer, se não logramos, é claro, corrompê-lo.

— Quer dizer que não apenas as trevas conspiram contra os missionários da Grande Luz?

— As trevas invisíveis se associam aos homens que, psiquicamente, se lhes vinculam. Herodes cumpriu à risca as instruções dos obsessores que, em sonho, o preveniram sobre o nascimento de Jesus; Judas, Anás, Caifás e Pilatos se viram enredados na trama das sombras para condenarem o Mestre à morte; a multidão, fascinada, pediu a absolvição de Barrabás...

— Jesus...?

— ...representava e ainda representa, para grande

Espíritos e Deuses

parte da Humanidade encarnada, o inacessível, o impossível, o supremo absurdo...

— O supremo absurdo?!

— Humildade, renúncia, perdão, sacrifício, desapego, paz...

— Todas as religiões pregam esses valores aos seus adeptos...

— Pregam, Inácio, superficialmente, preocupadas em não incomodar muito a consciência de seus seguidores; caso contrário...

— Mudarão de religião? O Espiritismo não contemporiza.

— Não, mas nem todos os que o abraçam...

— ...se animam a segui-lo à risca; acreditam na Reencarnação, na Lei de Causa e Efeito, exercem as suas faculdades mediúnicas, mas... fica nisto. O grande problema do espírita está ligado à coerência; o seu embate é consciencial... Para ele, o testemunho é individual e intransferível. Sei o que é isto.

Fiz pequena pausa e contei:

— Certa vez, fui abordado na rua por um homem bêbado, que me pediu esmola... Eu nunca gostei de dar dinheiro a pessoas alcoolizadas. Neguei, não dei importância, sequer fui educado; para mim, foi como se ele não existisse - desconsidere-o completamente. Indignado, fui para casa, tentando justificar a minha atitude:
— Um homem forte, bêbado, pedindo dinheiro com o sol quente?... Ora, por que não arranja um serviço? Eu

estava saindo do banco, aonde fora depositar parte do meu salário. O que me custaria estender-lhe algumas cédulas? Acendi um cigarro e fui, a pé, embora para casa. No meio do caminho, quando tinha andado mais ou menos uma quadra e meia, a consciência começou a me incomodar. Fiquei o resto da tarde pensando naquele homem, não dormi - cochilei e acordei pensando nele. Nunca fiquei tão chateado comigo na vida, nunca! — "Meu Deus - argumentava, em silêncio -, eu sou espírita... Como pude tratar um ser humano com tanta indiferença?" E, para completar, vozes pareciam soar aos meus ouvidos, ironizando-me: — "O Grande Inácio Ferreira, médico, diretor de hospital, espírita, maçom, escritor, orador, tido à conta de homem de bem por muita gente..." Custei a esperar o dia clarear para procurar aquele homem, que, infelizmente, nunca mais vi; cheguei a pensar tratar-se de um espectro só para me testar... Até hoje, vivo com esse drama na consciência. Envergonhado, não comentei o fato com ninguém, nem com você, Modesta, que, por vezes, fazia o papel de meu confessor.

— Doutor - disse Odilon, tocando-me o ombro de leve, com o intuito de me confortar -, isso acontece com muita gente; se fôssemos enumerar nossas falhas!...

— Durante meses, uma vez a cada 10, 15 dias pelo menos, eu percorria, de carro, as ruas de Uberaba, na esperança de reparar o meu erro e... nada. Nunca mais neguei uma esmola a alguém, mas o meu modo de agir

Espíritos e Deuses

com aquele pobre coitado ficou na minha cabeça e está até hoje. Não me custaria ter pego aquele homem e levado para o Sanatório; se eu lhe tivesse dado algumas moedas para acabar de se embriagar, teria ido embora tranquilo para casa...

— Inácio, você, às vezes, tinha esses impulsos, não é? - observou Modesta.

— Tinha e, graças a Deus, sempre voltava atrás, só que, daquela vez, não pude: o homem sumiu! Deve ter sido coisa encomendada pelo Xandico, para me atormentar - brinquei, para que Odilon e Modesta não ficassem tão penalizados. — Por isto é que eu digo: esse negócio de caridade e consciência é complicado. Se eu não fosse espírita... Mas o diabo é que eu era e ainda sou, porque Espiritismo é para sempre - não sai mais de dentro da gente! Sei que outros, ouvindo este meu depoimento, pensarão: — "O Dr. Inácio Ferreira?... Eu imaginava que ele fosse..." Que eu fosse o quê? Eu sou igual a você, que deve ter se negado a ser caridoso em mais de uma oportunidade... Eu sou igual a você, que, com certeza, em matéria de caridade, já deve ter feito pior do que fiz... Porque escreve mediunicamente para o mundo, nenhum espírito é superior; a reencarnação nos espera, a todos, mais cedo ou mais tarde, nos colocando em confronto com a dura realidade!

CAPÍTULO

9

Odilon e Modesta se despediram. Dentro de duas semanas, voltaríamos a nos encontrar para a excursão de aprendizado, que passei a aguardar com enorme expectativa.

A noite já quase se fizera madrugada e, antes de me recolher, para breve repouso, do qual em minha condição ainda continuava necessitado, Manoel Roberto, como sempre, viera ao meu encontro.

— Tudo correu bem hoje? - perguntei ao leal companheiro, zeloso de suas funções no Hospital.

— Graças a Deus, Doutor - respondeu-me, entrando comigo em conversa informal sobre as atividades do dia. Tivemos um dia relativamente tranquilo; aliás, um dos mais tranquilos dos últimos meses...

— Deve ter sido influência da presença do nosso caro Odilon - amigo extraordinário! Engraçado, quando juntos, na Terra, eu não o valorizava tanto.

Espíritos e Deuses

— O senhor sempre teve por ele grande consideração.

— Não o bastante, Manoel; às vezes, convivemos com pessoas comuns que, em verdade, não são espíritos comuns. Você, por exemplo...

— Vai sobrar, de novo, para mim!

— Não, Manoel, estou sendo sincero, desta vez.

— Desta vez?

— Você não é a minha alma gêmea - Deus me livre!

— E a mim também!

— Mas eu não sei o que faria sem você.

— O senhor está me deixando sem jeito...

— Não; desajeitado você é mesmo, não me culpe pelo que o seu pai e a senhora sua mãe fizeram. Não me provoque, Manoel, não me *inspire*; deixe-me falar. Somos amigos há quantos anos?

— Há, Doutor, não sei; contando o tempo da Terra e o de agora, uns 70 anos, por aí...

— Deve ter mais... Tenho a impressão de que nos aguentamos há uns 200 anos!

— O senhor, não é?

— O que você está insinuando? Que me aguenta há uns 300?!

— É pouco, Doutor!

— Seu malandro! Não posso lhe dar um pouco de corda... Falando sério, Manoel, a amizade é um tesouro que poucos sabem valorizar.

— Concordo plenamente. O que devo ao senhor, o que já fez por mim e continua fazendo...

— É melhor pararmos com essa rasgação de seda...

— O senhor é que começou!

— Falemos do Odilon.

— Como consegue ser tão gentil, comedido nas palavras...

— Ponderado, sábio...

— Sensato!

— Você encontrou o termo que melhor o define: *sensato*. Ah, como invejo as pessoas sensatas!... A sensatez é virtude dos espíritos experientes e sofridos.

— O Dr. Odilon nunca diz uma palavra fora do contexto - fora do tom. Não repreende, não censura; é fraterno, quando...

— ...precisa nos advertir! Percebo o constrangimento dele comigo, o respeito e a deferência com que me trata. Sinceramente, eu não fazia ideia de sua grandeza espiritual, escondida atrás de um sorriso maroto.

— É mesmo: sempre sorrindo, sempre de semblante iluminado, irradiando paz.

— É uma pena que, encarnados, muitas vezes nos sintamos até impedidos de atinar com a nobreza de espírito daqueles com os quais convivemos.

— O senhor tem razão; na Terra, por mais não queiramos, acabamos por valorizar o que aparenta... Como é o termo?

— O *status quo* ! Uma besteira sem tamanho...

Espíritos e Deuses

— O título acadêmico, a posição social que a pessoa ocupa, o que representa politicamente...

— Manoel, não falemos de política, ou melhor, de políticos. Deus, quando quer que a pessoa se revele, confere a ela um cargo político - nada corrompe o homem mais do que o poder!

— Doutor, o hospital aqui está cheio!

— Eu sei, mas vamos deixar esse pessoal esquecer e... os esqueçamos por nossa vez! Até chefiando - desculpe-me o termo - um hospital de loucos como este. É um perigo mandar em qualquer coisa. A responsabilidade de dirigir...

— O senhor sempre se houve bem...

— Coisa nenhuma, Manoel; caso contrário, não estaria aqui, internado com vocês! Por mais de 50 anos, fiquei internado lá embaixo; não sei por mais quantos anos vou ficar aqui...

— Pelo menos, estamos fora das grades, Doutor!

— O seu senso de humor anda superando o meu - comentei como se tivesse recebido um xeque-mate.

— Você vai acabar tomando o meu fã-clube... Se isto acontecer, fique também com os que me elegeram por alvo preferencial de suas críticas. Mas voltemos ao *status quo* - convidei.

— A questão das exterioridades, não é?

— Que impera, inclusive, no meio espírita: a gente tende a valorizar quem demonstra cultura, conversa bem, é insinuante, promove a si mesmo...

- Os médiuns mais simples e humildes...?
- ...são, literalmente, os mais humildes e simples.
- Mas, Doutor, pensando bem...
- Estão preservados!
- É...
- Você se lembra, Manoel, daquele médium - vamos chamá-lo de Alberto - que, certa vez, apareceu no Sanatório?
- Lembro-me.
- Você é que me chamou a atenção para ele: discreto, calado, nos auxiliava nos passes com os doentes...
- Por quase dois anos...
- Você sugeriu que o convidássemos para a sessão de desobsessão.
- Estávamos precisando de companheiros firmes.
- Deu no que deu: destampou a ver espíritos que não acabavam mais!
- A ver e a ouvi-los a reunião inteira!
- Coitado! Antes o tivéssemos deixado no abençoado anonimato dos passes. Sim, porque a mediunidade passista é uma vacina contra a vaidade do médium. Demos a ele uma chance e...
- Queria desbancar D. Modesta!
- A Modesta não tinha nem tempo para incorporar - tempo e espontaneidade, porque, afetado, ele começava a descrever as entidades que se aproximavam da mesa.
- Criou-nos um problemão!

Espíritos e Deuses

— E, como sempre, sobrou para mim, não é? O dirigente; vocês me olhavam e me pressionavam a tomar uma atitude... Você se recorda de quando, depois de quase três meses, conversei com ele no fim de uma reunião?

— O Alberto virou uma fera...

— Acusou-me de ditador e tudo mais!

— Aquele homem pacato transfigurou-se. Atacou-nos a todos: ao senhor, a D. Modesta, a mim...

— Não houve como contornar. Chamou-me de invejoso, por não ser vidente nem clariaudiente...

— O que ele não sabia era que o senhor *incorporava*, não é, Doutor?

— Manoel, às vezes eu tenho que *incorporar* - a "pomba-gira", mas *incorporo*...

— Eu não sei por que, ao galgarem qualquer posição, as pessoas perdem a simplicidade.

— Que posição? Médiun?... Médico psiquiatra?... Ora, Manoel, você sabe muito bem que eu, como psiquiatra, não sabia quase nada - a Psiquiatria é, das especialidades médicas, a que menos sai do lugar; se você pegar um livro de 50 anos atrás e comparar com os de hoje, as maiores mudanças são de ordem terminológica. A gente chamava de *neurose* o que hoje se dá o nome pomposo de *Transtorno Bipolar*!

— Não, o senhor é uma autoridade no assunto.

— *Vade retro!* Que autoridade o quê?... Desculpem-me os colegas, mas, em Psiquiatria, ainda está as-

sim: ouvimos a galinha cacarejar e não sabemos onde ela botou o ovo... Temos um caminho enorme a percorrer. Eu aconselharia aos psiquiatras que, diante de qualquer paciente, examinassem, primeiro, a si mesmos, identificando o problema dos outros neles próprios - o bom psiquiatra é um doente com todos os rótulos!

— Continue, Doutor...

— Não; o psiquiatra Inácio Ferreira *morreu...* Voltamos a falar do Alberto.

— Foi-se embora e nunca mais voltou...

— Creio até que mudou de cidade, não?

— Ele era de Igarapava e morava sozinho em Uberaba.

— Pois é, Manoel, tem espírito que não pode subir numa caixa de fósforos: acha que é palanque e começa a fazer discursos!

— Onde o senhor disse *espírito*, leia-se *médium...*

— Leia-se *espírita* - fica mais abrangente! Precisamos nos preparar melhor; ansiamos por maiores oportunidades de trabalho junto à Humanidade, mas, espiritualmente, não estamos prontos nem para sermos médiuns, intérpretes, intermediários daqueles que, de fato, podem projetar alguma luz nas veredas sombrias que palmilhamos.

— Doutor...

— Sim, já é tarde, Manoel. Quando o dia clarear (o Sol também nasce e se põe neste Outro Lado!), iremos às consultas agendadas para o período da manhã. Bom resto de madrugada, meu amigo!...

CAPÍTULO

10

.Acordei, depois de duas, três horas de sono, com o Sol varando a vidraça da janela e escutando os pássaros que, alegres, cantavam e saltavam, de ramada em ramada, no jardim de um dos pátios do Hospital. O amanhecer no Plano Espiritual é lindo, digno da paleta de um Rafael! O Sol, ameno, parece brilhar mais próximo, à semelhança de grande disco de ouro, e a brisa matutina é uma mistura de suaves perfumes de flores das mais variadas espécies - o ar balsâmico da manhã é o nosso primeiro alimento nas paragens onde a Vida é um cântico de glória à grandeza do Criador.

Ergui-me da cama após breve prece - a única que, formalmente, eu fazia durante o dia - e, enquanto me ajeitava para o trabalho à minha espera, pus-me a meditar, abotoando o jaleco.

— Meu Deus, quem diria - quem diria que a vida, após a morte do corpo, prosseguisse com tanta natura-

lidade! Eu mesmo não supunha que tudo fosse assim, tão semelhante. Anelava outra coisa, uma mágica qualquer... Nunca duvidei da imortalidade, porém, com tudo que pude ler e imaginar, nunca fui capaz de concebê-la nos moldes com que se me apresenta. Os Espíritos nos confirmaram: "Em a Natureza, nada dá saltos", todavia, eu pensava que, sem o corpo físico... Como dizer aos meus irmãos encarnados que estou aqui, trocando de roupa e enfiando o pé no sapato? Sim, percebo a eternidade dos objetos, sinto-me extremamente mais leve e bem disposto, mas... não vejo diferença substancial, principalmente em meu íntimo, e, se não existe grande modificação em mim, seria ilógico que a houvesse em torno. Sendo ainda humano, como povoar regiões sublimadas, certamente habitadas por entidades de maior transcendência espiritual? O entorno é reflexo do que somos, plasmamos e sustentamos com a força do pensamento... Não, o espírito, que não se emancipou da forma e das convenções transitórias, necessita de pontos de referência, a fim de se movimentar com certa segurança, após a morte. Por vezes, em meus devaneios na carne, conjecturando sobre o corpo espiritual, eu chegava a crer que não tivesse os membros inferiores, que, enfim, sobrevivesse como se fosse um fiapo de névoa - que não mais necessitasse de olhos para enxergar, ouvidos para ouvir, boca para falar e *outras coisas mas*. O meu *duplo*, no entanto, era o meu *duplo*, literalmente! Dizemos que o corpo de carne é uma cópia do corpo es-

Espíritos e Deuses

piritual - o modelo sobre o qual o corpo físico se estrutura -, mas esperamos... Não sei. É claro que não somos implemento - o ser é o ser! A essência, ou seja, o que somos de verdade não tem forma, sexo, frente, verso, tamanho e tudo mais que nos distingue uns dos outros, na Terra e de Humanidades que desconhecemos nas infinitas moradas do Pai. Repito, incoerência: admitimos o perispírito como modelo do corpo material e, quando desencarnamos, olhando para nós, nos decepcionamos! Esperávamos, talvez, que a carne fosse capaz de *chocar* um anjo - esperávamos nos transfigurar, sem qualquer esforço, em um ser alado e luminoso, liberto da viscosidade material... Ledo engano!

De olho no relógio (Manoel Roberto bateria na porta do quarto, dentro de instantes), fui ao espelho dar uma arrumada na aparência e fiquei feliz: — "Pelo menos - disse em voz alta as rugas e as papadas diminuíram, as olheiras, estou com a pele do rosto mais viva, mais rosada - remocei, um pouco!" Virando a face de um lado para outro, examinava-me, feito um rapazola vaidoso, com a intenção de arranjar namorada. Não, eu não estava - não, por enquanto - com a intenção de namorar por aqui: o coração permanecia neutro... Casar é bom, não casar... um pouco melhor. É a minha opinião, a minha experiência. Por favor, não tomem o meu ponto de vista como uma orientação espiritual; afinal, precisamos, ou, por outra, muitos precisam reencarnar... Antes que me interpretem mal, se já não o fizeram (com que

pressa o povo julga a gente!), deixem-me esclarecer: hoje, no mundo, a palavra *namoro* tem uma conotação diferente... Sinceramente, por mais avançado seja, avançado e assanhado, eu prefiro a conotação de antigamente: é muito mais romântica! O *namoro* de agora... Bem, deixe para lá. Viva a reencarnação! Digo-lhes que adoro namorar... Entendam como puderem; eu sou uma esfinge: decifrem-me ou os devorarei!... Casar-me, não quero mais tão cedo; namorar, sim, hoje, amanhã e sempre! Tenho recebido tantas cartas, dos Dois Lados da Vida... Eu não sabia que pudesse despertar tanta paixão. Acho que é por este motivo que os homens me marretam - as mulheres ficam apaixonadas por mim, inclusive as deles! Calma, é brincadeira; não é pornografia... Eu as amo a todas! Se pudesse - permitam-me provocá-los -, reencarnaria como um *sheik*, criaria um harém, e os homens seriam nossos eunucos... Ah! Ah! Ah!... Os moralistas devem estar acendendo a fogueira e vomitando vitupérios contra mim e... contra o médium, que, como eu, não está nem se lixando! Enquanto Deus quiser, esse povo vai ter que nos aguentar...

Correndo os dedos sobre as sobrancelhas - a melhor parte do meu rosto; Deus me livre dos meus lábios, principalmente do inferior, despencado! -, por uma fração de segundo deparei-me com os meus olhos. De fato, os olhos são os espelhos da alma; eles não nos mentem. Tentei aprofundar na visão de mim mesmo, focalizando a chamada "menina-dos-olhos" - interes-

Espíritos e Deuses

sante, quando nos vemos assim ao espelho, os olhos parecem convergir para o chacra frontal, aquele ponto que fica no meio da testa. — "Inácio, quem é você?" - perguntei, em silêncio. Depois de algum tempo assim me analisando, respondi: — "Você é um homem bom, Inácio - já que ninguém lhe diz isto, eu mesmo lhe direi -, você é um homem bom! Incorrigível, voluntarioso, turrão... Mais o quê? Sem papas na língua, humildade pouca, impaciente, mas o sentimento não é ruim! Você é uma criança, Inácio! Se o apertarem muito, você chora - um coração de manteiga derretida!" — "Eu não!" - retruquei. — "Você, sim - respondeu aquela voz que me desnudava -; você não é nada do que deseja aparentar." — "Não - insisti -, eu faço e aconteço..." — "Não faz e não acontece, nada" - continuou a voz, que não se calava, travando um duelo comigo.

- Comigo ninguém pode! - disse, desafiador.
- É nome de planta.
- Eu...
- Você, daqui para a frente, só tende a melhorar.
- Ainda vou dar muito trabalho...
- Que nada! Você já era.
- Não dou o braço a torcer...
- Já está torcido.
- Eu sou terrível...
- Mais fumaça do que fogo.
- Tenho um repertório de palavrões...
- Tudo da boca para fora.

— Quem é você - indaguei -, para ousar me dizer essas coisas?

— O seu "eu" real!

— Eu não sou Francisco de Assis.

— Não, não é, mas adora gatos e é incapaz de fazer mal a uma mosca.

— Errou! - exclamei, contente. — Eu vivia com uma vareta mata-moscas em punho.

— Você pingava mel nos cantos para as formigas... Esqueceu-se?

— Eu brigo muito.

— E, na hora do vamos-ver, corre.

— Sou um espírito provocador...

— Bem-intencionado.

— Não sou.

— É!

— Você quer é me acordeirar - redargui, com ironia.

— Inácio, eu não acredito em você.

— Não?

— Não!

— Não acredita do que eu sou capaz?

— No bem, sim; no mal, não...

Quando eu me preparava para palavras mais incisivas, Manoel Roberto chamou-me, batendo na porta, de leve, com o dedo indicador dobrado.

— Dr. Inácio, está na hora... Tem alguém com o

Espíritos e Deuses

senhor no quarto? - perguntou, antes que eu o atendes-se.

— Tem, Manoel - respondi -, tem um *espírito* me atormentando!

— Doutor, os *mortos* aqui somos nós...

— Tem um ali dentro do espelho - disse, abrindo a porta e saindo em sua companhia.

— Dentro do espelho?! O senhor estava conversando com o espelho?!

— Não, o espelho é que estava conversando comigo.

— O senhor tem cada uma! As vezes, chego a me preocupar.

— Qualquer dia, vocês vão me internar, para gáudio dos meus desafetos, principalmente os *lá de baixo*; e não faltará espírito para dar a notícia por algum médium infeliz: — "Finalmente, o Dr. Inácio Ferreira enlouqueceu!..."

— Doutor, o dia está lindo!

— Afora eu, quantos loucos para atender nesta manhã brumosa?

— Brumosa? O Sol brilha... Quatro estão agendados.

— Então, vamos, Manoel, que entre o primeiro... após mim. Por último, atenderei você, que também está perturbado...

— Eu nunca estive tão bem, Doutor!

11

O primeiro paciente da manhã era um senhor de, aproximadamente, 60 de idade e, pelo que pude avaliar, um tanto vaidoso com questões relacionadas à aparência. Cabelos bem cuidados, pele do rosto tratada e roupa combinando na cor e no estilo, estendeu-me a mão e esperou que eu tomasse a iniciativa da conversa.

— Flávio?...

— É o meu nome, Doutor.

— Posso saber o motivo da consulta?

— Nem eu sei ao certo...

— Esforce-se. É importante que você nos auxilie ir ao cerne do problema que o angustia.

— Sinto-me, de fato, angustiado, sem lugar...

— Com tanto espaço, meu filho - brinquei, procurando deixá-lo à vontade.

— Pois é, Doutor, eu imaginei que, de um jeito ou de outro, a morte nos fosse solução definitiva.

Espíritos e Deuses

- Para os problemas da vida!
- Exato. Fui vítima de um colapso fulminante; de repente, a dor anginosa, a opressão no peito, aquela asfixia e a cabeça em rodopios... Confesso-lhe que nunca fui um homem religioso - não pensava que a morte pudesse me alcançar tão cedo!
- Aos quase 60, tão cedo?...
- A morte não fazia parte de minhas cogitações; sentia-me mais jovem que a minha idade cronológica, fazia ginástica, corria na orla da praia...
- Rio de Janeiro?
- Sim, Doutor, carioca de Ipanema.
- Cidade encantadora e... tentadora. Difícil que o espírito triunfe com tanto mar, sol e outros atrativos.
- O convite ao prazer, à curtição da vida por todos os lados...
- Vivi lá alguns anos e sei como era.
- Pois é, *morri* e estou aqui, sem saber o que fazer.
- Pela sua ficha, faz 10 anos que você deixou a carcaça...
- Custei a admitir; afinal, a morte me surpreendeu enquanto dormia - desculpe-me a franqueza - num motel...
- E?!
- Fiquei atônito, revoltado! Como diz a canção: "...sem lenço, sem documento, nada no bolso ou nas mãos"...

- **Principalmente nas mãos, não é?**
- **Vazio, Doutor, vazio, antes como me sinto agora - uma existência inútil...**
- **Ou várias!... Com certeza, várias!**
- **Doutor, por favor, não seja tão contundente comigo!**
- **Por mais quantos anos você quer delirar? 10, 20, 30?... Você não veio para...**
- **Não, não vim; agora, estou sabendo...**
- **Sabendo exatamente o quê?**
- **Que deixei o corpo e que estou na mesma.**
- **Como consegui chegar até aqui?**
- **Intercessão de amigos; levaram-me a um centro espírita diversas vezes: "Eurípedes Barsanulfo", em Jacarepaguá... A minha cabeça, as minhas ideias...**
- **Foram sendo postas no lugar.**
- **Chorei, reclamei, revoltei-me... Um tratamento de meses; estive para desistir...**
- **Por que não o fez?**
- **E juntar-me aos vadios da rua? Doutor, o senhor não sabe quanta gente desocupada vagando! Tive medo, muito medo. Sorriam, irônicos, convidando-me para a orgia; alguns coitados eram sugados pelos outros...**
- **Vampirizados.**
- **Sim, verdadeiros vampiros, implacáveis e... maus. Drogam-se e só pensam em sexo. Um horror! Quase me pegaram.**

Espíritos e Deuses

— Você teve sorte.

— Doutor, eu contribuía, mensalmente, para o Lar de "Santa Teresa" e para as irmãs de caridade que pediam em favor de um orfanato - coisa pouca, mas contribuía... Creio que foi o que me valeu.

— Se a Lei Divina não se contentasse com migalhas, estaríamos todos perdidos!

— Do motel, fui para o Instituto Médico Legal, para a funerária, o cemitério; voltei ao meu apartamento, tornei a ir ao motel, diversas vezes, para me certificar...

— Se certificar...?

— ...de que tinha *morrido* mesmo, não é, Doutor?
Como se admitir a morte, quando se sente vivo?

— E ainda mais com todos os implementos, não?
Ou lhe faltava algo?

— Não, não me faltava nada.

— Nem aquele pedaço de sua maior estima...

Flávio sorriu e continuou:

— Doutor, como podemos, ou melhor, como o homem pode reduzir as suas aspirações a tão pouco?

— Boa pergunta - respondi.

— O sexo...

— O sexo, meu filho, é pretexto: o nosso problema é de carência afetiva - queremos amar e ser amados, principalmente ser amados; queremos possuir e ser possuídos, mais possuir que ser possuídos...

— Queremos ser amados e possuir... Parece contraditório.

— É contraditório. Egoísmo - eis a droga da Humanidade!

— Eu vivia namorando uma, namorando outra...

— Queria receber e não dar. O Amor, Flávio, o verdadeiro Amor é uma coisa interessante: você só o tem na medida em que o dá.

— Eu não tinha espírito para esse tipo de sentimento, Doutor.

— Sexo é algo primitivo - é bom, mas é primitivo, uma sensação da Idade da Pedra.

— O senhor concorda que sexo é bom?

— É ótimo, mas existe coisa melhor, superior, um orgasmo de natureza mais sublimada.

— O senhor falou *orgasmo*? Pronunciou a palavra?!

— Flávio, não me diga que você é um dos meus censores, o lobo mau disfarçado de vovozinha!

— É que eu pensei...

— Pensou o quê?

— Que um espírito como o senhor não tratasse abertamente de tais assuntos.

— Temas elevados em bocas depravadas.

— Entendi.

— Não, não entendeu; a minha boca não é santa, mas a minha intenção não é das piores... Não estamos aqui conversando com outra conotação. Somos seres humanos desencarnados, adultos...

Espíritos e Deuses

— Doutor, sexo?...

— É uma necessidade fisiológica que transcende a Fisiologia; aliás, as nossas carências físicas são todas de ordem espiritual - o corpo de carne mostra o que somos. Futuramente, estudando o corpo, para além do mero funcionamento dos órgãos, a Medicina detectará as necessidades da individualidade espiritual.

— O corpo?...

— Constantemente, envia mensagens ao exterior do nosso mundo íntimo; toda dor é sintonia mais profunda.

— Conversar com o senhor equivale...

— ...a um zero à esquerda! Mas prossigamos - solicitei. — Você ia me dizendo...

— Estou me sentindo bem - quase nada falei de mim e... O senhor puxa a gente para cima!

— Quem puxa os outros para cima é guindaste! Flávio, o teor de qualquer conversa saneia ou polui a nossa atmosfera psíquica; o bom pensamento engendra a boa conversação, e vice-versa.

— Doutor, estou aqui...

— Estou vendo você.

— Nem Céu, nem Inferno... E agora?

— O seu destino está em suas mãos!

— Meu Deus! Chega a ser...

— Pior, não é? Antes o Céu ou o Inferno e... pronto. No máximo, um "purgatoriozinho"...

— O destino nas mãos! Meu Deus!

- É de se evocar a Deus mesmo!
- O tempo?...
- Para quem não o aproveita não existe - o teatro é o mesmo: só muda o cenário!...
- A morte não resolve o problema da Vida!
- Depois de muito *morrer*...
- Quantas vezes, Doutor, já terei *morrido*?
- Quase inutilmente, um punhado.
- E?...
- Poderá continuar *morrendo*, inutilmente, eternidade afora. É uma questão de escolha, até que a Lei Divina intervenha: berço, caixão, caixão e berço...
- Não tem outro jeito?
- Flávio, o famoso "jeitinho brasileiro" não funciona por aqui... Ninguém avança um centímetro sem base no esforço próprio.
- Para mudar?...
- Você tem que sair do lugar e suar como um burro... Atenção: eu não disse *zoar* - disse *suar*, transpirar, verter água salgada através dos poros...
- Isso é o quê: é religião, Espiritismo?...
- É a Lei!
- Não tem um remédio que eu pudesse tomar? Sei lá, alguma coisa que me fortalecesse a vontade. O meu corpo pede...
- Mar, sol e outros atrativos... Meu caro amigo, sinto desapontá-lo. Bem-vindo seja à realidade!

12

Doutor, casos como o meu, situações assim...

— ...são extremamente comuns, Flávio - respondi. — Todos os dias, no mundo todo, milhares deixam o corpo sem maior consciência de si; *morremos* há milênios e ainda não aprendemos a viver um só dia!

— Por que é assim?

— Existem duas molas propulsoras do progresso espiritual, em síntese: estudo e trabalho, e o homem, de modo geral, não quer trabalhar e estudar; vive fugindo à responsabilidade, ao compromisso...

— O despertar do espírito...?

— ...é individual e intransferível.

— Não seria melhor ignorarmos, para, simplesmente, vivermos?

— Você fez isso, não fez? Existem Leis que trabalham a nossa maturação psíquica; por mais nos atrase-

mos na estrada da evolução, mais dia, menos dia... Deus não nos criaria sem um propósito de ordem superior; não somos meras folhas voluteando ao vento das circunstâncias...

— Daqui para a frente?...

— ...você viverá atormentado, aflito, inquieto... É claro que poderá relutar por mais algum tempo, rebelar-se, como acontece a tantos - cavar profundos abismos com as próprias mãos e entrincheirar-se, digamos, por mais alguns séculos; todavia, a ação saneadora do tempo terminará por alcançá-lo... É da Lei que ninguém fique para trás!

— Desculpe-me: o senhor vive atormentado?

— De certa forma, sim. Sei, Flávio, que preciso trabalhar muito e estudar sempre. O conhecimento pede sempre mais conhecimento, a fim de que, um dia, alcancemos a Verdade.

— O senhor faz tanto! Se soubesse quanto foi difícil agendar uma entrevista com o senhor!... Este Hospital, que dirige, os doentes aqui internados...

— A sensação é a de que não faço absolutamente nada! É uma prova, eu sei; devo ter desperdiçado muito tempo em vidas anteriores: mar, sol e outros atrativos - brinquei, para não perder o hábito de gracejar com tudo.

— É um homem de grande conhecimento!

— Nem como Sócrates, o maior dos filósofos, eu posso dizer: "Só sei que nada sei"!... O sábio grego, segundo se depreende de suas palavras, pelo menos co-

Espíritos e Deuses

nhacia a extensão de sua ignorância. Coitado de mim! Sei que me chamo Inácio Ferreira, ou, melhor, me chamava, e mais nada. Estou neste caminho e ai de mim se dele me afastar!

— O senhor me deprime, pois, se se considera assim, o que sobra para mim?

— O que sobra para todos os espíritos que, repito, já adquiriram certa noção de responsabilidade: trabalhar e estudar, não necessariamente nesta ordem, é óbvio. Se preferir escolher o estudo primeiro...

— O que me aconselha?

— Eu lhe aconselho o trabalho, porque só ele nos confere a indispensável experiência... Tem muita gente - milhares! - que não sabe o que fazer com o que sabe. O conhecimento, Flávio, sem aplicação concomitante, imediata, pode nos exacerbar o personalismo; o orgulho e a vaidade intelectual são vícios de raízes profundas, difíceis de serem arrancadas... Atualmente, digo-lhe, estou preferindo o trabalho - quero me exaurir, sendo útil. O que aprendi no mundo dos bancos universitários quase nenhum aproveitamento teve por aqui: às vezes, um sincero aperto de mão vale mais que qualquer palavra erudita. Não recrimino quem escolhe saber - quem sou eu? -; estou falando da minha necessidade primeira. Eu me conheço mais ou menos o suficiente para saber que o conhecimento simples e puro me transfiguraria num pavão e ninguém me suportaria!

— Doutor, eu tenho uma tendência à vaidade física.

— Todos nós, não apenas você, embora, convenhamos, seja rematada tolice. A sua *casca*, Flávio, já se deteriorou, confundindo-se com o pó... Vaidade? Hum!... Eu vivi quase 90 anos no corpo e tudo foi se desmoronando aos poucos (Diacho! Eu queria escrever *caindo*: o médium interferiu... Não faz mal. Mediunidade é assim: interferência do espírito sobre o médium, e vice-versa); todos os dias, observava no espelho a minha derrocada... Quando arrancava a roupa, então? Um horror!... Pelanca em cima de pelanca - tudo deformado: nariz, músculos da face, cravos e pintas enormes, inclusive nas costas, orelhas sem a mínima irrigação sanguínea - a gente começa a *morrer* pelas beiradas, pela periferia do corpo... O órgão de minha virilidade (Ah!, deixem-me falar, não há maldade nenhuma nisso!), flácido e encolhido, temeroso da morte...

— Eu não cheguei a tanto.

— Chegaria a pior, se não tivesse sido salvo pelo gongo, ou seja, pelo colapso. Mas a velhice, meu amigo, tem as suas vantagens para o espírito - aquele que tem oportunidade de envelhecer no corpo deve agradecer a bênção que isto representa para a sua conscientização. Infelizmente, poucos se dão conta de tal metamorfose; vivem tão distraídos de si, que não percebem que se inclinam para o caixão... A velhice física nos induz a

Espíritos e Deuses

pensar na transitoriedade da vida terrena e na fugacidade das ilusões. E tudo passa depressa...

— Se passa! - exclamou o paciente.

— Meu amigo, a conversa está boa, estou aqui falando, de novo, um punhado de coisas para eu mesmo ouvir, mas a fila aí fora...

— Eu sei, está enorme. Que pena, Doutor! Por mim, ficaria aqui horas e horas...

— Fiz por você o que pude. Talvez um outro especialista...

— Não! Estou satisfeito. Com poucas palavras, o senhor me tocou. Vou ver se arranjo serviços.

— Temos vaga - não podemos pagar, mas temos vaga... Casa, cama e comida é o que, inicialmente, podemos lhe oferecer.

— Eu poderia?...

— É claro!

— Começaria...?

— ...varrendo e limpando o chão, serviços gerais.

— Eu nunca peguei numa vassoura...

— Se você quiser, se este for o problema, eu ensino você; não tem muita ciência, não!

— Mar, sol e outros atrativos?...

— Daqui a seis meses, a primeira folga. É pegar ou largar.

— Que coisa a morte, meu Deus!

— Não fui eu que a fiz assim, nem a morte nem a Vida; não obstante, fosse eu o Criador, faria tudo ab-

solitamente igual. Que Obra Magnífica! Irretocável!... Com todas as lágrimas que vertemos para a subida, com as quedas e tropeços, com as dores e sacrifícios, com as angústias e os tormentos, como é bela a paisagem! Que deslumbramento jornada para os Cimos, caminhando entre as estrelas! Viver é uma experiência linda!... Aos poucos, até no sofrimento descobrimos transcendência!

— Doutor, aceito a oferta!

— Não se entusiasme tanto, Flávio...

— Eu sei, Doutor, eu sei, mas o senhor tem razão...

— O Senhor, não eu, tem sempre razão.

Pressionei, de leve, um botão sobre a mesa, e Manoel Roberto apareceu.

— O nosso amigo - expliquei - trabalhará conosco, Manoel; encaminhe-o ao depósito de vassouras, baldes e esfregões... Ah, dê-lhe também uma roupa mais apropriada!

— Vim atrás de uma consulta e...

— Não é à toa que me chamam de feiticeiro - quando me ofendem pouco, pois quando me ofendem muito é de obsessão para fora!

— Eu pensei que o senhor fosse um médico engravatado...

— Detesto gravatas!

— Doutor, o próximo paciente são dois - avise-me Manoel.

— Dois? Uma consulta dupla?!

— Insistiram.

Espíritos e Deuses

— Faça-os entrar.

— Dr. Inácio, obrigado - disse Flávio, levantando-se para sair.

— *Obrigado* digo eu, meu filho, em qualquer sentido da palavra.

— Poderei voltar a vê-lo? - perguntou, já quase à porta.

— Nos encontraremos por um desses corredores.

— O Dr. Inácio - informou Manoel -, todas as quartas-feiras pela manhã, reúne o pessoal no auditório para uma palestra - funcionários, voluntários e pacientes melhorados.

— Que palestra, conferência que nada! Trata-se de uma conversa informal. Farei questão de vê-lo presente em uma delas. Até breve!

Flávio saiu, e Manoel, dando-me um pouquinho de tempo para ir à janela e espiar pela vidraça os pássaros que brincavam com as flores, anunciou a presença dos próximos dois pacientes daquela manhã.

— Ernesto e Murilo, Doutor!

— Sentem-se, por favor - apontei-lhes as poltronas vazias à minha frente. — Pois não, a que vieram? São amigos, foram parentes?...

13

Fomos, sim, parentes, Doutor - tomou Ernesto a iniciativa de falar -, irmãos consanguíneos por parte de mãe - fomos irmãos e sócios de uma pequena empresa de manufaturados. Mamãe ficou viúva e casou-se pela segunda vez; éramos os únicos filhos de seus dois casamentos... Entre Murilo e mim havia uma diferença de oito anos, sendo eu o mais velho.

— Qual o problema específico? - perguntei, procurando ganhar tempo.

— Você quer explicar, Murilo? - indagou ao irmão o que, de fato, me pareceu o mais ponderado.

— Não, depois eu apresento a minha versão.

— Éramos sócios e, aos poucos, fui descobrindo que ele me passava para trás; eu viajava com frequência, visitando os clientes, e tudo ficava nas mãos dele...

— Vocês se casaram?

— Sim, Doutor, ambos tínhamos família. Mamãe

Espíritos e Deuses

veio a falecer quando Murilo estava com 14 e eu com 22 de idade; praticamente, acabei de criá-lo, já que o pai dele e meu padrasto era alcoólatra: depois que a nossa mãe faleceu, vítima de aneurisma cerebral, ele começou a beber...

— A empresa de vocês...?

— ...herança de meu pai, o primeiro esposo de nossa mãe. Tive que assumir os negócios muito cedo e, graças a Deus, fomos relativamente bem sucedidos. Casei-me aos 25, e Murilo, aos 18, ligou-se a uma mulher dez anos mais velha do que ele, que, de certa forma, foi o pivô do nosso drama.

Fez uma pausa, olhou para o irmão cabisbaixo e continuou:

— Durante um bom tempo, 10, 12 anos, aproximadamente, tudo prosperou: tínhamos vários empregados e cada um de nós pôde adquirir a sua própria casa de morada... Foi quando, advertido por terceiros, comecei a notar que o meu irmão me enganava; o estoque de matéria-prima desaparecia e os clientes reclamando da qualidade dos produtos: ele vendia o material que eu comprava e adquiria um similar pela metade do preço, embolsando o resto...

— Acho que vocês - desculpem-me - se enganaram: eu sou um psiquiatra, não um advogado... A princípio, o caso de vocês não é para mim.

— Doutor, o meu irmão tem razão - falou Murilo quase a gaguejar. — Ouça-nos, por favor... De fato, fui

desonesto; não tive filhos, mas a minha mulher exigia sempre mais de mim... Ernesto não parava e quase todo o dinheiro vinha para o meu bolso.

— Eu confiava tanto nele, Doutor! Éramos apenas os dois... Ele traiu a minha confiança; fiquei e estou profundamente magoado!

— Deixemo-lo continuar - interfeiri.

— O dinheiro fácil, sem ter que prestar contas, e, depois... - hesitou, envergonhado.

— Fale, Murilo! - instou o irmão, impaciente.

— Comecei também a beber e a jogar carteadado; dívidas, Doutor!... Por um lado, dívidas de jogo; por outro, exigências da esposa, que, estranhamente, me dominava. A minha retirada era pequena...

— Mas suficiente - aparteu Ernesto, indignado -; do tamanho da minha, sendo que eu tinha dois filhos para criar, seus sobrinhos, e você nenhum!

— Ela dizia que eu trabalhava mais, que a responsabilidade maior na empresa era minha...

— Espere aí - solicitei - não descambemos para justificativas! Ambos têm consciência de que estão *mortos, não?*

— Sim! - responderam em uníssono.

— Então, não vamos prosseguir nos iludindo... A rigor, ninguém faz isso porque fulano faz aquilo, certo? Cada espírito é senhor de suas ações. As influências que recebemos são consentidas... A responsabilidade

Espíritos e Deuses

dos outros, em relação ao que deliberamos fazer, não é absoluta.

— Quebramos, Doutor! - exclamou o irmão mais velho, pesaroso. — Tudo foi por água abaixo! Títulos protestados no cartório, dinheiro emprestado com agiotas... Tive que vender a minha casa e...

— ...eu, a minha! Quando me viu sem nada, a mulher me abandonou, não sem antes exigir metade do que tinha direito!

— É uma questão discutível, mas não vou entrar no mérito - comentei.

— Pois é - redarguiu Murilo -, a gente era muito simples, o irmão dela...

— Um pilantra! - reagiu Ernesto.

— ...ameaçou-me com revólver.

— Um traficante, fugitivo da polícia, com dois ou três crimes nas costas!

— Onde é que eu entro nesse *imbróglio*? - perguntei. — Vocês têm que se acertar...

— O Ernesto não quer me perdoar!

— Não é uma questão de perdão, Murilo! - indignou-se o mais velho. — Eu já me cansei de dizer: simplesmente, eu não quero mais nada com você! Chega! Você me traiu! Acabou-se!... Doutor - disse, virando-se para mim -, terminei os meus dias como operário braçal, quase passando necessidades de boca com a família; os meus filhos não puderam estudar, e nada pude fazer pelos meus netos...

— E eu, Ernesto, que nem tive a bênção de um filho ou de um neto? Você era a única coisa que eu tinha, meu único irmão, quem verdadeiramente se preocupava comigo e me protegia...

— Doutor, por favor, eu não o aguento... Quero livrar-me dele! Eu lhe perdoo, mas que ele se afaste de vez do meu caminho...

— Isso não é perdão! - ponderei em voz sumida.

— Então, o perdão é algo terrível...

— É - concordei -, o perdão chega a ser quase sobre-humano!

— Se é sobre-humano, não é para mim...

— Nem para ninguém, se não tivéssemos que nos esforçar para superar a nossa própria humanidade. Mas - questionei -, e você, Murilo, como terminou os seus dias na Terra?

— Bêbado, Doutor, como o meu pai; dizem que há algo de genético no alcoolismo...

— A predisposição de natureza física é determinada e não determinante; as nossas mazelas, vícios, hábitos e tendências, enfim, tudo que se nos manifesta periféricamente é exteriorização do que somos... O corpo, deveras, é mais frágil quanto maior a fragilidade do espírito.

— Eu amo o meu irmão - frisou Murilo, apoiando a destra no ombro de Ernesto, que se esquivou, para evitá-lo. — Desde que deixamos a Terra, outra coisa não faço que tentar obter o seu perdão. Arrependo-me

Espíritos e Deuses

amargamente e estimaria que ele me desse uma nova oportunidade de convivência...

— Definitivamente, não! - quase gritou Ernesto -; Eu não o suporto mais! Se estou aqui com você é por conta de mamãe, que me pediu que viesse. Reencarnar, tendo-o ao meu lado? Não! Vamos adiar isto; eu não estou preparado. Comigo, você teve a sua chance... Não daria certo. Acabou-se, entende! Você me furtou, me traiu...

— Doutor, eu não tenho paz... Estou ficando louco. Só penso no que fiz: não tenho cabeça para mais nada! Neste Outro Lado, que eu nem acreditava que existisse, não consigo trabalhar; obter o perdão de meu irmão se me transformou em ideia obsessiva...

— Murilo, eu fiz tudo por você, deixava a empresa em suas mãos; mais que irmãos consanguíneos, éramos amigos... Eu o defendia, quando pequeno, e se metia em enrascada com os meninos maiores; eu me sentia como se fosse o seu pai... Como é que você pôde fazer comigo o que fez? Você prejudicou a minha família. Eu já lhe disse: por sua causa, os meus filhos não puderam estudar, e a Maria, minha esposa e sua cunhada, ficou tão deprimida, que contraiu tuberculose, vindo a morrer em poucos anos. Foi uma tragédia!...

— E que tragédia! - exclamei, meneando a cabeça. — Chega a ser inacreditável as consequências disso tudo... A gente não pensa que um pequeno deslize pode resultar, para o espírito ou para o grupo envolvido, num

desastre de tão graves proporções. Como a vigilância em nossas menores atitudes, em relação a nós e aos outros, se torna indispensável!

— Doutor - solicitou Murilo, trêmulo -, interceda por mim... A mamãe me disse que o meu irmão está planejando voltar à Terra. Aceito qualquer coisa: ser filho dele, irmão outra vez, quem sabe, até um sobrinho... Os nossos caminhos não podem se apartar assim. O que há de ser de mim, da minha paz? Nada fiz por maldade; fui leviano e incorreto - reconheço -, mas nunca tive a intenção de prejudicá-lo... O meu irmão era e continua sendo o meu ídolo! Estou prestes a enlouquecer de remorso; quando me acusa, cada palavra dele é como se fosse agudo punhal em meu coração!

— Murilo - argumentei -, o Ernesto tem razão... Provavelmente, se fosse comigo, eu não iria querer vê-lo por uns 500 anos...

— Doutor, eu estou disposto a tudo, inclusive a renascer cego ou paralítico...

— O quê?!... Para me dar mais trabalho?... Deus me livre! Vou ter que recomeçar, na tentativa de reagrupar aqueles com os quais tenho compromisso e...

— E o seu compromisso afetivo comigo?

— Eu não tenho mais compromisso com você! Já tive! Agora, você é que tem comigo...

14.

Os dois irmãos em confronto permaneciam à espera de um veredicto meu.

— Insisto em que o caso de vocês - disse -, é para advogado e não para um psiquiatra como eu... O que querem de mim? A minha palavra vai adiantar alguma coisa? Murilo, eu não posso simplesmente pedir a Ernesto que lhe perdoe. Ele é que terá que suportá-lo, não eu. E se, entre vocês, a situação se complicar?

— Como?...

— Um crime; o ódio se reavivar na carne e um acabar matando o outro... Quantos dramas assim nos lares do mundo!

— Eu jamais mataria Ernesto!

— O mesmo, no entanto, não posso garantir a meu respeito, Murilo, pois, confesso, tive ímpetos de fazer isso mesmo!

— Meu irmão!

— Não sou mais seu irmão!... Você me é um espírito totalmente indiferente. Veja a que me reduziu!

E, mostrando-me as mãos:

— Doutor, estou trêmulo... Ai, meu Deus! Murilo, não me peça além de minhas forças... Vamos dar um tempo. Volte à Terra e, se for o caso, ofereço-me para auxiliá-lo a conseguir outra família, mas, por favor, reencarne bem longe de mim; que os nossos passos não se cruzem!

— Você, Ernesto, está fazendo pior do que eu...

— Está vendo, Doutor: ainda sou o culpado. A gente é vítima e tem que perdoar, que se humilhar; apanha e tem que perdoar, apanhando de novo...

— É, o perdão é assim - repliquei -: uma virtude que não se contenta com pouca coisa, não...

Ernesto quase sorriu e ofereceu ao diálogo pequena descontração.

— Vocês já leram o Novo Testamento? - perguntei.

— Novo Testamento?...

— É, principalmente os Evangelhos de Jesus.

— Não, não os conheço - respondeu Murilo.

— Nem eu, tampouco - emendou Ernesto.

— O que vocês eram? Católicos? Evangélicos?

— Católicos, Doutor, mas não íamos à missa...

— Raramente - corrigiu o mais velho dos dois.

— A gente não entendia o que o padre falava...

— A gente queria confessar-se e comungar...

Espíritos e Deuses

- Quem é Jesus Cristo para vocês?
- O Salvador! - responderam quais duas crianças na aula de catecismo.
- Vocês O respeitam?
- É claro, Doutor - adiantou-se Ernesto. — Quem não respeita a Jesus...
- Jesus é tudo! - acentuou Murilo. — Mamãe nos ensinou que Ele deu a vida para a redenção da Humanidade.
- Vocês oravam ou oram com frequência?
- Não - disseram sem titubeios.
- Nem depois de *mortos?!...*
- Não!
- Sabendo da transcendência da Criação, não reverenciam o Criador?! Continuam indiferentes, insensíveis, impermeáveis?... Não se prosternam diante do Infinito?... Ah, já sei, estão ocupados demais em se odiarem um ao outro! O Universo são vocês dois, não?
- Doutor!... - tentou intervir Ernesto.
- Agora é minha vez de falar - redargui, enfático.
- Eu já escutei vocês demais... Querem saber de uma coisa? Os dois estão errados: um, por ter sido idiota - você, Murilo; outro, por se julgar no direito de ser tolo - você, Ernesto!
- Doutor!... - mexeu-se Ernesto na poltrona.
- Por favor, me escutem sem interrupção. Vou ler para vocês apenas um trecho das palavras de Jesus e, depois, decidam o que fazer.

Abrindo um exemplar do Novo Testamento, que sempre tenho sobre a mesa ao lado de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", li, pausadamente, o que o Evangelista Mateus anotou no cap. V, vv. 25 e 26: "Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto todos estais a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. — Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceitil."

— Escutaram isto antes da boca de algum padre, quando, esporadicamente, iam à igreja? - questionei.

— Não!

— Entenderam a solicitação do Cristo?

— Ele nos pede que nos reconciliemos - destacou Ernesto.

— "O mais depressa possível"!... - repeti com especial entonação de voz.

— O que quer dizer? - perguntou Ernesto.

— O que você acha? - devolvi.

Ele silenciou e prossegui:

— A reconciliação com os nossos desafetos deve ser providenciada o mais rápido possível: o perdão não é para amanhã ou depois - o perdão é para hoje, no exato instante em que a ofensa nos é feita...

— Impossível!

— Difícil, impossível não; quase impossível vai se tornando à medida que o tempo passa, pois o abismo

Espíritos e Deuses

a ser transposto vai se fazendo mais largo e mais profundo.

— Doutor, ele, o Murilo...

— Ele errou, você está errando; ele errou por imaturidade, ignorância - você, Ernesto, está errando de caso pensado... Quem não se esforça para aceitar o sincero pedido de perdão de alguém está se prevalecendo de sua suposta condição de superioridade. Não somos tão bons e justos quanto pensamos; às vezes, o que nos falta é um chicote nas mãos para que, de vítima, nos transformemos em verdugo... Ser delinquente, para a maioria, pode ser uma questão de oportunidade.

— O Murilo...

— ...merece uma sova!

— Mereço, Doutor, mereço mesmo! Meu Deus, como pude ser tão sem-caráter? Chego a pensar que estava debaixo de uma influência qualquer...

— Alto lá! Não vamos transferir responsabilidade... O ser humano, dotado de livre-arbítrio, não vive à mercê do mal; se assim fosse, a ninguém poderia ser imputada qualquer culpa.

— Estou me referindo à possibilidade de alguém ter feito um *trabalho* contra mim; a minha companheira costumava frequentar terreiros, essas coisas...

— Onde há luz, não existe espaço para a treva, que jamais engole a luz!

— O senhor não acredita?

— Acredito na força do Bem, sempre.

- Ouvi dizer que os espíritos obsessores...
- Quando estabelecemos sintonia com eles; caso contrário, poderão até nos assediar periféricamente, mas não nos atingirão o âmago.
- Doutor - tornou Ernesto -, o senhor está querendo me convencer de algo... Eu não estou preparado.
- Você, obviamente, tomará a decisão que lhe aprouver, no entanto, uma coisa lhe digo: pode ser que, amanhã, a situação venha a se inverter...
- Como?...
- A sua consciência haverá de acusá-lo pela sua falta de clemência; você está sendo duro, Ernesto, inflexível! Será que você não tem ninguém a quem pedir perdão? Nunca errou ou não vai errar? Permita-me uma leitura um pouco mais longa do Novo Testamento, igualmente anotada pelo Evangelista Mateus, cap. XVIII, vv. 23 a 35: "O Reino dos Céus é comparável a um rei que quis tomar contas aos seus servidores. — Tendo começado a fazê-lo, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. — Mas, como não tinha meios de os pagar, mandou seu senhor que o vendessem a ele, sua mulher, seus filhos e tudo que lhe pertencesse, para pagamento da dívida. — O servidor, lançando-se-lhe aos pés, o conjurava, dizendo: "Senhor, tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo." — Então, o senhor, tocado de compaixão, o mandou embora e lhe perdoou a dívida. — Esse servidor, porém, ao sair, encontrando um de seus companheiros, que lhe devia cem dinhei-

Espíritos e Deuses

ros, o segurou pela goela e, quase a estrangulá-lo, dizia: "Paga o que me deves." — O companheiro, lançando-se-lhe aos pés, o conjurava, dizendo: Tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo." — Mas o outro não quis escutá-lo; foi-se e o mandou prender, para tê-lo preso até pagar o que lhe devia.

"Os outros servidores, seus companheiros, vendo o que se passava, foram, extremamente aflitos, e informaram o senhor de tudo que acontecera. — Então, o senhor, tendo mandado vir à sua presença aquele servidor, lhe disse: "Mau servo, eu te havia perdoado tudo que me devias, porque mo pediste. — Não estavas desde então no dever de também ter piedade do teu companheiro, como eu tivera de ti?" E o senhor, tomado de cólera, o entregou aos verdugos, para que o tivessem, até que ele pagasse tudo que devia.

"É assim que meu Pai, que está no Céu, vos tratará, se não perdoardes, do fundo do coração, as faltas que vossos irmãos houverem cometido contra cada um de vós".

Terminando a leitura, deixei o livro aberto sobre a mesa e observei:

— Você está pegando o Murilo pela goela - não que ele não mereça -, mas age como se não devesse nada a ninguém, nem a Deus... A razão abandona quem extrapola o senso de justiça.

Ernesto e o irmão se entreolharam em silêncio.

Dos olhos de Murilo, abundantes lágrimas começavam a brotar. A cena era comovente e eu - coitado de mim!, sem ser Deus, o que poderia fazer para reaproximar aqueles dois? Onde a varinha de condão com que pudesse tocar o coração de cada um, desfazendo toda mágoa? A ponderação, a palavra inspirada no Evangelho era o meu único argumento, poderoso, reconhecido, o mais eficiente de todos, mas que, para surtir efeito, precisava contar com o mínimo de boa vontade dos irmãos envolvidos na trama, principalmente Ernesto.

Depois de breve interregno, voltei a considerar:

— Na minha opinião, não lhes resta alternativa. Se vocês se separarem agora, quando a Vida lhes ensejará uma nova oportunidade? O endividado sempre será alguém preso ao compromisso; a felicidade real não permite a menor tizna de mágoa no coração... Perdoar! Tão simples e, ao mesmo tempo, tão complexo!... Uma ati-

Espíritos e Deuses

tude só de nossa parte, uma atitude positiva, pode evitar-nos séculos de aborrecimentos. Um problema insignificante pode desencadear outros de maiores proporções. Esqueça, Ernesto! Você não deve desconsiderar a chance de superar-se, pois quem perdoa agiganta-se espiritualmente aos próprios olhos. Os que se comprazem no ressentimento não sabem o bem - o enorme bem - que perdoar é capaz de lhes fazer ao espírito. Quem não perdoa, mesmo com motivos transitórios para tanto, haverá de arrastar nos ombros um peso desnecessário... Falo em motivos transitórios, porque, a rigor, ninguém conta com motivos reais para não perdoar! Se o homem se mostrasse mais disposto a esquecer a ofensa, a agressão, o problema da paz no mundo estaria resolvido. O ressentimento, o ódio são emanações mentais deletérias dando força ao mal para que se propague... A guerra é o ódio acumulado de milhões. A violência não explode de uma hora para outra; é acalentada, devagarinho, pelos nossos impulsos negativos. De certa maneira, quando não perdoamos, a nossa mão está lá, sobre a mão que aperta o botão que dispara um míssil contra o povo indefeso de um país...

Buscando realinhar conceitos, fiz uma pausa e continuei, esforçando-me ao máximo, para que o carma daqueles dois não prosseguisse por tempo indefinido.

— Temos aqui, internados no Hospital, criaturas que foram vítimas do ódio - não propriamente do ódio de outros contra elas, mas do que alimentaram em si

mesmas... No fundo, no fundo, não perdoar é orgulho. Toda ofensa que recebemos nos revela como som

Eu aconselharia vocês dois a se prepararem; sim, antes de tentarem uma nova experiência no corpo, preparem-se melhor, aumentando as suas chances de êxito no cometimento... Existem escolas de convivência por aqui! Poderíamos providenciar para que ambos se matriculassem, pois, de fato, seria uma temeridade reencarnar como se encontram. Esperem um pouco mais... Quando, Ernesto, você conseguir abraçar o seu irmão e ele a você, então estará na hora...

— Doutor - interrompeu-me Ernesto -, o senhor está falando como se eu tivesse concordado...

— Não, estou falando como alguém que supõe ser você uma pessoa inteligente. O perdão, meu filho, é também uma questão de inteligência, da parte de quem toma a iniciativa de exercê-lo. Imaginemos que você e Murilo se afastem... Por quanto tempo ficarão longe um do outro? 200, 300..., 500 anos? E depois? É da Lei que nos entendamos. Não estou falando de amor - estou falando de entendimento, aceitação, renúncia... Amor, para servir-me de uma expressão usada na Física, é um ponto imaginário. O amor de uma só pessoa na Terra faria tremer as bases do Orbe! Vocês dois não teriam vindo me consultar, caso não estivessem predispostos...

— Vim por insistência de minha mãe, Doutor, e para ver se convenço Murilo a...

— Não, você veio porque, no fundo, tem estima

Espíritos e Deuses

por seu irmão; você veio porque, em seu espírito, crepita débil chama de esperança que, graças a Deus, não se apagou de todo; você veio, Ernesto, porque você é bom e não consegue odiar...

Neste instante, o mais velho, a quem eu dirigia a palavra, começou também a chorar.

— Falta-lhe tão pouco! Um passo só! Quando perdamos - eu não sei -, existem *forças* que se movimentam em nosso favor; a nossa predisposição em perdoar é luz que dissolve as sombras, que fogem de nossos caminhos... Digo-lhes: sempre tive, sim, uma contrariedade ou outra com alguém, um aborrecimento, uma rusga; mas odiar, nunca! Nada tenho em meu coração contra quem quer que seja! Nem contra os padres...

— O senhor tinha inimigos padres? - perguntou Murilo com a ingenuidade de uma criança.

— Brigamos muito no campo das ideias, mas, felizmente, eu não conseguia que a minha raiva passasse de um dia para outro - bem que eu tentava, mas...

Ernesto e Murilo sorriram e eu prossegui, descontraindo:

— Adormecia pensando: "Amanhã, fulano me paga!" No outro dia, eu não sabia para onde tinham ido os meus planos de vingança... Uma amiga me definia bem: — "Inácio, você é muita fumaça e pouco fogo, ou melhor, nenhum fogo..." O pior é que ela tinha razão, mas eu precisava ser forte - já que me faltava tamanho, que, pelo menos, não me faltasse rompante... No fun-

do, me dava pena a situação daqueles irmãos, escravos pelo pensamento de uma doutrina arcaica sustentada pela Igreja; muitos não tinham coragem de renunciar aos seus votos religiosos, com receio de decepcionarem a família e ganharem o pão com o suor do próprio rosto... Mas isto é outra história.

— Doutor, o senhor mencionou escolas de convivência - mostrou-se Murilo, interessado.

— Sim, escolas nas quais aprendemos, não a ler e a escrever, é óbvio, mas a melhor nos relacionarmos uns com os outros...

— Através...? - indagou Ernesto.

— ...principalmente do autoconhecimento... A medida que melhor nos conhecemos, torna-se-nos mais fácil a aceitação dos outros.

— Interessante... É uma terapia?

— Não deixa de ser. Para nós, que somos espíritos enfermos, qualquer atividade positiva é terapêutica. Por exemplo: este nosso diálogo nos está sendo uma terapia...

— Para o senhor também? - perguntou Murilo.

— Por que não? Eu também necessito de sedimentar convicções - precisamos repetir um milhão de vezes, aos próprios ouvidos, o que dizemos aos outros. Não me creiam um santo ou coisa assim; sinceramente, falta-me toda vocação à santidade... Não, eu quero ser o que sou, caminhando à frente com determinação - passo a passo, mas sempre com maior determinação

Espíritos e Deuses

no bem. Estou convencido de que Jesus Cristo é o Caminho! Neste sentido, para mim não existe retrocesso... Não consigo, porém, abdicar do ser humano que ainda me sinto. O pessoal *lã embaixo* pensa que o corpo de carne é uma espécie de incubadeira para o espírito, que, quando termina a *choca*, sai batendo as asinhas... Assim fosse! Que bom!

— Doutor, nessas escolas de convivência...? - aparteou-me Ernesto, intrigado.

— Ah, sim! Vocês estão interessados, não é? - re-dargui como quem não estivesse dando muita importância, evidentemente com o propósito velado de aguçar a curiosidade dos dois. Os Instrutores são competentíssimos - esclareci -, e o currículo, ao que estou informado, consta de aulas teóricas e práticas, com ênfase para as aulas de natureza prática.

— Aulas de natureza prática?! A gente não estuda Filosofia, Religião, Psicologia, coisas assim?... - arguiu Ernesto.

— É claro: muitos livros, preleções, etc. Tudo, porém, voltado para o autoconhecimento à luz do Evangelho.

— Meditação? Técnicas de relaxamento?...

— Nem tanto. O segredo da evolução é: meditar um pouco, estudar muito e trabalhar mais!

Consultando o relógio, avisei:

— Que pena! O nosso tempo se foi... Lamento não tê-los ajudado mais.

— Doutor, um último esclarecimento - solicitou Ernesto: eu e o Murilo estagiaríamos?...

— Juntos, na mesma classe, e, com certeza, ambos terão tarefas conjuntas a cumprir, em atividade por aqui e na região da Crosta; terão oportunidade de se verem e de conversarem bastante... Problemas relacionados com a convivência só são resolvidos através da convivência. Mas, infelizmente, falhei... Não lhes devolvo o dinheiro da consulta, porque vocês não estão pagando nada, e nada lhes dou porque estou sem nenhum no bolso - não me faltam casa e comida, mas, dinheiro, ó!... Neste hospital, somos todos remunerados pelo SUS do Além: Serviços Unicamente Serviços!

Levantei-me a fim de colocar aquela dupla para fora, pois, caso contrário, complicariam toda a minha agenda.

— Passem bem! - disse, apertando a mão de um e de outro, conduzindo-os à porta. Antes, porém, que saíssem, percebi algo positivamente sintomático e, sem nada comentar, sorri com discrição: é que, de maneira instintiva e protetora, Ernesto, o irmão mais velho, cederá passagem a Murilo, direcionando-o com a destra pousada em seu ombro. Gastara muita saliva, no entanto...

Assim que os dois se retiraram, experimentando eu aquela natural alegria de ter cooperado com relativo êxito para o entendimento futuro daqueles espíritos, Manoel Roberto, desta vez sem me dar tempo de ir à

Espíritos e Deuses

janela espiar a paisagem, anunciou, adentrando o consultório:

- Carta para o senhor!
- Correspondência para mim? - interroguei, surpreso.
- E vem da Terra, Doutor!
- Como os Correios andam eficientes! - brinquei, recebendo-lhe das mãos o envelope.

Manoel Roberto deixou-me a sós. Eu, intrigado, abri o delicado envelope a fim de lhe verificar o conteúdo. A missivista, que eu não conhecia, dirigia-se a mim mais ou menos nestes termos:

"Estimado Dr. Inácio: O Senhor nos abençoe!

Tomo a liberdade de escrever-lhe estas linhas, com **O** propósito de encorajá-lo a continuar em sua luta, através dos livros que nos têm esclarecido tanto; refiro-me à sua obra mediúnica, a qual, infelizmente, vem sendo contestada por aqueles que se julgam donos da Verdade, os espíritas conservadores sempre prontos a criticar, mas que nada apresentam de substancial, algo acrescentando ao corpo doutrinário do Espiritismo. Eu e o meu esposo frequentamos um centro na cidade em que moramos e, digo-lhe, o povo simples o adora, a gente mais humilde que procura vivenciar o Evangelho na prática da caridade desinteressada. Os que se consideram in-

Espíritos e Deuses

telectualizados polemizam e chegam mesmo a proibir que os seus livros circulem no centro... Peço-lhe, não desanime! Continue, Doutor, escrevendo para nós outros, que nos identificamos com o seu jeito espontâneo de ser. Tenho a impressão de que já nos conhecemos de muito tempo... Quem sabe, em vidas passadas, tive o privilégio de sua convivência? É brincadeira. Acontece, porém, que o meu carinho e o meu respeito pelo senhor não têm limites. A sua palavra nos toca o coração e nos fala, sem rodeios, o que precisamos saber. Até quando fica aparentemente bravo, eu gosto do senhor! Eu também sou assim, pois é tudo, como se costuma dizer, "da boca para fora"... O seu coração é grandioso, desculpe-me, mole como gelatina. O senhor me lembra muito a figura de meu pai, um italiano que explodia fácil, rugia feito um tigre, para, em seguida, se transformar em cordeiro e fazer tudo que a gente queria".

Virei a página e, confesso, com lágrimas que insistiam em cair, continuei a leitura.

"Repito, não ligue para esse pessoal que vem fazendo campanha contra o senhor - existe inveja de todo tamanho! É uma pena que, no Espiritismo, não seja diferente. É médium contra médium, dirigente contra dirigente... Na minha cidade, existem grupos espíritas que são rivais. Não é um absurdo? O senhor tem razão quando fala - precisamos, sim, e depressa, lavar a roupa suja que vem se acumulando... Senão, o que

há de ser da Doutrina daqui a alguns anos? Já escutei críticas até a Chico Xavier... Ora, onde é que iremos parar? Eu, o meu esposo e mais um bom punhado de amigos acreditamos no senhor. Talvez eu esteja sendo pretensiosa demais; o senhor, com certeza, não precisa ouvir de alguém tão insignificante como eu o que estou lhe dizendo, mas é que hoje me levantei com uma vontade danada de lhe escrever esta carta! Não leve em conta os meus erros de português e a minha linguagem pobre - sou mãe de três filhos e não pude ir além do 2.º grau. Eu e o meu marido temos uma pequena mercearia, com um varejão de frutas, verduras e legumes em anexo; é assim que sobrevivemos e esperamos poder estudar os meninos... Aos domingos, participamos do grupo da sopa no centro. Engraçado: os discutidores, os críticos nunca aparecem para mexer os caldeirões; qual os evangélicos mais fanáticos, vivem com "O Livro dos Espíritos" debaixo do braço e só sabem falar em Kardec... De minha parte, nada contra Kardec, é claro, que também acreditamos ter reencarnado como Chico Xavier, mas, imitando um pouco o seu bom humor, esse pessoal enche..."

Sorri e prossegui lendo, de coração confortado:

"Estou escrevendo muito, não? Não se preocupe, não é psicografia; como médium, eu não passo de uma parede imóvel e insensível como uma divisória! Doutor Inácio, por favor, traga-nos novas notícias do Mundo

Espíritos e Deuses

Espiritual!... Eu sei que o senhor tem mais informações... Que os do contra chiem à vontade. Ora, a Doutrina é livre ou não é? Se continuarem nos pressionando no centro porque somos admiradores de suas obras, eu e o meu esposo vamos sair; já conversamos, temos um pequeno terreno na periferia e iremos, lá, dar sequência ao nosso trabalho. A gente é espírita em qualquer parte. Isto também temos aprendido com o senhor. Vou terminar. Se, porventura, estas palavras lhe chegarem às mãos, abrace a nossa querida D. Maria Modesta e o Manoel Roberto por mim; não os conheço, mas me são extremamente simpáticos... Vocês formam um grupo maravilhoso e, quando eu desencarnar, espero, ao menos, merecer ser tratada por vocês aí no Hospital - por gostar de seus livros e divulgá-los, já me chamaram até de obsediada! Um grande e forte abraço. Não descanse e não dê descanso ao médium. Da amiga, irmã e filha espiritual que tanto o ama..."

A simpática remetente assinou o nome completo e, inclusive, anotou o número do telefone de sua casa, porém, na impossibilidade de lhe fazer uma ligação, rascunhei-lhe, mais tarde, algumas palavras em resposta.

"Querida irmã..."

Recebi a sua carta, que muito conforto trouxe ao meu coração. Não, não me julgue dispensado de receber palavras de incentivo ao trabalho que estamos de-

Carlos A. Baccelli / Inácio Ferreira

envolvendo, sem, acredite, a menor pretensão, literária ou doutrinariamente falando. Habituei-me a escrever nas minhas horas de folga, valendo-me das horas de folga do médium, que é meu amigo... Não, para o desapontamento dos meus opositores, não pretendo parar - primeiro, porque não são donos da Doutrina; segundo, porque não me mandam; e, terceiro, porque quero lhes fazer pirraça... Eles foram mexer com um espírito pirracento, que sou eu. Penso, falo e escrevo o que quiser e não tenho satisfação a dar a nenhum deles, que deveriam olhar um pouco mais para dentro de si. Se, quando encarnado, ninguém me amordaçava, quererão me amordaçar agora, depois de morto? Em Uberaba, a cidade em que vivi na derradeira romagem no corpo, enfrentei a perseguição do Clero, quando a Igreja ainda mandava e desmandava... Esse pessoal, esses patrulheiros ideológicos da Doutrina estão fazendo pouco da minha inteligência - tenho orelhas grandes, mas não sou burro! Fique tranquila e tranquilize os nossos amigos. Enquanto puder, enquanto não se quebrar ou se danificar o *aparelho* de que me sirvo, escreverei; podem esperar à vontade, censurar os meus livros, rotulá-los de antidoutrinários, fantasiosos, etc, etc..."

Procurando não extrapolar, dei sequência.

"Eu não mereço os elogios, diretos ou indiretos que você me faz. Graças a Deus, a senilidade no corpo quase nonagenário não me afetou o cérebro espiritual..."

Espíritos e Deuses

Sempre soube reconhecer o meu lugar e, de fato, não sou nenhum espírito iluminado - sou apenas o que sou, lutando muito para melhorar sempre. Estou de trabalhos até ao pescoço... 1/3 ou pouco mais dos doentes internos no Hospital, segundo o último levantamento que fizemos, são espíritas. Veja você!... São os que me dão mais trabalho e, embora doentes, não dobram o facho... Difícil lidar com eles! As vezes, penso que seria preferível que isto aqui fosse um hospital para padres - me sobrecarregariam menos! Infelizmente, porém, estamos construindo um novo pavilhão - só para os espíritas, que, como dizia Chico Xavier, estão desencarnando mal, e vamos botar mal nisso!... Eu não sei o que eles têm aprontado, na surdina, no escuro, nos labirintos trevosos de si mesmos. Para mim, tem sido uma prova - haja paciência! O Espiritismo é uma doutrina extraordinária que os espíritas - não todos, é claro - estão fazendo tudo para estragar; os maiores obsessores da Doutrina estão encarnados. Meu Deus, é tanto personalismo! Vaidade, nariz arrebitado... Como somos custosos, nós, os espíritas!... Não, filha, não estou indignado, mas, se pudesse, haveria de tirar as calças de muita gente graúda no Movimento e dar-lhes nas nádegas com vara de marmelo! Quando a vara quebrasse ou o braço cansasse, pararia. É lógico que, conforme preceitua a caridade, prepararia uma salmoura para cada um - depois de uma tunda assim, nada como um banho uc assento. Você está rindo? Estou falando a verdade."

Peguei a última lauda em branco e acrescentei com brandura:

"Recomendações ao esposo e aos filhos queridos, meus sobrinhos pelo coração. Mais cedo ou mais tarde, imagino que, à guisa de um templo espírita, vocês terão mesmo que construir um barraco; lamento não estar aí para lhes fazer a minha contribuição em espécie, no entanto pedras e tijolos não haverão de lhes faltar... Quanto mais simples o centro e menor o grupo, menos possibilidade de complicação. Coloque só gente amiga e conhecida na diretoria. Eu tenho birra de diretorias, mas, diante das exigências legais, o que vamos fazer? Que a tônica seja a Caridade e não a Mediunidade. Como nos fala o caro Odilon Fernandes, não raro, a mediunidade, em vez de ser solução, passa a ser problema. É óbvio que o nosso Instrutor se refere à falta de discernimento do médium, já que, em si mesma, a mediunidade é uma faculdade neutra; o fogo pode ser utilizado como luz ou labareda, fogueira que clareia a escuridão ou chispa que incendeia a floresta... Quanto ao fato de você vir para cá, estaremos, sim, de portas abertas para recebê-la, só não podendo lhe garantir se, até lá, ainda estarei de fora das grades; de qualquer modo, porém, se for da Vontade de Deus, nos encontraremos. Com o meu cordial abraço, solicitando as suas escusas, sempre o servidor agradecido..."

Espíritos e Deuses

Assinei a missiva, envelopei-a e, após endereçá-la, chamei Manoel Roberto.

— Aqui está - disse-lhe. — Por favor, trate de postá-la...

— Postá-la, Doutor?! Como?...

— Não sei; você se arranje... Não vive se gabando de que tem amigos influentes?...

— Doutor, o senhor me surpreende a cada dia!

— Faça entrar o próximo paciente.

Tomei um gole d'água, não que estivesse com sede. — Não teria nada de errado se estivesse -, mas para lubrificar as cordas vocais, pois, afinal de contas, por quase duas horas argumentava sem parar com meus pacientes... Penso que, no estágio espiritual em que me encontro, com milhares e milhares de outros espíritos, se não necessitasse de boca como órgão fonador, a evolução já a teria eliminado; enganam-se - de novo, enganam-se - quantos imaginam que os desencarnados adquiram subitamente a faculdade da telepatia, dispensando, no contato uns com os outros, o concurso da palavra articulada.

— Dr. Inácio Ferreira? - disse, assomando à porta do consultório a figura de um homem bem apresentável.

— Sou eu mesmo, por enquanto... Acomode-se.

— *Por enquanto?*...

— É este um dos meus nomes, das dezenas de no-

Espíritos e Deuses

mes que, com certeza, me rotularam nas múltiplas existências. *Estou* Inácio, sem saber se, de fato, *sou* Inácio e por quanto tempo *serei*... Mas não se preocupe: não sou um camaleão; você está me vendo como, de hábito, me apresento - infelizmente, esta é a minha melhor cara...

— Estou aqui, Doutor, justamente por este motivo: eu não creio na Reencarnação... Não sou espírita e, por insistência de amigos, vim para uma consulta. Dizem que estou *morto*... Ora, como pode ser uma coisa destas? Posso estar louco, mas morto, não!

— Concordo...

— Não estou *morto*, não é?

— Não, a morte não existe - é uma utopia, uma balela... Nada desaparece da economia do Universo. As coisas, os elementos e os seres sofrem mutações, de aparência, mas jamais perdem contato com a própria identidade. Faça-lhe aqui uma indagação que não é minha: se alguma coisa desaparecesse, para onde iria?

— O senhor disse que não estou *morto*... E louco?...

— Vamos conversar a respeito. Alguém constatar ou admitir a loucura em si é mais difícil que admitir ou constatar a própria morte ou o que nos acostumamos a chamar assim.

— Para mim, a Vida é uma só, inteira, não-segmentada... Disseram-me que estou no Plano Espiritual; sinceramente...

— A Vida - você tem razão em qualquer par-

te, é sempre a mesma; os diferentes Planos em que ela se manifesta têm inúmeros pontos de contato, o que a torna, como bem a definiu, inteira. Não existe solução de continuidade entre uma maneira e outra de a Vida se expressar. Tudo, basicamente, se resume em menor ou em maior densidade da matéria - da velocidade das partículas que a constituem...

— Eu não entendo nada de Física.

— Nem eu sou especialista no assunto.

— Quem me garante que *morri*, se sou a mesma pessoa?!... Por que a paisagem à minha volta se alterou?!... Por que os meus familiares e outros amigos?!... Por que não tenho mais o mesmo estilo de vida?!...

— O Espiritismo ensina que a morte é uma *viagem*, e, quando a gente viaja, é natural que deixe certas coisas que nos serviam de ponto de referência para trás. Por exemplo, se nos mudamos para um país estranho, teremos que nos adaptar ao clima, à cultura, aos hábitos do povo. Não podemos, é lógico, exigir que se adaptem à nós... Seria um contrassenso!

— O senhor acredita que tenha *morrido*?

— Um defunto velho, quase uma múmia - não tenho a menor dúvida!

— Não poderíamos, os dois, estar vivenciando um pesadelo? Doutor, se nada à nossa volta é real?...

— A Realidade só existe em Deus! O resto é projeção transitória da mente. O que nos rodeia é ilusório. O espírito está para além de toda forma e limitação.

Espíritos e Deuses

— Suponhamos que eu tenha *morrido*: fisicamente, não tenho como constatar o fenômeno... Tudo é semelhante, quase igual - para mim, idêntico: o meu corpo, os valores, as preocupações... A diferença é imperceptível. Quando entrei, o senhor estava acabando de tomar água... Não posso estar delirando: o copo d'água, como prova, ainda jaz sobre a mesa. Temos fome - pelo menos, eu continuo tendo necessidade de almoçar e jantar, todos os dias. O Sol está brilhando lá fora; as pessoas se movimentam, trabalham e... fazem sexo. Se há morte e a vida continua, a ilusão também! Ora, vivíamos iludidos e, *mortos*, prosseguimos iludidos? Não dá; não tenho cabeça...

— Compreendo... Como você - perguntei - explica a ausência de seus familiares mais próximos? A casa em que presentemente mora é diferente da sua, não?

— É um sonho do qual, de repente, posso acordar, ou não. Digo que é sonho, o que está mais para pesadelo. Ninguém é capaz de dimensionar a duração de um sonho...

— Podemos, se for o caso, ir à sua cova. Quem sabe, deparando-se com o seu esqueleto?...

— Já tentaram isso comigo e não deu resultado.

— Então, disse, o diagnóstico é mesmo de loucura; você está louco - não daqueles que atiram pedra na Lua, mas ainda chega lá...

— Doutor, eu sou um homem pacífico; louco, eu

tenho certeza de que não... Desculpe-me, mas já aventou a hipótese de a loucura ser do senhor?!

Confesso-lhes que a minha cabeça baratinou, pois, no *começo de minha morte*, essas ideias haviam me assaltado.

E o homem, que me disse chamar-se Confúcio, continuou:

— Com todo o respeito, o senhor e os espíritos podem estar alucinados... Allan Kardec, não é? - a quem vocês chamam de *Codificador*?

— Sim, o Codificador da Doutrina.

— Que pode não passar de uma teoria mirabolante da cabeça dele - um incontido anseio de imortalidade, natural em todos os mortais.

— Outros corroboraram os seus pensamentos...

— O povo é massa de manobra; a multidão concordou que Jesus deveria ser crucificado...

— Você acredita em Jesus Cristo?

— Como personagem histórico, não; acredito que "ele" seja a personificação do que o ideal humano contém de mais elevado... Jesus, até prova em contrário, foi "criado" - a mais bela gestação mental do inconsciente coletivo da Humanidade!

— Meu Deus!...

— O quê?...

— Nada, meu filho, estou chamando por Deus - respondi. — Como você disse chamar-se mesmo? Confúcio?...

Espíritos e Deuses

— Não, Doutor: Confúcio! Os meus pais me deram este nome em homenagem ao...

— Eu sei, antes, porém, fosse *Bastião* (nada contra os Sebastões, por favor! Tenho um grande amigo dentre eles, o nosso estimadíssimo Sebastião Bernardes Carmelita)...

— O senhor está me tirando uma casquinha, não? - perguntou, cortês, esboçando um sorriso na comissura dos lábios.

— Não leve a mal; você está sonhando - redargui em tom mais ou menos irônico, como, positivamente, não era de meu feitio.

— Conversar com o senhor é agradável; trata-se de um homem inteligente e espirituoso.

— Tentemos resumir - solicitei: para você, a Vida...

— ...é simplesmente a Vida. Esse negócio de reencarnar, desencarnar não faz o menor sentido... Querem, não sei por quê, me convencer de que a Verdade é esta. Daqui a pouco, estarei despertando e, então, tudo voltará ao normal: abrirei os olhos e estarei em casa, no ambiente que sempre me foi familiar.

— Que seja, mas você morrerá, um dia?

— Mas não morri... Nunca me senti tão pleno de vida.

— E quando *morrer*?

— Talvez vire pó! Estive pensando. A Reencarnação, por exemplo: talvez aconteça, em se referindo

às moléculas que nos constituem... É difícil, realmente, admitir que algo possa se perder no Universo. Quem foi que disse que "em a Natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma"?

— Lavoisier!

— O senhor concorda?

— Em parte.

— Contradiz o grande cientista?...

— Acho que ele deveria ter dito: a partir da Criação Divina, nada se cria de original; a *primeira criação*, da qual todas as outras derivam, existiu... O Universo foi criado, num dado instante. "Haja luz; e houve luz".

— Bem, os nossos átomos, ou seja lá o que nos estruturar, "reencarnariam" em formas subsequentes, não necessariamente humanas. Os amigos que me convenceram a procurá-lo são adeptos da tese de que já "fomos" pedra, planta, bicho, gente...

— O princípio inteligente em sua escalada evolutiva!

— Não cogito do espírito, Doutor. Refiro-me ao de que somos formados - não sei como nomeá-lo... Admito, sim, que, conforme dizem os espíritas, já vivemos muitas "vidas" e... tornaremos a vivê-las. Somos imortais a partir daí...

— É uma concepção materialista.

— Não morrerei! Serei sempre alguma coisa, em algum lugar... Agora, essa teoria de que o espírito progride, de que somos essência, de que a nossa natureza

Espíritos e Deuses

difere do que chamamos matéria, sinceramente... Allan Kardec, repito - ele e tantos outros -, pode ter sido um homem bom, mas equivocou-se; aliás, todas as religiões que nasceram da adoração aos elementos da Natureza se equivocaram.

Deixei-o falar à vontade, enquanto pensava, pensava... Como somos diferentes, os filhos de Deus! Como o Pai nos tolera e nos espera, pacientemente, sem jamais violentar-nos a consciência! Cada espírito - um mundo completamente à parte, um universo em si mesmo!...

Percebi que, naquelas circunstâncias, pouco poderia fazer pelo paciente que amigos encaminharam ao meu consultório. Longe de mim a pretensão de realizar o trabalho do tempo, que, em síntese, é o trabalho de Deus.

Apiedei-me do amigo e comecei a me imaginar no lugar dele; sim, poderia perfeitamente ser eu, se, em determinado instante da caminhada evolutiva, não tivesse conhecido a Doutrina Espírita, à luz do Evangelho do Mestre. Por onde vagaria o meu espírito, de temperamento difícil, caso outras concepções filosóficas ti-

Espíritos e Deuses

vessem feito a minha cabeça? Confesso-lhes que tremi só de pensar e, inspirado pela compaixão, argumentei como se estivesse dirigindo a palavra a um jovem impetuoso - o espírito milenar à minha frente, mas que ainda não havia logrado o necessário amadurecimento do senso moral.

— Filho - disse-lhe, num fiapo de voz -, o que tenho a lhe falar é que, independente do que você pensa, procure fazer o bem; torne-se útil, sem se importar que esteja sonhando ou acordado... Tudo existe para cumprir determinado objetivo na Vida. Não posso, evidentemente, fornecer a você uma prova da existência do Criador, mas, com base na lógica, há de convir comigo que não podemos ser obra do acaso - o acaso não é inteligente, ao contrário, é o caos; se lhe atribuíssemos inteligência, o proclamariamos Criador! Há uma Lei presidindo todos os fenômenos...

— É razoável - admitiu.

— O movimento dos astros, o ritmo das ondas, o pulsar do coração - tudo revela uma certa harmonia, que transcende a nossa compreensão imediata. A semente, a flor, o fruto... Existe ordem, sequência. A criança, o jovem, o velho, a vida e a morte. Os estados emocionais que se alternam, que vêm, vão e tornam a vir. O dia e a noite, o frio e o calor, a tristeza e a alegria... As coisas estão perfeitamente arranjadas. Vivemos, sonhando ou acordados - não importa -, dentro deste contexto, somos, queiramos ou não, partes integrantes do Todo,

partes essenciais... Não temos, sonhando ou acordados, como nos subtrair do processo - nada, absolutamente nada nos coloca à margem... Está entendendo?

— Continue, continue - solicitou.

— Desculpe-me; outro, talvez, tivesse melhores argumentos... Esqueçamos a vida, esqueçamos a morte, do que somos ou não somos constituídos; o certo é que estamos aqui conversando, ou não?

— Estamos!

— Sonhando ou acordados...

— Sonhando ou acordados...

— Então, procuremos vivenciar esta realidade ou ilusão. O mal conspira contra a nossa felicidade, essa sensação de bem-estar íntimo que experimentamos, de paz que não se traduz. Você, por exemplo - permita-me perguntar -, está satisfeito consigo?

— Não, Doutor, não! Aparentemente, sim, mas sou um homem angustiado... Não gosto desta situação. Falta-me algo, que não sei o que é. Sofro de depressão crônica; não tenho ânimo para nada!

— Ânimo!... *Anima*... Você sabe o que significa?

— Alma, não é?

— Falta de ânimo - falta de alma!

— Alma, espírito... Voltamos à estaca zero.

— Você admite que pensa para falar?

— É claro!

— Então, falemos em pensamento...

— Admite que sente?...

Espíritos e Deuses

- Sim, tenho sensibilidade.
- Então, falemos em pensamento e emoção; mera questão de terminologia - já que você não quer falar em alma e espírito.
- Responda-me: uma pedra pensa?
- Até onde sei, não.
- Você é mais que uma pedra!
- As plantas?... Têm emoções como as suas?
- Como as minhas, não.
- Você é mais que uma planta!
- Os animais?... É capaz de se entender racionalmente com algum deles?
- Não!
- Você é mais que um animal!
- Ou menos?...
- Não apele, Confúcio, não apele. Seja sincero.
- O senhor está me confundindo.
- Absolutamente!
- O senhor está me fazendo sentir-me algo...
- Ótimo!
- Eu não quero, não creio...
- Não crê ou não quer? Escolha. Ou não crê porque não quer?
- Não quero o quê?
- O que eu também não queria - a responsabilidade!
- O senhor é um bruxo!...

- Sonhando ou acordado?
- Eu quero ir embora... Por favor, não consigo me levantar desta poltrona. O que está fazendo?
- Não toquei em você!
- Tocou, tocou sim! O senhor é um feiticeiro! Socorro!... - começou, inexplicavelmente, a gritar.
- Como é mesmo o seu nome? - inquiri de propósito.
- Confúcio!
- Se você responde por um nome, admite a sua individualidade.
- É uma tortura... Meu Deus!
- Você chamou por Deus, Confúcio?
- Pare, pare... Não quero.
- E, tapando os ouvidos, repetia sem pausa, numa reação inesperada para mim:
 - Sou átomo, sou molécula, sou pó... Sou átomo, sou molécula, sou pó...
 - Meu filho, responda-me - insisti prevalecendo-me de minha força telepática, para que as minhas palavras ecoassem em seu cérebro: Um átomo faz o que quer? Dirige ou é dirigido?
 - Não, um átomo não tem vontade própria... Pare, pare com isto!
 - Então, você é mais que um átomo; se fosse passivo, não reagiria... O que é um grão de poeira que o vento conduz para onde quer?
 - O meu cérebro vai estourar!

Espíritos e Deuses

— Olhe para mim... Relaxe e acalme-se!
— Um copo d'água... Estou me sentindo mal. Se soubesse, não teria vindo... O senhor me hipnotizou, não?

— Quem me dera ter esse poder!... Não, eu não o hipnotizei. Creio que começamos a fazer o contrário.

De respiração ofegante, Confúcio, prostrado na poltrona, se mostrava lívido, e, sinceramente, passei a me preocupar com ele.

— Doutor, sinto-me *desmoronar*... Não me deixe morrer!

— Já discutimos muito sobre a morte hoje...

— O que está acontecendo?

— Nem eu sei.

— Qual o seu diagnóstico?

— Mente espacial e temporalmente deslocada da realidade - voluntariamente deslocada da realidade!

— O que é? Não estou entendendo...

— Amnésia atemporal, ou seja: você *apaga* a memória do passado e *anula* a perspectiva do futuro! Tem muita gente com a sua doença, em quadros mais ou menos graves; o seu é dos mais graves que tenho visto.

— Um remédio, Doutor, quero dormir, dormir profundamente... Ai, a minha cabeça!...

— Confúcio! - chamei-o, sem, contudo, evitar que desfalecesse.

Acionando pequeno dispositivo à guisa de campanha, solicitei a presença de Manoel Roberto.

— Providenciemos a sua internação e avisemos os amigos.

— O que houve?

— Não sei, conversávamos e...

— Quase não tem pulso!

— Dormirá por longo tempo.

— Parecia tão bem disposto...

— Manoel, você se lembra daquela senhora que, certa vez, desmaiou no meu consultório?

— O esposo queria processar o senhor... Ficou mais de um mês em estado comatoso!

— Sem nenhum problema físico... Fizemos todos os exames, chamamos diversos cardiologistas ao Sanatório. Depois ela acordou e... foi para casa.

— O marido, que queria mover um processo na justiça, depois escreveu agradecendo: a mulher, extremamente geniosa, como que mudara de personalidade...

— Quando chega a hora de sermos despertados ou de despertarmos alguém, Deus põe certas palavras em nossos ouvidos ou em nossos lábios - palavras comuns, que, com certeza, já foram ditas um milhão de vezes, mas que, naquele instante, soam diferentes. Eu não havia falado nada demais com aquela senhora... Conversávamos somente!

— Doutor, o senhor é meio estranho mesmo!

— O que você insinua? Que eu tenho parte com...

— Com Deus, Doutor!

— Ainda bem, pois perdi a conta das vezes que me

Espíritos e Deuses

acusaram de feiticeiro, sem que eu conheça uma única fórmula cabalística. Eu até queria mesmo saber fazer certas mandingas... Por falar nisto, ainda envergávamos a carcaça física, quando lhe emprestei o meu exemplar de "A Cruz de Caravaca" e você não mo devolveu!

No intervalo do atendimento aos pacientes, enquanto aproveitava para respirar (graças a Deus, o trabalho no Hospital era intenso e não me concedia tré-gua), pus-me a pensar nos companheiros de Doutrina que, infelizmente, não conseguiram avançar além do campo teórico; estavam sempre prontos a discutir sobre determinados temas polêmicos e opinar sobre atividades no centro espírita, sem nunca darem a sua contribuição efetiva ao serviço inadiável.

De ainda encarnado, lembro-me, especificamente, de um deles, que aqui identificaremos pelo nome de Alan - ainda bem que com um / só...

Alan era o que, na atualidade, se poderia chamar de um *espírita zen*, como tantos que enxameiam em nossas fileiras; entendera que Jesus, em vez de dizer "Bem-aventurados os mansos e pacíficos", dissera: "Bem-aventurados os mansos e *passivos*"...

Espíritos e Deuses

De quando em quando, conversávamos e, confesso, sem vontade nenhuma de minha parte, já que, em termos práticos, não surtia resultado algum. De mãos nos bolsos, aparentando tranquilidade, fala mansa, ele não contribuía com o menor esforço em benefício da Causa; vivia escutando música clássica, exercitando yoga, com a cabeça nas nuvens, preocupado apenas com o seu bem-estar físico e espiritual e mais nada.

— Como é, Doutor? Na luta de sempre? - perguntou-me num dia daqueles em que o meu estopim estava um pouco mais curto. — Tenho lido os artigos do senhor em "A Flama Espírita"... Parabéns! O senhor é um homem corajoso, combativo...

— Carecemos de nos movimentar, não é? - cutuquei. — O Espiritismo não precisa de adeptos que façam número... E você, como vai? Frequentando algum centro?

— Numa boa... Leio os meus livros, faço as minhas orações, tomo passes.

— Toma passes, onde?

— Com uma senhora que atende em casa; é ótima médium, passista e vidente... No mais, cuido do meu jardim; sou colecionador de orquídeas.

— Alan, o Espiritismo faz tanto por nós! Precisamos fazer por ele, nem que seja o mínimo. Com o seu potencial, você poderia ajudar muito; tem centro espírita que não conta com gente sequer para efetuar a leitura de um trecho de "O Evangelho" nas sessões públicas...

— Eu sei, mas, por enquanto, não posso assumir compromissos...

— Não pode ou não quer? Você não tem problema financeiro; conforme me disse noutra ocasião, vive de aplicações bancárias, possui vários imóveis de aluguel... O Mundo Espiritual não é como você imagina!

— Doutor, a convivência em grupo não é fácil; o senhor vai me perdoar, mas os espíritas exploram muito - pedem dinheiro, fazem diversas campanhas, vivem criando tarefas novas... O essencial é a iluminação íntima. Decidi cuidar de mim. É o bastante.

— Meditando, fazendo exercícios, contemplando a Natureza, numa boa?...

— Tenho, porém, repito, uma grande admiração pelo senhor e pelo seu trabalho.

— Desculpando-me a franqueza, dispenso a sua admiração por mim; estou convicto de que cumpro, e mal, o meu dever...

— Primeiro, eu preciso me preparar melhor...

— A gente se prepara é vertendo suor! A qualquer hora, você deixa o corpo e vai chegar ao Outro Lado de mãos completamente vazias!

— Também não é assim; eu faço as minhas caridades...

— Alan, você é muito *zen* para o meu gosto - atalhei, procurando me conter. — Você está sempre elegante, magro...

— Não como carne, não fumo, não bebo...

Espíritos e Deuses

— Eu faço isto tudo e muito mais: como carne, fumo, bebo e o resto eu não vou lhe contar; sou um pecador confesso...

— Bebe socialmente, não é?

— Tomo o meu vinho todos os dias.

— E como é que vai para o centro fazer palestras, doutrinar espíritos?...

— Com as minhas emanções etílicas e, de sobra, cheirando a nicotina...

— O senhor não deveria falar isto para os outros.

— Eu não preciso falar: o pessoal cheira!

— Depõe contra o senhor: médico, líder espírita...

Sinceramente...

E, perdendo a paciência com o espiritista *zen*, resolvi esculachar de vez:

— As vezes, fico um dia ou dois sem tomar banho!

— O quê?!...

— Não tenho tempo. Ah, olhe o tamanho das minhas unhas! - disse, mostrando-lhe as das mãos.

— Nossa!...

— A dos pés, eu não vou tirar sapatos e meias aqui...

— Não, não precisa! Seria constrangedor.

— Para as suas narinas e as dos pobres transeuntes! Você tem razão: vou poupá-los...

Crendo-me certamente perturbado, Alan, olhando ao redor, ameaçou deixar-me falando sozinho na calçada.

— Espere aí - segurei-o delicadamente pelo braço -. ainda não terminei. Veja a minha protuberância abdominal, contrastando com a sua barriga de atleta...

— É uma questão de saúde; não de vaidade.

— Coronárias entupidas - as minhas - quase enfisematoso, pré-diabético - devo tomar um litro, ou mais. de café, por dia... Você tem uma bela arcada dentária, o rosto sem rugas; veja o meu como está todo pregueado!

E, tirando as chapas da boca, ou seja, as dentaduras:

— Pode tocá-las! Não tem problema...

— Não, Doutor...

— Ainda não pude lavá-las hoje, mas não contaminarão você; poucos micro-organismos proliferariam em meio à ação sistemática da nicotina e da saliva abundante que sou obrigado a gastar.

— O senhor está bem? - perguntou, desconfiado.

— Ótimo!

— Eu não sabia que andava assim tão mal.

— Alan, o meu cabelo está caindo: não sei se é sífilis...

— Sífilis, Doutor? - retrocedeu um passo.

— É, sífilis. Não faça mau juízo de mim; afinal de contas, convivo com muita gente... Os banheiros do Sanatório, você precisa ver: um horror, calamidade pública! Fezes e urina de cima em baixo; a gente entra pisando naquela *lagoa*, em que nenhum sapo sobreviveria...

— Falta de higiene...

Espíritos e Deuses

— Falta de voluntários! Você não teria uma hora ou outra disponível?...

— Estou lendo "O Livro dos Espíritos"; aliás, decidi reler todo o Pentateuco - reler, fazendo anotações. Gostaria imenso de colaborar, mas...

— Mesmo? Não sobra nem um tempinho, por exemplo, de manhã ou à tardinha, durante a semana?

— De manhã, pratico yoga, exercícios respiratórios; à tarde, tenho mais de uma centena de vasos de orquídeas - são flores sensíveis que requerem cuidados.

— No sábado, no domingo?...

— No sábado, tenho reunião no clube - sou da diretoria - e, às vezes, vou pescar com os amigos; no domingo, o senhor sabe...

— Não, não sei.

— Vem o meu irmão, com os meus sobrinhos...

— Você já se casou?

— Não, estou namorando.

— Aquela mesma coitada?

— Não fale assim, Doutor: somos noivos!

— Há quase 10 anos, não?

— 9, Doutor! Enquanto a mãe dela for viva, não tem jeito...

— E a velha, não morre? Quantos anos?...

— 90!...

— Que prova, meu Deus!

— A dela, não é? Viver tanto assim!

— Não, a de sua noiva...

Consultando o relógio de bolso que estava preso por uma corrente dourada no colete, anunciou:

— Quase 11 horas! Preciso ir! Deixei o meu *poodle* ali na clínica veterinária...

— Alan! Alan! - alertei-o, antes que se retirasse. — Você está perdendo a encarnação... Arregace as mangas, homem! O corpo de carne é putrescível. O conhecimento espírita por si só não vale nada - significa muito pouco. Você já está com quase 50 de idade...

— Faço o que posso.

— Não faz coisíssima nenhuma! Aquele que mais faz pela Doutrina ainda continua devendo.

Olhei para os sapatos dele e os meus:

— Os seus sapatos estão brilhando - comentei.

— Eu os engraxo sempre!

— Engraxei os meus ontem, mas hoje, de manhã, um paciente vomitou nos meus pés - sujei, inclusive, a barra da calça...

— A profissão de médico...

— Não é a profissão de médico, é a profissão de fé!

— O senhor é um abnegado...

— Não se trata de abnegação, mas de consciência da necessidade própria. Não é a Medicina que ensina isto, não - é o Espiritismo, é a Vida!

— Preciso ir buscar o meu *poodle*; deixei-o para tomar um banho e tosar os pelos...

— Deus queira que, no Além, você não venha a

Espíritos e Deuses

ser tosado, como eu e o seu cachorro estamos sendo aqui...

— Intimamente, estou bem, estou bem - repetiu!

— É o que importa.

E saiu, a passos largos, somente ousando olhar para trás quando dobrava a esquina, certificando-se de que eu não o seguira.

Havia, sim, concordo, exagerado um pouquinho no diálogo com o companheiro, mas, por outro lado, vendo tantos confrades assoberbados, a minha paciência se esgotara com aquele Espiritismo *Zen* de Alan e de tantos outros que só querem filosofia e aplauso, bajulação e vedetismo.

20

Reportei-me ao caso de Alan porque, encaminhando o último paciente do dia, Manoel Roberto, antes que o fizesse entrar, observou:

— O senhor vai ter uma surpresa...

— Surpresas para mim, depois da morte, já não mais se constituem em novidade - comentei.

— Alan, é a sua vez - anunciou, promovendo maior abertura na porta e concedendo passagem ao companheiro hesitante.

— Alan, é mesmo você? - perguntei, com dificuldade inicial para identificá-lo sob aquele semblante abatido e taciturno.

— Como o senhor costuma dizer, com um / só, Doutor!

— Nada em comum com Allan Kardec...

— Infelizmente, nada.

— O que houve, homem? Sente-se. Eu não sabia

Espíritos e Deuses

que você tinha *morrido*... Certas notícias demoram a chegar por aqui; já outras chegam depressa demais.

— *Morri, Doutor. Morri* um pouco depois do senhor, vítima de um enfarte...

— Enfarte?! Com aquele corpo esbelto, barriga de atleta, com aquela sua tranquilidade *zen*?!...

— Com aquela tranquilidade *zen* e tudo.

— Como?! Não bebia, não fumava, não comia carne... Casou-se, Alan?

— Não, a mãe de minha noiva foi aos 95 de idade e... desistimos, depois de quase 15 anos de noivado.

— A senhora que seria sua sogra?...

— Apegou-se à filha de tal maneira, que... Bem, a verdade é que eu nunca me entusiasmei muito com a ideia de me casar; gostava de viver sozinho, de curtir a minha casa...

— As suas orquídeas...

— Eu e a Valéria chegamos a um acordo: desmanchamos o noivado e ficamos amigos - não foi uma ruptura litigiosa.

— O relacionamento não resistiu à ação corrosiva do tempo, não é?

— Foram mais de 20 anos: 15 de noivado e uns 6 de namoro...

— Ficou para a próxima - que agora, de fato, ficou mais próxima - encarnação...

— É - respondeu desenxavido. O meu drama

maior, porém, não é este. O senhor se recorda de suas advertências a mim?

— Desculpe os meus exageros, Alan. Reconheço que excedia. Inclusive, em uma das últimas vezes que nos encontramos, creio que passei das medidas.

— Não, comigo não, deveria até ter sido mais duro. O senhor era a única pessoa que me falava as verdades. O resto contemporizava. Sabe, Doutor?, eu procurava evitá-lo...

— Sempre pegando no seu pé, não era para menos!

— Quando o via passando por uma rua, mudava de caminho; muitas vezes, avistando-o na agência bancária, eu não entrava...

— Neste sentido, também tenho algo para confessar: eu fazia de conta que não via você...

— Quer dizer...?

— ...ultimamente - perdoe-me -, eu tinha preguiça de conversar com você, pois sabia que a conversa não iria render nada... Aquele seu Espiritismo *zen*...

— Equivoquei-me por completo; iludi-me!

— O Espiritismo, Alan, é uma doutrina de ação, de trabalho, de calejar o espírito... Ser espírita não é ser santo, mas não é mole, não!

— Quando me vi fora do corpo, imaginei que fosse sonho... Fiquei tentando retomá-lo um tempão, e o meu *poodle* de estimação latindo em volta da cama.

— Foi dormindo?

— Um colapso fulminante de madrugada!

Espíritos e Deuses

— Quem poderia supor que as suas coronárias estivessem entupidas: yoga, vida metódica...

— Metódica demais, Doutor! Agora estou aqui, pedindo serviços como voluntário.

— Finalmente! Disposto a enfrentar a barra?

— É o jeito... O senhor conhece outra alternativa?

— Não!

— Há algo que eu possa fazer de imediato?

— "Os banheiros do hospital, você precisa ver: um horror, calamidade pública! Fezes e urina de cima em baixo; a gente entra pisando naquela *lagoa*, em que nenhum sapo sobreviveria..." - respondi, esfregando as mãos feito um sádico para fazê-lo sorrir.

— Eu tinha raiva...

— Eu sei, de mim! Não tem problema! Você não está sozinho nesta...

— Achava-o excessivamente petulante.

— Tem gente que ainda acha - petulante e orgulhoso!

— Enganei-me.

— Talvez não, Alan! Admito que, no fundo, talvez eu seja mesmo. O pior orgulho não é aquele do rico contra o pobre, o de origem racista, religiosa ou cultural; o pior é o que, veladamente, nos faz crer que, do ponto de vista espiritual, estamos em posição superior à dos outros. É um perigo, quando nos convencemos de que a Verdade está exclusivamente conosco; isto nos torna moralistas... Os Espíritos Amigos viviam me advertindo a respeito. Existem muitos espíritos assim:

porque conhecem parcela da Verdade, menosprezam os que a ignoram.

Lembrei-me da ocorrência de um diálogo que, certa vez, mantive com um companheiro que me procurou - um irmão de ideal de Recife, Pernambuco, que fora a Uberaba especialmente para uma consulta.

— Alan - disse, sumariando -, tem um caso de obsessão interessante, se é que algum processo obsessivo possa ser considerado assim. Fui, em meu consultório, procurado por um onfrade de Recife.

— Doutor, eu estou perturbado! - falou logo que entrou e se acomodou. — Sou espírita e sei que estou perturbado...

— Só de admiti-lo, o caso não é tão grave assim.

— É sim, Doutor. Começou de uns dois anos para cá... Tenho me submetido a tratamento de passes, participado de desobsessão... Aliás, até meses atrás, eu dirigia o grupo. De repente, com sutileza...

— Seja claro; fale tudo que você tiver que falar, sem a preocupação de escolher palavras. Estamos aqui eu e você, que viajaria tamanha distância para...

— Não, eu vou dizer. O senhor tape um dos ouvidos, para não se escandalizar tanto. Aparentemente do nada, comecei a pensar que, por ser espírita, o meu espírito era mais limpo que os dos outros, o meu corpo, o meu sangue e até as minhas fezes...

— Continue - encorajei-o, pois, sem dúvida, tratava-se de um quadro obsessivo inusitado.

Espíritos e Deuses

— Doutor, eu passei a acreditar, e ainda acredito, que nós, os espíritas, temos uma constituição diferente, física e espiritual, das demais pessoas, que são inferiores e sujas. Eu jamais seria capaz de beijar a boca de uma mulher que não fosse espírita: aquela saliva pegajosa e fétida! Nem de me conspurcar, me relacionando sexualmente com ela! Para mim, o senhor me perdoe...

— Fale tudo!

— O espírita não solta gases, não arrota, não ronca, não cospe no chão...

— Não?

— Não! Isto é coisa de espírito inferior...

— Eu tenho muita flatulência... - consolei-o.

— O senhor?!...

— Uma produção tremenda de gases que, por algum orifício, devem sair.

— Está brincando!

— Prossiga - solicitei.

— Fico olhando as outras pessoas na rua: católicos, protestantes, ateus... Essa gente é inferior! Não consigo deixar de pensar assim: o sangue deles - não é possível! - não é como o nosso; o ar que exalam de seus pulmões é contaminado! Quando entro num banheiro público em que defecaram ou urinaram, Deus me livre! O Espiritismo nos torna puros de corpo, o senhor não acha?

A esta altura, de propósito - creiam ou não, essas minhas atitudes de irreverência faziam parte do meu

processo terapêutico -, enfiei o dedo no nariz e comecei a cavucá-lo...

— Vamos! Não pare! - insisti com o paciente.

— Doutor, o espírita não enfia o dedo no nariz...

— É o que mais faço, meu filho; é um dos meus hobbies preferidos...

— É anti-higiênico...

— Tem umas cacacas que se enrolam nos pelos das narinas e dão o maior trabalho! - afirmei, vitorioso, mostrando uma delas dependurada na unha do indicador direito, ante o olhar incrédulo dele.

— O suor, Doutor - seguiu, hesitante -, o suor do espírita, os hormônios do corpo...

— Não anda muito fácil ver suor de espírita, não; só se for lá pelas suas bandas, onde faz muito calor.

— O que tem a me dizer? - afinal, perguntou.

— Uma obsessão e tanto!

— Tem cura?

— Se você se submeter ao tratamento!...

— Tomo qualquer medicamento. Nem a presença do senhor eu estou aguentando direito!

— Dá-lhe asco, não é?

— O senhor me pediu...

— ...que falasse tudo!

— Escarrou no lenço duas vezes, Doutor!...

— Um escarro amarelado... Quer ver? - ameacei tirar do bolso do jaleco o produto da gripe forte daqueles dias, com leve teor de nicotina e alcatrão.

21

Não, não! - apressou-se em responder Bezerra Veríssimo, o nome do companheiro de Recife.

— Dois meses comigo, no Sanatório!

— O quê?!...

— Dois meses internado, um pouco mais, um pouco menos, e é possível que você melhore.

— Os obsessores se afastarão de mim?

— Se eles se afastarão de você, não sei, mas você se afastará deles. Isto eu posso lhe garantir, pois, afinal, conserva alguma lucidez.

— Remédio não resolve, Doutor? Tenho negócios em Pernambuco...

— Telefone e avise a família.

— A esposa ficou no hotel...

— Então, será mais fácil. Se quiser, pode usar o meu telefone e...

— Preciso, pelo menos, pegar a mala, acertar com o gerente...

— Veríssimo - disse-lhe - é daqui para o Sanatório ou... você não volta: irá direto para a Rodoviária.

— Dois meses?...

— 60 dias!

— Num quarto em separado?

— Numa cela individual...

— Cela?...

— Lá não é um hotel; mas você ficará confortavelmente instalado.

E o nosso amigo Manoel Roberto, Alan, que era e continua sendo o meu carma, quanto o dele era e continua sendo eu, veio e levou o confrade de Pernambuco. Nos 10 primeiros dias, tivemos que vigiá-lo para não fugir: reclamava da comida, do gosto da água, das roupas que dizia mal lavadas, dos gritos dos outros internos que não o deixavam dormir, do hálito dos funcionários, que, de fato, não era lá essas coisas...

— Eu nunca soube de nada parecido - comentou o confrade *zen* desencarnado, ou melhor, *ex-zen*, com quem eu voltava a conversar.

— Mas, aos poucos, Veríssimo foi se enquadrando...

— Os obsessores foram doutrinados?

— No final da segunda semana, praticamente o obriguei a lavar o banheiro, um daqueles...

— "Fezes e urina de cima em baixo; a gente entra pisando naquela *lagoa*..."

— Exatamente.

Espíritos e Deuses

— Como conseguiu obrigá-lo?

— Depois do trânsito do pessoal pela manhã, mais ou menos uns vinte, tranquei-o lá dentro, não sem antes, é claro, colocar uma vassoura, um rodo, um balde e alguém de fora com água à sua disposição... Em seguida, fomos almoçar e, naturalmente, ele estava com a roupa salpicada e, graças a Deus, porque ninguém consegue isto sem a ajuda de Deus, com uma fome danada! Quando terminamos todos de comer, ele, num canto, com os olhos arregalados para mim, aproximei-me e disse-lhe:

— Bezerra - às vezes, também o chamava assim -, o seu cabelo está duro... Depressa, para o banho! Você está um horror: nunca vi um espírita, para não dizer outra coisa, cheirando a fossa dessa maneira... — Manoel Roberto - gritei -, um banho com umas gotinhas de creolina para o nosso amigo!... — E saí do refeitório, tapando as narinas.

— E nos dias subsequentes? - perguntou Alan, identificando-se com a sorte do pernambucano, intuindo, por certo, o que o esperava.

— Tornou-se excelente auxiliar de serviços gerais e, gradativamente, compreendeu que o espírita, seja por dentro ou por fora, não é melhor que ninguém; aquelas ideias estranhas foram deixando de assediá-lo - eu também, observando a eficácia do método terapêutico que não costumava falhar, não lhe dava descanso... No segundo mês, Veríssimo já estava cooperando conosco, dando comida na boca dos internos mais dependentes:

dava gosto, entre uma colherada e outra, vê-lo limpando a secreção abundante que lhes escorria do nariz...

— Quando recebeu alta?

— Exatamente 81 dias depois. Ficamos amigos e, nos últimos dias, tinha que mandá-lo cuidar da aparência, caso contrário, a saúde pública...

— Doutor, não havia espíritos obsessores com ele?

— Alan, precisamos parar um pouco com esse negócio de tudo rotular de obsessão. É claro que os espíritos perambulam por aí, notadamente os oportunistas, sempre à espreita.

— Ele tomava passes?

— Todos os dias, às vezes de manhã e à noite.

— Remédios?

— Prescrevi-lhe algo de que não me lembro mais, creio que um placebo. Remédio não muda a personalidade de ninguém... No Sanatório, em Uberaba, a nossa farmácia, às vezes, era também o cômodo de material de limpeza. Graças a Deus, à época, não dispúnhamos de tantas drogas assim, diga-se de passagem, realmente drogas no sentido pejorativo do termo!

— Nenhuma entidade se manifestou dizendo perturbá-lo?

— Não, o problema maior residia nele mesmo, como acontece a você, com esse seu Espiritismo *zen...*

Alan adquiriu um ar circunspecto e ruborizou-se.

— Meu filho, o que é isto?... Se Espiritismo fosse só conversa com os espíritos, cultivando a mediunidade,

Espíritos e Deuses

etcétera e tal, não faria mais que as outras crenças têm feito pela Humanidade! O espírita consciente é aquele que trabalha o seu interior, laborando no campo exterior da Vida. Desculpe-me a franqueza.

— Sei que preciso ouvir, Doutor. Não me poupe...

— Não me peça isso - caçoei.

— Em matéria de fé, fui muito comodista. O senhor não sabe quanto me arrependo e lamento a oportunidade que se foi. Fazia as minhas caridades, mas...

— Detesto a palavra *caridade* no plural... Se não se faz caridade, caridades ninguém faz! Caridade no atacado é um modo de esquivar-se de praticá-la no varejo... Você dava esmolas, livrava-se de roupas e utensílios usados, contribuía como sócio desta ou daquela instituição...

— O Instituto de Cegos!

— Quantas vezes o visitou?

— Nenhuma!

— Alguma vez, lembra-se de ter auxiliado um cego, pelo menos, a atravessar a rua?

— Não!

— Vamos voltar - argumentei - ao assunto de obsessão; os espíritas adoram o tema... Por que, por exemplo, os espíritos haveriam de se incomodar com você, se você não os incomodava? Com a sua inoperância espiritual, você era inhambu na capanga...

— O pessoal dizia à boca pequena que o senhor...

— A boca grande, enorme - você quer dizer!

— ...que o senhor, D. Modesta e outros companheiros de frente da Doutrina, viviam atormentados pelos espíritos adversários da Causa!

— Não estavam mentindo, não: vivíamos mesmo. Os espíritos que combatiam o Espiritismo, principalmente os padres desencarnados, nos assediavam dia e noite; no meu caso, quase sem nenhuma sensibilidade mediúnica, chegava a senti-los no meu corpo.

— Como assim?

— As vibrações deles, os seus pensamentos em meu cérebro, inclusive o toque - chegavam a me tocar! Certa vez, me empurraram escadaria abaixo; rolei por todos aqueles degraus e não sei como não me quebrei todo. De outra feita, sem mais nem menos, um menino de uns 8, 9 anos me atirou uma pedra com estilingue - eu estava no portão de entrada do Sanatório: foi a conta de me virar, a pedra, que tinha a minha cabeça por alvo, atingiu-me o ombro e provocou um hematoma. Você já imaginou que jeito inglório de desencarnar? De estilingada?!...

— Quantas peripécias, Doutor!

— Pois é, meu caro Alan, enquanto apanhávamos a valer, de encarnados e desencarnados, você curtia o seu Espiritismo *Zen*, respirando a longos haustos em contato com a Natureza... Passando de carro defronte à sua casa, eu o via compenetrado em seus abdominais... Você deve ter sido a reencarnação de um asceta indiano, de um yogue, e eu, de um saco de pancadas!

Espíritos e Deuses

— Estou disposto a me redimir - retrucou, humilde.

— Então, mãos à obra, meu caro. A jornada é longa, e quem não caminha não sai do lugar.

Acionei a campanha eletrônica, silenciosa, Manoel Roberto apareceu e lhe fiz as recomendações, pedindo que o amigo integrasse uma das equipes de limpeza do hospital.

Quando ambos se retiraram e, por instantes, pude ficar a sós, efetuando rápido balanço das atividades do dia, entrei a pensar:

— Meu Deus, eu preciso me controlar um pouco mais; não posso ser tão duro assim, principalmente com os irmãos espíritas que por aqui aparecem... É por isto que, com razão, eles me malham tanto! Tenho que aprender a controlar os meus impulsos, deixar a língua quieta dentro da boca e não falar tudo que penso... Como, porém, escrevendo para a Terra, deixá-los iludidos, imaginando que, ao desencarnar, desfrutarão de alguma situação de privilégio? Eu sei que a Verdade dói aos ouvidos da gente muito mais que uma pedrada de estilingue no ombro - e que pedrada! Tenho me esforçado para dizê-la de maneira suave, descontraída e até, como também já me acusaram, chula... Que os meus irmãos encarnados me perdoem, se não possuo ainda a indispensável elevação de espírito para causar-lhes menos hematomas na alma!

No outro dia, pela manhã, funcionários, voluntários e pacientes em melhores condições, quase aptos a receberem alta do hospital, reuniram-se no auditório da instituição para que eu tivesse oportunidade de falar-lhes em conjunto.

A meu pedido, um dos nossos internos proferiu pequena e sentida prece, evocando a proteção do Senhor.

— Mestre Jesus - orou deixando-nos sob forte emoção -, estamos aqui, Senhor, desejosos de trilhar Contigo um novo caminho... Fortalece-nos a vontade ainda vacilante e não consintas que as nossas imperfeições se sobreponham, uma vez mais, aos nossos propósitos de renovação. Agradecemos a Tua Bondade, divina expressão da Misericórdia de Deus, nosso Pai, que nos acolhe nesta casa e nos ensina a recomeçar... Onde estaríamos se, porventura, amigos abençoados, em Teu nome, não nos descerrassem as portas deste abrigo de

Espíritos e Deuses

luz, erguido nas regiões penumbrosas com as quais nos deparamos depois da morte? Por certo, prosseguiríamos vagando, indefinidamente, na inconsciência de nós mesmos, qual acontece a tantos irmãos que nos cabe socorrer e auxiliar, tão logo nos sintamos habilitados a isto, engrossando as fileiras dos que já aprenderam a se esquecer para melhor servir-Te! Por quanto tempo, Senhor, voluntariamente permanecemos à margem do Teu amor, agravando as próprias lutas, ignorando deveres e obrigações que transcendem anseios e caprichos de ordem pessoal? Por quanto tempo nos fizemos surdos à Tua voz, que sempre nos orienta em meio às adversidades, afastando-nos dos perigosos atalhos e abismos da desilusão nos quais enveredamos ou nos precipitamos de livre e espontânea vontade? Não nos deixes retroceder, temerosos da corrigenda, nas tarefas de reajuste que nos aguardam nos domínios da carne, quando, então, embora a passos trôpegos, haveremos de reencontrar a jornada, em demanda aos Sítios Resplandecentes... Eis que, uma vez mais, tão-somente Te pedimos: não nos permitas continuar à mercê de nossas errôneas concepções, padecendo sob o jugo opressor de nossas tendências infelizes! Contamos Contigo e com os Teus emissários, os espíritos anônimos e benevolentes que se apiedam de nossas fraquezas e, quando prestes a desfalecermos, nos infundem coragem e bom ânimo, estendendo-nos vigorosos braços por escora... Sê conosco, hoje e para todo o sempre!

A exortação sincera do irmão, que ainda trazia à mostra no corpo espiritual os sinais de desditosas experiências em sua derradeira romagem no corpo, deixou-nos de olhos úmidos e de espírito profundamente consternado. Aqui e ali, muitos enxugavam discretas lágrimas, inclusive nós, que nos demoramos por instantes a nos recompor emocionalmente, para darmos início à preleção.

— Bem - comecei, dirigindo-me ao companheiro que orara, tentando descontraí-lo -, você também não precisava fazer com que chorássemos assim! Simplesmente, ficará proibido de orar em nossas reuniões!...

O pessoal ensaiou pequeno sorriso e, devagar, prossegui:

— De fato, estamos aqui - todos nós - na condição de doentes em recuperação, à exceção de Manoel Roberto, que é um caso perdido, padecendo de uma doença crônica de muitos séculos - tão doente, que nem sei como está de pé entre nós: deve ser o seu espectro... - disse com uma piscadela ao amigo, que sempre me prestava o seu apoio em situações constrangedoras semelhantes.

O grupo reunido sorriu um pouquinho mais e dei sequência à fala daquela manhã.

— Devemos nos considerar felizes e nos sentirmos incentivados à recuperação... Muito trabalho a ser realizado permanece na expectativa de nossas mãos. É uma bênção! Quanto trabalho a ser feito, por dentro e

Espíritos e Deuses

por fora de nós! Não há motivo real para tristeza ou desalento... Jesus nos aceita como somos e nos destina tarefas compatíveis com as nossas possibilidades. É uma maravilha! O próprio verme é chamado a ser útil nas entranhas do solo... Estamos verdadeiramente, agora, começando a viver. Esqueçamos o passado! Havemos, sim, de colher o resultado da semeadura efetuada... O erro é profundamente desagradável, todavia confere-nos experiência. O que podemos fazer? Assumamos, com amor, as consequências de nossa ignorância; não sabíamos ou sabíamos sem vontade de saber... Se dormíamos antes, hoje já não dormimos mais - às vezes, ainda reincidimos e cochilamos, não é? Graças a Deus, pelo menos, doravante, não tomaremos mais o pesadelo por realidade... Algo de muito importante aconteceu, está acontecendo, dentro de nós! Estamos recomeçando a viver, partindo do zero, empenhados, de maneira consciente, na construção de nós mesmos... Afeiçoemo-nos ao Bem e descobriremos a alegria de servir! Todos somos capazes de, sempre e sempre, transcender a própria capacidade de ser... Encaremos os desafios da subida... Basta de permanecermos horizontalizados na dor! Não podemos, é certo, assumir compromissos além de nossas forças - é inútil que, não passando de um pardal, intentemos o voo da águia... Chegaremos lá! Digo-lhes, no entanto, que passei a minha existência física inteira sem nunca ver uma águia... Quem aqui, dos presentes, já terá visto uma? Empalhada ou no zoológico não

vale... Todas as manhãs, porém, eu acordava com a orquestra dos pardais, que promoviam grande arruaça nos meus pés de jabuticaba e no telhado, fazendo, eventualmente, a alegria de um ou outro gato mais esperto... Os pardais também têm a sua utilidade! As águias vivem como que distantes do mundo, pairando nas alturas - quando descem, descem para caçar, rápidas como uma flecha certa... Não possuímos a agilidade das águias; somos pardais chilreantes! Mas, sem eles, as manhãs e as tardes nunca seriam as mesmas; são eles que motivam o canto dos outros pássaros e ousam saltitar dentro de nossas casas, à procura de um grão de arroz que a vassoura esqueceu no chão da cozinha... Pardais e pardalocas da evolução - eis o que somos! Filhotes de pardais recém-nascidos, implumes e chorões... O que isto quer dizer? Cumpramos com alegria as tarefas que o Senhor da Vida nos destina. Tudo é tão belo!... Não fomos, não, expulsos do Éden, como se apregoa; vivemos e caminhamos em meio a flores de variadas espécies, aspirando o seu perfume e nos extasiando com a formosura de suas pétalas... Vivemos num imenso jardim, que é o Universo! Árvores, pássaros de plumagem exuberante, fontes e cascatas, montes cobertos de neve, planícies atapetadas de verde, estrelas cintilando na noite, chuvas fazendo crescer a semente... O problema do homem é ele mesmo! Nós é que nada vemos ou sentimos, que não nos colocamos em sintonia com a Natureza... A morte?! O que é a morte?... Fenômeno natural, que

Espíritos e Deuses

concorre para o aperfeiçoamento de tudo que se transforma à ação inexorável do tempo. Ser feliz ou não ser feliz, em essência, é uma questão de escolha! Nós é que fazemos opção pelo sofrimento... As dores advindas das experiências evolutivas inevitáveis não são carmáticas, ou seja, não são causas geradoras de mais dor. O destino efetivamente está em nossas mãos: somos nós que o entretecemos!... Sendo assim, de quem haveríamos de nos queixar - de quem ou de quê, senão de nossa incuria e de nossa imprevidência? Não lancemos a culpa pelo que somos às gerações passadas... A Reencarnação é a mais equânime das Leis! O homem herda do próprio homem... Queixando-nos de nossos antepassados, estaremos, não raro, anatematizando a nós mesmos.

Promovendo ligeira pausa, preocupado com o aproveitamento das palavras daquele momento ao entendimento de todos, continuei com a informalidade possível:

— Meus irmãos!... Viver não é difícil, nem complexo; complexo e difícil é viver com as escolhas erradas, em flagrante desarmonia com as Leis da Criação... Odiar, por quê? Qual o lucro, a vantagem? Se a gente recebesse a ofensa ou a agressão e não lhe desse importância, tudo pararia ali... Aceitamos a provocação e revidamos; quando revidamos, alimentamos o mal, que de outra forma se aniquilaria, anêmico, sem força. A ambição? Para quê?... As nossas necessidades básicas são limitadas - ninguém pode comer mais do que deve,

sem prejudicar a saúde, ou acumular bens materiais de que, sem deles se desfazer, não conseguirá aproveitar. Todos os dias, milhares desencarnam, deixando milhões nos bancos, que os herdeiros dissiparão; venderão apartamentos, fazendas, inviabilizarão empresas que pertenceram aos seus avós e aos seus pais... Existem leis de Justiça que não se burlam, nem se corrompem. A fortuna amedada não se eternizará nas mãos de quem imagina retê-la... O mesmo ocorre com o poder. Onde os vultos eminentes da história da Humanidade? Os reis. os ditadores, os guerreiros sanguinários?... Todos passaram e continuarão passando. Depois da própria Vida, a morte é a mais sábia invenção do Criador! O túmulo é o inevitável sorvedouro das tolas ilusões humanas. O que conta é o espírito! O apego a qualquer coisa ou sentimento de ordem inferior nos conserva presos na retaguarda... Cuidássemos apenas e tão-somente de nossa essência, tudo ser-nos-ia diferente. Façamos um propósito de, doravante, não nos distrairmos com a visão das formas que nos impressionam, não concentrando a nossa motivação de viver nos sentidos do corpo que passa - mesmo do corpo espiritual que também haverá de passar! Trabalhemos, sejamos úteis, exercitando a bondade com os seres que, igualmente, se encontram a caminho... Recordemos Jesus: "Não acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e as traças os corroem e onde os ladrões os desenterram e roubam; - acumulai tesouros no Céu, onde nem a ferrugem nem as traças os

Espíritos e Deuses

corroem; - porquanto, onde está o vosso tesouro aí está também o vosso coração." Sem dúvida, o homem gira na órbita de seus interesses... Querer ou desejar algo de maneira exclusiva, por sentimento de posse, ansiando pela propriedade disto ou daquilo, é candidatar-se a indefinível e prolongado sofrimento, de vez que ninguém é dono absoluto de coisa alguma!

Passando a conversar com os presentes, dispondo-me a responder a uma ou outra pergunta formulada, fui, inicialmente, questionado por Flávio, o paciente que me procurara dias atrás.

— Doutor - indagou, erguendo a mão e esperando vez de falar -, por que não conseguimos controlar os nossos pensamentos? Isto é algo que me intriga profundamente! Se o espírito é pensamento, como podemos não ter controle sobre nós mesmos? Tenho me empenhado numa luta exaustiva, que me consome... Não quero pensar em nada negativo, mas, de repente, surpreendo-me em devaneios que me assustam!

— Meu filho - respondi à curiosa questão proposta -, por este motivo, porque ainda não alcançamos o necessário domínio sobre nós mesmos, carecemos de, oportunamente, voltar ao corpo de carne; em contato com a matéria densa, o pensamento se desacelera e, aos

Espíritos e Deuses

poucos, aprendemos a controlá-lo. Aqui, na Vida Espiritual, tudo se nos torna mais difícil neste sentido, e o que intrinsecamente somos se faz mais evidente aos nossos olhos. Não aguentaremos permanecer muito tempo neste Outro Lado... O esquecimento do passado é uma bênção que o homem não sabe avaliar. Depois da morte física, as nossas reminiscências, em relação ao que já vivenciamos, são mais vivas. Nem sempre - graças a Deus! - nos recordamos de tudo com detalhes, todavia as nossas tendências e inclinações vêm à tona da personalidade e, se não reencarnássemos, por certo não lograríamos superá-las. A Reencarnação é uma medida pedagógica, que nos enseja recomeçar a partir da formação de novos hábitos. Aquele que, por exemplo, comete um crime e é sentenciado a vários anos de prisão, à margem do convívio social, do meio em que vivia, é levado a refletir e, mentalmente, reconsiderar a atitude perpetrada; o objetivo da pena, em essência, não é puni-lo, mas reeducá-lo. Se isto não ocorre nos institutos de reeducação no mundo, é porque, conforme sabemos, a corrupção e a má-vontade permeiam a aplicação da Lei e, não raro, os que estão fora das grades deveriam se trancafiar com os que foram flagrados em seus delitos... Este, porém, é um assunto que agora não nos cabe discutir.

Retomando o tema sob o aspecto que me interessava abordar no momento, continuei:

— Se não controlamos as nossas reações, como

controlar os nossos pensamentos, e vice-versa? A reencarnação nos ensina a ser mais contidos; a Lei Divina nos possibilita o renascimento em condições que algo possam nos acrescentar... Um delinquente não renascerá apenas e tão-somente para expiar os seus deslizes! Na expiação está a oportunidade do reerguimento moral. A cruz, de instrumento de flagelação, de suplício e morte, foi transfigurada pelo Cristo em instrumento de Ressurreição e Vida! Espíritos em estágio mais avançado, moral e intelectualmente, se oferecem para receber na condição de filhos espíritos que, a rigor, não se lhes assemelham; quem pode mais é chamado a auxiliar quem pode menos... Por isto, observam-se crianças e jovens que, no que se refere a caráter, pouco se parecem com os seus. É óbvio que o inverso pode ocorrer, ou seja, espíritos mais evoluídos reencarnando como filhos de pais que, em vez de educá-los, serão educados por eles.

— Que interessante, Doutor! - exclamou Flávio.
— Como, sob a ótica espírita, a Vida transcende em significado! E a gente no mundo vivendo sem saber de nada, interpretando os fatos de acordo com os pronunciamentos da Ciência materialista...

— Do berço ao túmulo e do túmulo ao berço - prossegui - existe muito mais que genética funcionando. O pensamento determina os fenômenos de ordem material, que não acontecem aleatoriamente. Espíritos simpáticos e afins realmente se atraem para uma convivência em comum, contudo quem verdadeiramente se

Espíritos e Deuses

mostra interessado em amar com Jesus oferece-se para tarefas de sacrifício junto à Humanidade, trabalhando no resgate da coletividade humana. Qual seria a afinidade espiritual do Mestre para nascer desta ou daquela família consanguínea na Terra? Por mais respeito nos mereçam Maria e José, que lhe serviram de genitores, o Senhor estava, como está, infinitamente acima de suas possibilidades espirituais... De seus possíveis irmãos consanguíneos, então nem se cogita! E do resto da Humanidade, não é bom nem falar. Os próprios Apóstolos não tinham a menor noção de quem Ele era - sentiam-se, inexplicavelmente, atraídos pelo seu magnetismo, mas não lhe comungavam as aspirações de ordem divina; e Jesus, todos os dias, fornecia-lhes prova cabal de seu ministério entre os homens - curando leprosos, cegos, paralíticos, ressuscitando criaturas quase cadaverizadas, proferindo palavras que, antes, jamais haviam soado aos ouvidos humanos... Estamos indo longe demais, não? Vocês estão entendendo?

— Por favor, Doutor, continue - solicitou Rosária, simpática senhora que nos auxiliava na condição de voluntária -; queremos saber um pouco mais... A pergunta colocada pelo nosso irmão Flávio é interessantíssima!

— A gente, depois da morte do corpo, educa o pensamento para, em reencarnando, educar a palavra, e, quando, por fim, reencarna, educa a palavra para, em desencarnando, educar o pensamento. Confuso, não? Vejamos se consigo ser mais claro. Estamos aqui, na

Dimensão em que o pensamento se manifesta sem tantos obstáculos; muitos de nós, neste Hospital, os temos *impressos* em nosso corpo espiritual, em forma de *chagas e deformações*... Aqui, mais do que na Terra, a nossa saúde depende do teor de nossas ideias e emoções: na Terra, o pensamento infeliz cria campo propício ao ataque de micro-organismos nocivos, que podem levar a óbito o corpo de carne - abalos emocionais, *stress*, remorso, sentimento de culpa, ideias fixas em objetivos inferiores, paixões exacerbadas... A defesa orgânica se resume na defesa do espírito - espírito vulnerável, organismo vulnerável. Neste Outro Lado da Vida, porém, pela plasticidade do perispírito, o que somos se nos reflete exteriormente, notadamente em nossa fisionomia. Corrigir a forma, pois, significa educar o pensamento. Vocês conhecem a situação lamentável dos doentes que temos em nossos pavimentos subterrâneos... Muitos deles, dificilmente, serão identificados como seres humanos, tal o estado de aberração da forma em que se encontram transitoriamente - estado que, não obstante, transitório, pode requerer séculos para se reverter.

Antecipando-se a maiores explicações, Rosária perguntou, aflita:

— Doutor, vamos nos curar?

— Vamos, minha filha, todos nós, inclusive eu, que estou melhorando um pouquinho... A minha deformação facial é coisa natural - brinquei. — Não se pre-

Espíritos e Deuses

ocupem... Não se trata de uma aberração cármica - é feiura mesmo!

A irmã voluntária sorriu e, valendo-me da descontração de quase todos os presentes (alguns, infelizmente, não sorriam com facilidade), continuei.

— Então, aqui, na Dimensão em que moramos, o nosso salão de beleza é o pensamento... Ainda bem que estamos irmanados pela solidariedade: ninguém tem muita coragem de falar de alguém, com as suas próprias mazelas à mostra! Se este princípio funcionasse na Terra... O dono de uma fábrica de espelhos ficaria trilionário - enriqueceria para toda a eternidade! Felizmente ou infelizmente, por lá a gente camufla... Quem financeiramente pode, procura um cirurgião plástico e conserta o nariz adunco, a mandíbula proeminente, diminui o tamanho das orelhas. Já plástica para diminuir o tamanho da língua, ninguém cogita de fazer! Coloca silicone aqui, ali, estica a pele, dá um novo formato aos lábios, elimina rugas e papadas, transplanta cabelos... Vamos resumir, tentando clarear um pouco mais: neste Outro Lado, educamos ou tentamos educar o pensamento; assim, reencarnamos com um vocabulário melhor... Quando no corpo de carne, não podendo falar tudo que nos dá na telha, ou seja, o que pensamos, somos forçados a educar o verbo, a manter a língua mais quieta dentro da boca; com o passar do tempo, o hábito vai sendo criado... Cada vez mais, falar o que não se deve está dando cadeia para os encarnados! Os homens,

engolindo as próprias palavras, são constrangidos a reconsiderar o que pensam.

— Quer dizer, Doutor - interveio Flávio, educadamente...

— Quer dizer, meu filho, que a disciplina mental é a base da evolução do espírito. Enquanto não conseguimos pensar o que devemos, vamos nos forçar ao trabalho...

— Qualquer trabalho? - indagou Rosária.

— De natureza edificante, sim, qualquer trabalho, pois nos é essencial na criação de novos hábitos.

— Alguns exemplos práticos?... - insistiu a companheira.

— O meu preferido, por acessível e barato: uma vassoura nas mãos, varrer o chão! O espírito que passa a existência de vassoura nas mãos, às vezes, progride mais que com uma caneta! Depois, vamos lá: servir na caridade, ler um bom livro, ocupações de natureza doméstica, obrigações profissionais não apenas motivadas por dinheiro... Enfim, ocupar-se para evitar pensar em bobagens; o pensamento ruim cristaliza o hábito ruim. O pensamento negativo cria o hábito negativo!

— Forçar o espírito, Doutor?...

— Sim, Flávio, ao máximo. Aproveito a sua deixa para um recado aos espíritas - que muitos de vocês o são: Costurem para os pobres, façam sopa, participem de campanhas na rua, reformem o prédio da casa espírita, *inventem moda* na Caridade... Não se concedam tré-

Espíritos e Deuses

gua! Evangelizem crianças, criem cursos profissionalizantes, visitem os doentes, peregrinem à periferia... Isto tudo e muito mais, evidentemente, sem brigar - sem brigar por comando de tarefa, por cargo em diretoria, por chave desta ou daquela sala cheirando a mofo, por fazer a sua opinião sobre este ou aquele ponto doutrinário, porque, em matéria de saber sobre a Doutrina e Vida depois da morte, vocês não sabem nada! Deixem de ser orgulhosos, personalistas, cheios de si... É tanto *pavão* reencarnado como médium, tribuno, articulista! Deus me livre!... A *morte* irá precisar de uma pá carregadeira só para levar espíritas enfatuados para o Umbral ou, é mais provável, para as Trevas, onde já têm sido despejados aos montes!...

Aproximando-se, Anastácia, uma de nossas pacientes, disse-me:

— Doutor, sinto-me apática, desanimada... Não consigo reagir, sustentando a vontade firme. Oro todos os dias e peço auxílio aos nossos Maiores... Um dia, estou bem; outro dia, mal.

— Por este motivo, minha filha - esclareci -, a sua recuperação ainda não se concretizou. Somos o que pensamos. A nossa vida mental é determinante para o nosso equilíbrio. Precisamos ajudar mais, a fim de sermos mais ajudados. Ocupar o próprio tempo ocioso...

— Tenho trabalhado, conforme o senhor me orienta, mas sinto-me cansada! Sofro dores no corpo, não durmo bem à noite...

— Sim, você tem trabalhado, porém não o suficiente. Quando passo pelos corredores, vejo-a na poltrona, de olhar perdido e mãos desocupadas... De outras

Espíritos e Deuses

vezes, vagueia por aí, conversando sem proveito com os demais internos. A maior parte do tempo, está parada, queixando-se, queixando-se... Eu já lhe disse: Você não está acometida de doença mais grave; o seu problema espera solução advinda de seu próprio esforço.

— Doutor, e a intercessão dos nossos Mentores? O poder da oração?... Não fico assim tão parada - não quero discordar do senhor! Estou orando!

— Filha, os nossos Benfeitores, os que velam por nós de Planos Superiores, necessitam que lhes ofereçamos algo em nosso mundo íntimo a fim de trabalharem em nosso favor... Do nada ninguém consegue tirar coisa alguma! Precisamos, no mínimo, proporcionar-lhe um ponto de apoio moral... O que pode, sozinha, a alavanca? Sem um ponto de fixação, o instrumento referido não removerá o menor obstáculo. Se queremos paz, carecemos de nos asserenar - e assim por diante. Como, por exemplo, obtermos o perdão de quem magoamos, se não lhe damos oportunidade para tanto? E como perdoarmos a quem, porventura, tenha nos ofendido, se não nos compadecemos de sua fraqueza e ignorância?

Outros pacientes e voluntários haviam se aproximado, participando do diálogo informal.

— Dr. Inácio - interpelou-me Benedito -, quer dizer que a Providência Divina...?

— ...conta com o que a Ela possamos oferecer, multiplicando benefícios em nosso favor - respondi, insistindo no raciocínio. — Queremos ajudar alguém

que, de forma alguma, colabora conosco... Em tais circunstâncias, o que poderemos fazer? Não raro, o Alto permanece na expectativa de nossa boa vontade para intervir em nossas vidas de maneira mais efetiva. A nossa Anastácia afirma orar boa parte do dia... Tudo bem! A oração é luz que se amplia indefinidamente. No entanto, quando oramos, oramos com sinceridade? Não estaremos apenas pronunciando palavras tocantes, que não nos tocam? A oração que não nos predispõe a sermos melhores, à renovação, à mudança de atitudes diante da Vida, ao serviço em prol dos semelhantes, não logra mobilizar os recursos da Divina Providência em nosso favor. A prece que se articula sem o envolvimento do pensamento e do coração é um conjunto de palavras ocas!

Fiz ligeira pausa e continuei:

— Quem está doente pelo menos deve tomar a iniciativa de chamar o médico. Se se encontra incapacitado de fazê-lo, deve aceitar que alguém o faça por ele, admitindo que necessita de tratamento. De que adiantam o diagnóstico e o remédio, se o enfermo, por rebeldia ou o que o valha, se recusa a cooperar? Quantos aqui, internados conosco nesta casa, ainda não aceitaram a sua condição de espíritos enfermos? A Terra e o Mundo Espiritual estão repletos de gente que quer receber sem doar de si absolutamente nada! O que nos resta fazer, a não ser esperar que se decidam pelo contrário? Vejamos o inesquecível episódio da multiplicação dos pães e dos

Espíritos e Deuses

peixes, narrada por Mateus, no capítulo 14 de suas anotações: "Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer.

"Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se: dai-lhe vós mesmos de comer.

"Mas eles responderam: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes.

"Então ele disse: Trazei-mos.

"E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a relva, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e estes, às multidões.

"Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios.

"E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças".

Que lição fantástica! A partir de cinco pães e dois peixes, Jesus alimentou uma multidão de "cinco mil homens, além de mulheres e crianças", sendo que, depois que todos comeram e se fartaram, "dos pedaços que sobejaram", os discípulos "recolheram ainda doze cestos cheios"! Se o Senhor não contasse com uma *base* para o fenômeno, ou seja, se os discípulos não contassem com o mínimo indispensável - cinco pães e dois peixes -, a multiplicação teria ocorrido? E provável que não. Ca-

recemos, pois, de oferecer o princípio... Tudo, na Vida, é uma questão de sintonia. Para que os nossos Maiores nos socorram conforme esperamos, precisamos dar-lhes algo de nós - algo com que nos trabalhem, aumentando a nossa capacidade. Nas Bodas de Caná, na Galileia, o Mestre transformou a água em vinho. Atentemos para a narrativa de João, destacando pequeno trecho do capítulo 2: "Estavam ali seis talhas de pedra que os judeus usavam para as purificações e cada uma levava duas ou três metretas [almudes, ou 12 camadas, igual a 31,94 litros].

"Jesus lhes disse: Enchei d'água as talhas. E eles as encheram totalmente.

"Então lhes determinou: Tirai agora e levai ao mestre-sala. Eles o fizeram.

"Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho, não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água..."

Pelo menos água, Benedito - observei com ênfase, pousando a destra no ombro do companheiro -, pelo menos água precisamos oferecer ao Senhor para que ele a transforme em vinho! O Evangelho está repleto de lições semelhantes. Se naquela casa não houvesse a "matéria-prima" necessária, com que, então, Jesus haveria de trabalhar, produzindo a alegria dos convivas? O problema é que queremos vinho e não temos água...

— Doutor - indagou Benedito -, em trocados e miúdos?...

Espíritos e Deuses

— ...em trocados e miúdos, respondendo a você e à nossa prezada Anastácia, os nossos Benfeitores não estão alheios às nossas necessidades e requisições - às nossas e às de nossos irmãos encarnados... Quase sempre - para não dizermos *sempre* - o socorro pelo qual clamamos é inviabilizado por nós!

— Dr. Inácio, a "Parábola do Semeador?"... - perguntou Anastácia.

— ...traduz o mesmo ensinamento. O Senhor não se reporta à qualidade da semente, mas à da terra em que caiu... De que vale a semente ser boa, se, ao ser lançada, cai em terreno pedregoso ou em meio a espinhos? A proteção do Alto jorra à semelhança de uma fonte inesgotável para todas as criaturas - o Caudal Divino jamais se interrompe para a terra ressequida de nossos corações! Nós é que não nos fazemos receptivos e não lhe absorvemos os benefícios. Criamos uma espécie de crosta asfáltica no espírito: a água da *chuva* cai, não consegue se infiltrar no *solo*, fecundando-o, e corre, de volta, na direção do imenso reservatório, que é o mar das bênçãos excelsas! Entendeu, minha filha?

— Sim, Doutor, mas é tão difícil!

— Concordo: fácil não é, mas não nos resta alternativa. O segredo da mais longa caminhada é não parar! A decisão de seguir ou não seguir adiante é sua. Sigamos, pois, nem que seja avançando um único passo...

— ...a cada dia!

— A cada encarnação, Anastácia! Estará ótimo!

— Não é pouco, Doutor: a cada encarnação?...

— É quase nada, todavia, comparando com os que estacionam por séculos à margem da estrada, já é alguma coisa, mesmo porque, a cada passo, estando mais próximos do objetivo, nos sentiremos mais fortes. A evolução que, a princípio, se faz em progressão aritmética, passa, em determinado momento, a se fazer em progressão geométrica. Entendeu?

— Não, Doutor, eu sou péssima em matemática!

— Eu também! Vamos deixar assim mesmo...

— Compreendi a essência, Doutor - comentou Benedito: um passo hoje pode, amanhã, se transformar em dois.

— É por aí. Agora, sem passo nenhum?...

— Não existe caminhada! - exclamou Anastácia. Mas eu já comecei, não é, Doutor?

— Sim, começou, todavia há de ter cuidado para não ficar andando em círculo!

— Eu estou andando em círculo?! - indagou, encabulada.

— Quase, minha filha, quase... Um só passo adiante, de cada vez, vale por muitos passos em círculo dados num dia só!

— Como não nos perdermos em tão terrível labirinto?

— Seguindo Jesus! Ele, e somente Ele, pode nos conduzir com segurança para a frente... Liguemo-nos

Espíritos e Deuses

a Ele, através da prática sistemática do Bem, e não nos desviaremos da rota.

Quase todos haviam já se retirado, quando um dos pacientes, permanecendo no auditório, solicitou alguns minutos de minha atenção em particular.

— Dr. Inácio, podemos conversar rápido? Prometo não tomar muito tempo do senhor.

— É claro, Epifânio! - respondi, procurando quebrar formalidades.

Sei que o senhor é muito ocupado e já conversamos antes - explicou-se o paciente -, mas, se possível, após ouvi-lo na palestra de hoje e no diálogo com Anastácia e Benedito, gostaria de voltar a falar sobre o meu caso.

— Sinta-se à vontade, Epifânio - disse, encorajando-o a prosseguir.

— O senhor sabe que fui médium na Terra durante muitos anos...

— Sim.

— Médium consciente, no exercício de diversas faculdades. O que eu queria saber é o seguinte: O que o senhor falou, quando se referiu à multiplicação dos pães e dos peixes e à transformação da água em vinho, aplica-se à mediunidade? Aplica-se?

— Em que aspecto? - perguntei, sabendo aonde o companheiro desejava chegar.

Espíritos e Deuses

— "Do nada ninguém consegue tirar coisa alguma!" Os espíritos, Doutor, a fim de se manifestarem entre as criaturas encarnadas, necessitam do concurso direto dos médiuns?

— Por que a pergunta, Epifânio?

— Tenho a consciência pesada e, a rigor, não sei se posso me considerar na condição de médium.

— Todos somos portadores de faculdades mediánicas mais ou menos acentuadas.

— Vamos direto ao assunto. Sinto que interferia demais... Dizia, por exemplo, que enxergava os espíritos, quando, em verdade, nunca os enxerguei, e assim por diante: afirmava conversar com eles e...

— Acha que nunca conversou?

— Eu não os ouvia: imaginava ouvi-los, mas não os ouvia como a uma pessoa que me falasse aos ouvidos...

— Não os escutava, como estamos nos escutando agora, sim?

— É! Não sei até onde enganei, até onde menti, mistifiquei ou fui mistificado... Por este motivo, aqui permaneço em tratamento vai para mais de três anos.

— Continue, Epifânio - solicitei, com o intuito de permitir que o companheiro extravasasse as suas amarguras.

— Dava especial ênfase à tarefa psicográfica... Durante quase três décadas, recebi inúmeras mensa-

gens de conforto e esclarecimento destinadas a familiares saudosos de seus entes queridos.

— Serviço nobilitante, meu caro!

— Sim, reconheço, mas, Doutor, na maioria das vezes, eu me inteirava dos assuntos ventilados nas referidas cartas de além-túmulo - eu procurava me informar, saber de certos detalhes...

— Conforme o nosso estimado Odilon Fernandes costuma dizer, mediunidade é parceria; de certa maneira, o médium necessita, sim, se programar, facilitando a sintonia. De minha parte, não vejo maior problema, desde que não se extrapole.

— Aí é que está: eu extrapolei!

— Em que ponto?

— Vaidade, Doutor, vaidade! Com o tempo, infelizmente, os meus interesses passaram a ser outros.

— Você tocou em algo essencial. Vejamos se consigo me expressar com a necessária clareza. Para que o médium enxergue os espíritos, ele não carece de fazê-lo com os olhos da carne; para ouvi-los, não precisa registrar-lhes a voz articulada... Aliás, raríssimos medianeiros percebem os desencarnados com a nitidez que apregoam, ou seja, com clara definição de contornos e tonalidade... O fenômeno mediúnico é de origem mental.

— Entendo, pois não sou assim tão neófito no assunto. Li "O Livro dos Médiuns", as obras de Chico

Espíritos e Deuses

Xavier, alguma coisa de Leon Denis e até os controvertidos livros de Ramatis.

— Epifânio, analisemos, de modo sucinto, a mediunidade de efeitos físicos.

— Os fenômenos de materialização, voz direta, transporte de objetos, pancadas, levitação...

— Sim, sem que o médium forneça o chamado *ectoplasma*, os espíritos nada conseguiriam produzir. Eis a participação do médium, participação, por assim dizer, efetiva e determinante! Sem *ectoplasma*, que o médium libera em menor ou maior quantidade, nada de intercâmbio de natureza física. Ora, na produção dos fenômenos de efeitos intelectuais, não poderia ser diferente - o princípio que rege o contato entre as Duas Esferas é o mesmo. O espírito comunicante não necessita de que o médium, como instrumento, lhe empreste apenas o seu corpo, o seu cérebro: ele precisa de sua inteligência, emoção, enfim, de seus recursos transcendentes.

— Então, o senhor acha que a participação consciente do médium é natural?

— Natural e indispensável! A menos que sejamos capazes de nos comunicar, inteligentemente, através de uma pedra... O tempo das "mesas girantes" ficou para trás! A mediunidade evoluiu... Os homens não se comunicam mais como os índios que se comunicavam através de sinais de fumaça; com o surgimento da escrita,

veio a carta, depois o telégrafo, o telefone e, mais modernamente, a *Internet*...

— A mediunidade evoluiu?

— Fez os médiuns evoluírem e, conseqüentemente, evoluiu com a evolução dos médiuns!

— Doutor, "do nada ninguém consegue tirar coisa alguma"?...

— Pelos estudos que temos efetuado com diversos Instrutores especialistas no assunto, dentre os quais destacamos o nosso Odilon, a participação consciente e responsável do medianeiro na produção do fenômeno de natureza mediúnica, com ênfase para os que são chamados de *efeitos intelectuais*, será cada vez mais desejável.

— Por que, então, o drama que me aflige - perguntou Epifânio -, se não cometi nenhuma fraude?

— De fato, em termos mediúnicos, você não mistificou, não fraudou, de vez que os espíritos o sensibilizavam: você os via, os escutava, os psicografava, os incorporava, mesmo quando não acreditava que o estivesse fazendo... Você mistificou pela intenção! Cometeu o deslize que, infelizmente, muitos médiuns cometem!

— Mistifiquei pela intenção?... Mas eu não tinha a intenção de mistificar e, pelo que o senhor está explicando, não mistificava mesmo?... Não cobrava um centavo de ninguém, nunca me passou pela cabeça a ideia de ganhar dinheiro com mediunidade!

Espíritos e Deuses

— Dinheiro, não, mas e prestígio?...

O companheiro silenciou, abaixou a cabeça e continuei, escolhendo as palavras para não aumentar-lhe o drama de consciência.

— Prestígio, renome, bajulação?... Você há de convir que o homem não se corrompe apenas por dinheiro! Desculpe-me, não quero magoá-lo.

— Não, não, Doutor, por favor, eu preciso ouvir... Quer dizer que, de fato, eu era médium?

— Era e, segundo estamos informados, um dos melhores aparelhados para a tarefa chamado a cumprir na difusão dos princípios da Doutrina.

— Foram quase trinta anos!

— Que poderiam ter sido quarenta, ou mais...

— Como, Doutor, se acabei adoecendo? Tive derame e me vi impossibilitado?

— Os seus conflitos conscienciais, o choque entre o idealismo superior e a intenção subalterna minaram as suas energias, e o desgaste aconteceu. Se você tivesse sido dócil parceiro dos espíritos, se a sua intenção no exercício da mediunidade fosse única e exclusivamente a de auxiliar, sendo útil aos propósitos do Evangelho do Cristo junto à Humanidade...

Recordando-me de um outro texto de "O Novo Testamento", anotado pelo Evangelista Mateus e também por Marcos, continuei após ligeira pausa:

— Você se lembra do que nos disse Jesus: "...àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundân-

cia; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará"? São palavras que, igualmente, se aplicam à mediunidade, à ação do médium no exercício de suas faculdades. *Pouca* mediunidade com nobreza de intenções pode vir a se transformar em *muita* mediunidade... Os Espíritos Superiores secundam os esforços do mediano bem-intencionado, concorrendo na amplitude de suas possibilidades de intercâmbio com o Além.

— O meu erro?...

— Meu filho, é sempre muito fácil apontar erros cometidos por outros e, graças a Deus, não estou aqui para isto, mas, digamos assim: o seu equívoco, na condição de médium, foi o de não acreditar no Bem que se operava através de você.

— Dr. Inácio - permita-me a indagação -, em mediunidade os fins justificam os meios?

— Em coisa alguma, Epifânio, os fins justificam os meios, mesmo porque o Bem Genuíno nunca será capaz de se originar de outra fonte que não seja a do Bem puro e verdadeiro. Em mediunidade, é claro, não poderia ser diferente. Não estamos incentivando os médiuns a mentirem, quando lhes damos o nosso aval ao exercício consciente de suas faculdades, coadjuvando a manifestação dos espíritos por seu intermédio.

— Os esclarecimentos do senhor estão sendo importantes para mim. A consciência sempre me acusava...

Espíritos e Deuses

— Acusava, porque ninguém a ludibria em seus propósitos e intenções mais ocultas.

— É, eu queria, sim, admito, retorno: o meu retrato nos jornais, o meu séquito particular de admiradores, palavras elogiosas - adorava me sentir um missionário e ser elogiado! Humildade em mim sempre foi falsa modéstia! Jamais fui capaz de ser tão bom e desprezado das coisas materiais, como as pessoas me supunham e eu fazia questão de aparentar. Manipulei muita gente... Repito: não queria dinheiro, mas queria fama, poder espiritual atribuído pelos homens!

Epifânio - falei ao paciente que me escutava, atento -, *poder espiritual atribuído pelos homens?! Quanta ilusão, não é? Como somos ingênuos! Impressionante, como insistimos em viver uma vida de superficialidades! Os reais valores são adquiridos pelo espírito no anonimato, no mais completo anonimato. Não devemos trabalhar para que sejamos vistos pelos outros... Quase todo aplauso é hipnótico! O médium necessita se empenhar em servir desinteressadamente - sem queixas, sem guardar resultados imediatos, sem contar com o reconhecimento de quem quer que seja: servir por exclusivo amor ao Ideal, consciente de que se encontra construindo o destino! Se os espíritas, os cristãos, em geral, pensassem assim, haveriam de agir com mais fé e sinceridade e, conseqüentemente, seriam mais acreditados, porque, em todos os tempos, a melhor pregação é a do exemplo. Sabemos não serem fáceis o*

Espíritos e Deuses

testemunho silencioso, a renúncia, o sacrifício, notadamente em meio a tantos interesses de ordem inferior que grassam entre as criaturas; os vendilhões, expulsos por Jesus, voltaram para os templos e conspiram contra os objetivos da religião... Nem o Espiritismo tem escapado à sua influência nociva, mas... deixemos para lá. A Verdade ainda interessa a muito poucos na Terra!

— Doutor, "*pouca* mediunidade com nobreza de intenções pode vir a se transformar em *muita* mediunidade"... Fale-me mais um pouco a respeito.

— As faculdades psíquicas, evidentemente, independem da condição moral do médium; existem sensitivos que os espíritos inferiores utilizam como instrumentos, sem que eles sequer fiquem sabendo disto - a fé, já nos dizia Kardec, em "O Livro dos Médiuns", não é uma condição de rigor para o médium... O mundo está repleto de paranormais, atuando inconscientemente; até mesmo entre os que desacreditam na imortalidade, nos depararemos com instrumentos quase inteiramente passivos dos que, fora do corpo de carne, prosseguem exercendo a sua influência sobre os homens... A mediunidade é uma faculdade neutra, acessível a todos: é uma consequência das experiências vivenciadas pelo espírito ao longo de sua trajetória evolutiva... O Espiritismo a estuda, disciplina e torna o médium consciente de suas responsabilidades. Um médium espírita pode, assim, sob o ponto de vista da produção do fenômeno, ser menos médium que um não-espírita, ou seja, que

um médium não-evangelizado - se é que todos os médiuns espíritas são! Não são, mas façamos de conta que sejam ou que sejamos. A reta intenção dos medianeiros portadores de faculdades discretas, menos produtivas, pode mobilizar o amparo mais efetivo e determinante da Espiritualidade Superior... A mediunidade, em si, ensina-nos Odilon Fernandes, depende mais do médium que do espírito, mas, convenhamos, *sem espírito, o médium não funciona* - sem espírito comunicante, que o mediunize, bem entendido.

— Se as minhas intenções fossem mais claras, se eu tivesse sido um médium menos preocupado comigo, com o meu sucesso, com as minhas ambições de caráter espiritual, enfim, se tivesse cultivado um pouco mais de amor no coração...?

— ...você, com certeza, teria se superado! - respondi, incisivo. Não tenha a menor dúvida quanto a isto... Os Benfeitores Espirituais sondam os nossos corações e não investem em vão naqueles que não lhes merecem credibilidade. Há algo de ético na faculdade mediúnica! Mediunidade, o seu direcionamento e proveito não se circunscrevem a uma questão de flexibilidade do *aparelho mediúnico*. Não é uma *força* apenas afeta ao organismo físico e perispirítico.

— Sem um sentido de ordem superior...?

— ...mediunidade é obsessão, e o médium não passa de companheiro enfermo, necessitado de tratamento. *Sem que o medianeiro trabalhe a sua própria*

Espíritos e Deuses

espiritualidade, a faculdade, por mais primorosa, se embota. **Agora, naquele de faculdades incipientes, todavia sempre prestativo e disposto a cooperar no bem da coletividade, repetimos, com o esquecimento de si mesmo - com o esquecimento possível de si mesmo! a mediunidade poderá superar as expectativas.**

— Dr. Inácio, conforme esclareci, eu não enxergava os espíritos, não os ouvia, não os sentia me impulsivando o braço para escrever...

— Epifânio, concordo com um amigo que disse: a mediunidade possui envolvimento que desconhecemos e nem sabemos definir. "O Livro dos Médiuns" é um roteiro, porém não rígido; Kardec não teve a pretensão de classificar todo tipo de mediunidade existente. De um médium para outro, a mesma faculdade se apresenta com certas nuances diferentes; não há, positivamente não há, uma faculdade mediúnica absolutamente idêntica a outra - depende de uma série de fatores, inclusive da *personalidade do médium*, de sua formação cultural, doutrinária, espiritual... Você, segundo já conversamos, se traiu pela intenção. O fenômeno mediúnico se elabora e processa no universo da mente. A rigor, médium algum sente ou registra a presença dos desencarnados através de seu corpo físico... É mente a mente, perispírito a perispírito! O corpo de carne retém as impressões superficiais do fenômeno. A maioria dos médiuns se frustra em suas faculdades porque pretende registrar ou sentir a influência dos espíritos pelo seu corpo grossei-

ro. Impossível, a menos que o fenômeno produzido seja de natureza física. Mas procuremos simplificar. Você enxergava, sim, os espíritos, os ouvia, os psicografava, incorporava... Subsistia, no entanto, em sua mente, uma *nuvem espessa que lhe tisonava as possibilidades: a sua consciência o questionava em seus propósitos!* O problema do médium consciente é a repreensão da consciência, por falta de transparência em suas atitudes e não de nitidez mediúnica. Não sei se estou me fazendo entender. O assunto é tão vasto que, confesso, às vezes me perco. Em mediunidade, a gente vive refundindo conceitos todo dia...

— Quer dizer que o fato de eu ter acesso a informações, ler muito para me expressar com desembaraço, estar por dentro de certas circunstâncias...?

— ...digo-lhe, meu caro Epifânio, que é até mesmo desejável. Com a permissão do médium do qual presentemente me utilizo em meus contatos com o mundo - um dos médiuns, não o único -, esclareço que, por exemplo, quando tenciono, por intermédio dele, desenvolver determinado tema, costume, antes de efetivamente me dispor à escrita, enviar-lhe certos "clichês mentais", sementes de ideias que nos facilitem a conexão ou a sintonia.

— Doutor, e a espontaneidade do fenômeno?

— Corre, meu filho, por conta da inspiração do momento; a espontaneidade do fenômeno sempre existe, tanto para o médium quanto para o espírito. Um orador

Espíritos e Deuses

estuda o tema a ser abordado, mas deve evitar memorizá-lo; a memorização obstrui os canais da inspiração. Sempre li muito, mas nunca fui de decorar nenhum texto, porque, quando eu tentava decorar uma palestra, eu a proferia quase sem emoção, *trancando a mente* para as ideias que me ocorressem no momento. Um médium, por exemplo, como Chico Xavier, que psicografava em uma única sessão pública, escrevendo ininterruptamente, cerca de 10, 12 cartas familiares, repleta de informações e detalhes, não possuía recurso mnemônico, e nem tempo, para memorizá-las todas. Ele podia conhecer o básico, o essencial; uma ponte não se levanta sem pilstras de sustentação fincadas nas duas margens do rio... Isto, porém, é outra história.

— Como lamento não ter tido mais confiança em mim!...

— Tudo é lição, aprendizado.

— Para o médium, o mais difícil...?

— ...é ser honesto consigo mesmo!

— Mas, Doutor, será que existem médiuns uns mais espontâneos que outros? Qual o médium merecedor de maior confiança?

— O médium merecedor de maior confiança é o que procura conciliar palavra com exemplo. Quanto à questão de médiuns uns mais espontâneos, ou seja, mais médiuns que outros, é óbvio que sim, embora, em termos de espontaneidade legítima, a mediunidade deixe a desejar na esmagadora maioria dos médiuns. Não deve-

mos efetuar julgamentos, cada qual testemunha por si: digo apenas que em atividades mediúnicas de maior fôlego o espírito necessita contar com a participação mais consciente do médium.

— O que, agora, me resta fazer? - indagou Epifânio, percebendo que eu já me preparava para retirar-me.

— Trabalhar, meu caro, e muito! Se choramingar resolvesse alguma coisa... Não fique se martirizando!

— Trabalhar como médium?

— Quem nos dera, na situação em que nos encontramos, pudéssemos nos dar o luxo de escolher o serviço! Deixemos que o serviço nos escolha ou que nos chame, enquanto isto...

— *Enquanto isto...?*

— ...estendamos a mão e nos agarremos à oportunidade mais próxima. A necessidade que constatamos à nossa volta é o convite que nos está sendo formulado, a fim de que aprendamos a ser úteis.

— E se não está ao nosso alcance?

— De nossa capacidade ou boa vontade?

— De nossa capacidade.

— Não somos chamados a fazer além do que podemos, embora seja perigoso que semelhante avaliação permaneça circunscrita ao nosso discernimento pessoal. Estamos sempre repletos de pretextos para não sairmos do comodismo que, há milênios, nos escraviza à lei do menor esforço. Aqui, neste auditório, correndo os olhos por ele, o que você detecta destoando?

Espíritos e Deuses

- As cadeiras fora do lugar, papéis pelo chão...
- Epifânio, será um bom começo ou recomeço!
Esqueça, por enquanto, teoria e mediunidade... Arregace as mangas e faça!
- Tão simples assim?...
- O complicado está em nós, sempre em nós, lamentavelmente em nós! - respondi, abaixando-me e recolhendo aos meus pés um lenço esquecido em que alguém assoara o nariz.

No mesmo dia, um pouco mais à tarde, como, de quando em quando, sentia necessidade, avisei a Manoel Roberto que sairia, dando uma volta pelos arredores do Hospital, que fica próximo à populosa cidade erguida no espaço espiritual geográfico correspondente a Uberaba - imediatamente acima, sendo, todavia, três ou quatro vezes maior, deslocando-se na direção do Rio Grande, que divide os Estados de Minas Gerais e São Paulo.

— Cuidado, Doutor! - alertou-me o companheiro. — Não é interessante que o senhor fique andando, sozinho, por aí...

— Que mal há nisto, Manoel? E, depois, ninguém me reconhecerá, a um *camaleão* como eu... Não se preocupe, que eu sei me cuidar!

— É que não estamos totalmente isolados da presença de certas entidades que conseguem acesso à ci-

Espíritos e Deuses

dade; Uberaba espiritual é uma cidade cosmopolita e o policiamento ainda é precário... Conforme sabe, nos localizamos em pleno Umbral, e espíritos, provindos das regiões inferiores, costumam aportar por aqui.

— E a gente, que esperava, pelo menos depois da morte, ver os problemas sociais resolvidos, como se o túmulo guardasse solução para todos os problemas da existência! Ledo engano!... Continuamos a lutar com questões de natureza administrativa e, infelizmente, ainda não nos vemos livres da famigerada corrupção que campeia entre os homens; neste Outro Lado - falando com mais propriedade, neste *ladinho* da Terra a luta pelo poder prossegue sendo real. Não sei se nossos irmãos encarnados entenderiam, pois, na maioria, a concepção de Céu se encontra muito arraigada; os próprios espíritas têm dificuldade para conceber a Vida após a morte...

— Com toda a literatura já disponível!

— Sim, mas qualquer aprofundamento neste sentido será, como tem sido, considerado ficção. Muitos entendem o Mundo Espiritual como vasta região etérea, homogênea, onde os espíritos vagueiam transparentes e sem forma... Leram - suponho que leram! - "O Livro dos Espíritos", todavia não lograram assimilar as suas informações...

— Explícitas algumas...

— Implícitas outras, dedutivas, como, por exem-

plo, Manoel, a questão de número 980, uma das que sempre mais me intrigaram.

— Qual é, Doutor? Sinceramente, não estou me recordando...

— Você se lembra de quanto eu insistia para que estudasse?

— Não me sobrava tempo!

— Não é verdade; desculpe-me, mas você era comodista, Manoel! Raramente, eu o via com uma obra espírita nas mãos!

— Eu lia "A Flama Espírita", Doutor, e tentava ler os livros que o senhor escrevia e editava.

— Ler "A Flama Espírita", o nosso mensário, era insuficiente! O Espiritismo é uma doutrina que pede aprofundamento para melhor compreensão da parte de seus adeptos. Quem o conhece de maneira superficial equivoca-se, com facilidade, na interpretação de seus postulados.

Silenciei por instantes e voltei à carga, ironizando:

— *Tentava ler os meus livros!... Ora, ora! Quer dizer, então, que você não entendia nada?*

— Para ser sincero, Doutor, pouco, entendia muito pouco. Não é que o senhor escrevesse difícil...

— Você não tinha cabeça mesmo, não é?

— Quando pegava num livro, o senhor me chamava...

— Agora, sou eu o culpado!

— Não, não é o que estou querendo dizer!

Espíritos e Deuses

— Mas disse, está dito e não pode retirar o que disse! Mais um carma a me pesar sobre os ombros - o de sua ignorância, Manoel! Ora, você não lia porque era preguiçoso, não gostava de pensar - sendo um ser pensante, não gostava de pensar... Que contrassenso! Deus deve ter errado com você, não é? No entanto, bem que eu o via, com frequência, lendo jornais e revistas profanas...

— Doutor, o senhor vai ou não vai me falar sobre a pergunta de "O Livro dos Espíritos"?

— Vamos lá - disse, forçando a memória. —
Questão 980: "O laço de simpatia que une os espíritos da mesma ordem é para eles um motivo de felicidade?"
Resposta: "A união dos espíritos que se simpatizam *pelo bem* é para eles um dos maiores gozos, porque não temem ver essa união perturbada pelo egoísmo. Eles formam, no mundo inteiramente espiritual, as famílias do mesmo sentimento, e é nisso que consiste a felicidade espiritual, como em teu mundo os homens se agrupam em categorias e gozam de um certo prazer quando se reúnem. A afeição pura e sincera que eles provam e de que são objeto é um motivo de felicidade, pois lá não há falsos amigos nem hipócritas".

— Confesso que não me recordo de nunca tê-la lido...

— Na resposta dos Espíritos a Kardec, alguma colocação lhe chamou a atenção em particular?

— Não, está tudo certo.

— Está tudo certo, como? - simulei esbravejar, indignado.

— Está tudo em ordem...

— Manoel, pare de me torrar a paciência - a paciência que eu nunca tive e nem sei quando a terei!

— É uma resposta comum...

— Preste atenção: "Eles formam - os espíritos que se simpatizam - no *mundo inteiramente espiritual...*"
Percebeu?

— Não!

— Desisto. Manoel: "...no *mundo inteiramente espiritual...* "

— O que quer dizer, Doutor?

— Que existem mundos espirituais que não são inteiramente espirituais!

— Hum!...

— Dois!... Sacou, agora?

— Doutor, a linguagem chula de que o acusam...

— Os que têm cabeça de chulé...

— Existem mundos espirituais que não são inteiramente espirituais! - repetiu o amigo, reflexionando.

— Como o nosso aqui! Você considera isto aqui um mundo *inteiramente espiritual?*

— Em relação à Terra, sim.

— Esqueçamos a Terra... Pergunto em relação às nossas aspirações de perfeição?

— Não, não é. Está bem longe disto.

Espíritos e Deuses

— Veja, então, como, em toda a obra da Codificação, há muita coisa implícita, muitas verdades veladas.

— Por que será?

— Porque, à época, não tínhamos cabeça para tanto, qual muitos, mesmo *morrendo*, continuam não tendo...

— O que o senhor está querendo insinuar?

— Quem? Eu?... Nada! Não sou homem de fazer insinuações...

— Allan Kardec, na questão em foco...?

— ...referiu-se às múltiplas Dimensões espirituais - quanto mais próximas da Terra, mais materiais e...

— ...quanto mais distantes, mais espirituais - deduziu Manoel com acerto.

— *Heureka!* - exclamei, dando-lhe um tapinha na testa. Finalmente!... A sua 3.^a visão está se abrindo! Coloque esse *chakra* emperrado para funcionar!

— O que devemos entender por *mundo inteiramente espiritual*?

— Agora sou eu, espírito, homem *mortinho da silva*, liberto dos pesados grilhões da matéria, que não tenho cabeça para concebê-lo... Penso que aquela "vasta região etérea, homogênea, onde os espíritos vagueiam transparentes e sem forma" fica mais acima ou bem mais para que lado não sei... Ponto de referência físico no Universo é coisa de espírito atrasado!

— O senhor disse que, "à época, não tínhamos cabeça para tanto"...

— Não tínhamos e ainda não temos, Manoel! Nem sempre conseguimos expressar em palavras as verdades que intuímos, porque a intuição está para além de toda forma de expressão conhecida.

— Se nós, os desencarnados...

— Intuí aonde você quer chegar! - aparteei o amigo com um sorriso. — Se nós, os desencarnados, ou seja, os espíritos, pouco sabemos ou podemos falar do mundo em que vivemos, coitados dos médiuns que pelem para *rastrear* as realidades da Vida além da morte! Para nós, os considerados *mortos*, este mundo...

— Agora é a minha vez de intuir, Doutor!... Este mundo é material, com uma organização similar, em quase tudo idêntica aos parâmetros da existência da Terra.

— E, para nós, não havia como deixar de ser assim, já que não temos mente apurada para viver em sintonia com as Dimensões que nos transcendem o habitual; a nossa cabeça se programou para viver tomando a matéria como ponto de referência...

— Coisa de espírito atrasado!

— Por este motivo, Manoel, na condição de espírito errante que me reconheço ser, eu vou sair errando por aí... Quero, uma vez mais, observar as coisas mais de perto - me sentar num banco da primeira praça que encontrar e ficar olhando os transeuntes, auscultando-lhes o psiquismo...

— Doutor!...

Espíritos e Deuses

— Não, mais louco do que você eu não vou ficar! Não se preocupe! Quero colher material para, quem sabe?, transmitir aos nossos irmãos encarnados - isto é, se a cabeça do médium aguentar e couber dentro dela.

— Vai ser difícil...

— Vai, mas ambos somos teimosos; é por aí que a nossa sintonia se faz - na teimosia, na falta de conformação com a mesmice das coisas... Tchau! - despedi-me e saí, caminhando com a mão no bolso.

A tarde estava linda, com a temperatura oscilando em torno dos 20 °C. Uma brisa amena soprava balsamizando a atmosfera e o firmamento extraordinariamente azul. Era uma espécie de cortina de seda em forma de abóbada, prenunciando uma profusão de estrelas para a noite.

Algumas pessoas - homens, mulheres e jovens - se movimentavam pelas ruas bem cuidadas, cada qual, como acontece na Terra, com um objetivo em mente. Procediam com tanta naturalidade, que, sinceramente, não cogitavam de que estavam *mortos* ou não; tinha a impressão de que o único *morto* interessado na morte por ali era eu...

Pequenos veículos deslizavam nas ruas, quase sem provocar nenhum ruído e poluir o ar. Eram carros pequenos, que transportavam, no máximo, duas pessoas, movidos a energia solar condensada e a bateria de água

Espíritos e Deuses

salinizada, em alta concentração; semelhantes veículos são extremamente fáceis de conduzir e, principalmente, de estacionar, sendo que, por este motivo, não tínhamos problema de congestionamento. Algo importante que, aliás, sempre julguei dispensável numa sociedade civilizada: os veículos não têm buzina! Substituindo-a, um único farol central, chamado "olho de ciclope", que, quando acionado pelo condutor, acende potente luz vermelha em sinal de alerta. Outros se locomoviam através de patinetes individuais, motorizados, que trafegavam em pistas paralelas apropriadas, substituindo as antigas e obsoletas bicicletas.

Difícil - perdoem-me! - encontrar palavras para descrever tudo que, do ponto de vista tecnológico, faz do nosso mundo a Terra do futuro. Temos, sim, ainda, diversos problemas sociais e não conseguimos extinguir de todo o cinturão de carência ao redor da cidade, de vez que, atraídos pelo progresso da metrópole, muitos espíritos, provindos das regiões inferiores, vão se lhe fixando nos arredores; todavia, por aqui, quase tudo funciona um pouco melhor administrativamente, com a preocupação dominante de que não haja desemprego.

Aproximando-me de ampla praça ajardinada, recostei-me num banco e, admirando a beleza das flores de espécies desconhecidas dos homens (a Botânica é, neste Outro Lado, uma ciência pela qual muitos se interessam, exercitando a sua faculdade de criar), vi quando diminutos pássaros, parecidos com os nossos diminutos

pintassilgos, pousaram nas ramadas e começaram a trin-ar...

Eu não sei como é que os homens - alguns espíri-tas - são capazes de conceber a Vida além da morte sem flores e sem pássaros! Certamente, imaginam o Mundo Espiritual completamente despido de beleza e, conse-quentemente, de poesia. Aviso-lhes, porém, que Deus não está pobre em sua capacidade de extrair mais vida da própria Vida... A visão dos graciosos pássaros, brin-cando entre as flores, outra vez me levou a refletir sobre o problema da reprodução, objeto de escárnio dos que não tiveram sensibilidade e inteligência para entender o que insinuei nas páginas de "Na Próxima Dimensão", a minha obra favorita! Lamento a visão obtusa desses companheiros que, por certo, concebem a Vida no Além sem gravidade e... sem gravidez! O sexo continua algo pecaminoso para muita gente, principalmente para os que pretendem se santificar apenas aos olhos dos ou-tros. Ah, os moralistas!... Deixemo-los para lá, pois, afinal de contas, eu não quero estragar a minha tarde...

Correndo entre as alamedas floridas, uma garoti-nha de cabelos dourados - de 5 a 6 de idade, no máximo -, era acompanhada de perto pela sua jovem mãe sorri-dente. — "Estelinha - disse com terna entonação de voz que somente as mães possuem -, não corra tanto, minha filha!..." Cumprimentou-me com gentileza e, qual anjo velando pelos passos de seu tutelado, seguiu, sem me dar oportunidade de abordá-la, nas tantas perguntas que

Espíritos e Deuses

eu gostaria de fazer-lhe. Todavia, com o intuito de satisfazer a curiosidade de nossos leitores, curiosidade que, tenho certeza, se aguçou neste instante, digo-lhes que, para mim, aquela criança não nasceu na Terra!

Estando prestes a me erguer (creio que eu nunca tive uma experiência reencarnatória como monge), sem paciência de ficar quieto, durante muito tempo, no mesmo lugar, um senhor, aparentando pouco mais idade que eu, pediu-me licença para se acomodar ao meu lado, no confortável banco da praça.

— O senhor mora aqui perto? - perguntou-me, como se fôssemos dois aposentados jogando conversa fora, ao fim de uma tarde na praça.

— Moro - respondi, cortês, preparando-me para ser sabatinado.

— O meu nome é Ataíde. E o do senhor?

— Inácio - tornei, lacônico.

— O senhor é...

— Médico. Sou médico.

— Médico? Que bom! Há pouco me submeti a uma cirurgia cardíaca - falou, levantando a camisa e mostrando enorme cicatriz no peito -: quatro pontes de safena!...

— Eu sou psiquiatra...

— Psiquiatra? Excelente! Eu tenho um irmão esquizofrênico que não vejo há tempos... É uma doença que não tem cura, não é, Doutor?

— Tem. Toda doença tem cura.

— Tem?! Como?!... O meu irmão é doente há mais de trinta anos... Onde fica o consultório do senhor? Poderíamos agendar para ele uma consulta...

— De que maneira, se você lhe desconhece o paradeiro?

— É... O senhor tem razão, mas pode ser que a qualquer hora ele apareça...

— Com certeza, a qualquer hora aparecerá!

— O consultório do senhor...?

— ...fica próximo - disse, apontando o rumo.

— Ah, já sei! O pessoal faz muitas referências a ele...

— Algumas estranhas, não?

— O senhor, então, é o Dr. Inácio...

— Inácio. Inácio Ferreira!

— Nossa, que coincidência! A minha mãe falava muito no senhor!

— Meu amigo, qual a sua idade? - perguntei com uma intimidade que eu ainda não tinha com o meu interlocutor.

— Vou completar 70, agora, dia 30 de agosto!

— A senhora sua mãe, quando falava em mim...

— Eu era garoto! Menos de 15 anos, talvez.

— Fiquei velho sem saber!

— Velho, o senhor aparenta menos idade do que eu!

— Não lhe ocorreu nada?...

— O quê, por exemplo?

Espíritos e Deuses

— Que eu pudesse ter me submetido a diversas cirurgias plásticas...

— O senhor é jocoso!

— *Jocoso!* Há quanto tempo eu não ouvia este termo!

— Espírita, não é? O senhor é espírita?

— Espírita e espírito, Ataíde!

— Eu não acredito muito nessas coisas... Para mim, morreu, acabou.

— Pois é...

— Eu acho, com todo o respeito ao senhor, que isso é loucura do povo!

— Também acho!

— Uai!... - exclamou, arregalando os olhos.

— E a sua cirurgia? Correu tudo bem? - indaguei.

— Fiz em São Paulo, no Instituto do Coração. Não vi e não senti absolutamente nada.

— Está anestesiado até hoje?

— Acordei numa boa; é claro, ainda estou naquele processo...

— De sonolência?...

— Não, Doutor, eu tenho dormido muito bem.

— Bem demais!...

— Ora, como é que sabe?

— Olho clínico, meu caro! Olho clínico.

— Muitos anos de prática, não?

— Pelas nossas contas, somando a sua idade e a de sua desencarnada mãezinha...

- Mamãe faleceu com 78!
- Eu sou quase um dinossauro!
- Doutor, não me faça rir!...

Ficamos um pouco em silêncio, e Ataíde, polidamente, observou:

— O senhor usou a palavra *desencarnada*... É tanto absurdo que a gente escuta por aqui! Dias atrás, ouvi uma mulher falando a outra que ela estava morta...

— É, quando estávamos reencarnados - escapou-me -, a gente também não aceitava...

— Doutor, eu não acredito em vida após a morte! Se, para mim, nem encarnados estamos, como podemos estar reencarnados? Uma vez só já seria muito!

— Quer dizer que, para você, não *estamos* encarnados - *somos* encarnados?

— Somos corpo: carne e osso... O Espiritismo é uma religião de caridade. Tudo bem, concordo, mas esse negócio de Mundo Espiritual, de mediunidade... Religião é uma questão de crença, Doutor, só isto!

— Ataíde, é impressionante...

— A minha franqueza?

— Não, o universo que cada mente engendra e, em torno dele, passa a gravitar... Nem que eu lhe dissesse que ambos, eu e você, estamos *mortos*?...

— De forma alguma, acreditaria! Não posso acreditar!

— Você não tem estranhado nada?

— O quê, por exemplo?

Espíritos e Deuses

- A cidade em que vive?...
- Ora, Uberaba é uma cidade provinciana, com carros de bois pelas ruas; um povo atrasado, Doutor!... Mas, mesmo assim, com um prefeito dinâmico, que passasse uma tinta nela e cuidasse das praças...
- Ficaria igual a isto aqui?
- Convenhamos, melhoraria muito! Tudo é uma questão de trato... Mulher velha entra numa clínica restauradora e sai nova!
- Não exagere, Ataíde! Só o que dá jeito em mulher velha é reencarnação!...

Em mulher velha e em homem velho, só o que dá jeito é reencarnação - apressei-me em corrigir, antecipando-me à chiadeira do meu fã-clube da terceira idade.

— O senhor fala em reencarnação com uma naturalidade!... - redarguiu, Ataíde, reticente. — Um homem inteligente como o senhor... Acredita mesmo nisso?

— Tenho certeza - respondi, sem esperança alguma de que o meu interlocutor viesse a compreender.

— Ora, Doutor, os mortos não voltam! Nunca ninguém voltou para nos dar o menor sinal... Os espíritos se contentam com muito pouco: mesas que giram, copos que andam, pessoas histéricas que caem em suposto transe... Tudo é fruto da imaginação sobre-excitada.

— Os seus familiares, Ataíde, onde estão? Já vieram visitá-lo...?

Espíritos e Deuses

— A minha família é pequena e todos muito ocupados; a qualquer hora, aparecerão... Sei, no entanto, que têm garantido as minhas despesas por aqui.

— É, eu vou precisar ir andando - aleguei, com o intuito de dar o papo por encerrado.

— Muitos internos na clínica, não é, Doutor? Compreendo... Por que será que os casos de loucura, de alienação mental da realidade, parecem estar se generalizando?

— Não sei. É louco de todo tamanho e qualidade...
Atáide sorriu de se balançar no banco.

— O senhor é uma peça - disse, apontando-me o dedo. — Gostaria, se possível, de reencontrá-lo.

— Apareça - convidei.

— No Hospital? Não. Prefiro que nos encontremos por aí - continuou a sorrir com a minha cara. — A fama de vocês lá não é das melhores... Falam horrores do senhor e de um tal Manoel, Manoel...

— Manoel Roberto.

— Esse mesmo!

— Eu não sei o que falam, mas seja o que for, ele faz jus... Quanto a mim, pobre de mim!

Atáide, outra vez, gargalhando, sacolejou o banco.

— Quer dizer - insisti - que você não crê?...

— Nem um pouquinho! Desculpe-me desapontá-lo. Estou bem, estou ótimo. Um dia, quando cerrar os olhos, será para sempre...

— O sono eterno?...

- Sem pesadelos!
- Mas você ainda não notou nada de diferente?
- tornei, inclusive com dificuldade para crer que aquele meu diálogo fosse real.
- Nadica de nada, Doutor!
- As pessoas desconhecidas?...
- Ora, foi-se o tempo em que a gente conhecia todo o mundo numa cidade assim! Nasce criança a dar com pau e, hoje, Doutor, a meninada já nasce criada...
Superalimentação!
- Bem, agora eu preciso ir mesmo. Vou caminhar mais um pouco e, depois...
- Antes que se vá, deixe-me dizer, para que o senhor não fique com má impressão minha: hospitais como o que o senhor dirige são de utilidade pública! Essa gente não tem condições de ficar à solta...
- Não, não tem - concordei, ironizando. — É uma pena que o Hospital não possa se estender, abarcando toda esta cidade...
- Deixando-me de fora, é claro! - gargalhou, quase colocando o banco abaixo, de tanto sacolejar-se.
- Você não está brincando comigo, não é?
- Não, Doutor, os espíritas são gente de bem, fazem muita caridade... A minha avó, coitadinha - que Deus a tenha! -, vivia conversando com os mortos, trancada dentro de um quarto... Esquizofrênica! Mediu-nidade é esquizofrenia. Era a bondade em pessoa, mas fraca da cabeça.

— Até logo!

— Até... Todas as tardes, costumo aparecer por aqui. Aproveito a quietude do recanto ajardinado e venho meditar...

— Meditar em quê, Ataíde?

— Meditar, relaxar... Os médicos me disseram que, após a cirurgia, eu teria que mudar os meus hábitos de vida. Não me esquento com mais nada...

— Tchau! - disse, estendendo-lhe a mão, que, levantando-se do banco, ele apertou educadamente.

— Tchau, Doutor! Recomendações ao Manoel Roberto...

— Serão dadas! Serão dadas!

— Esse Dr. Inácio!... - escutei-o a glosar, enquanto me retirava cada vez mais surpreso ante os tipos com os quais me deparava no Além.

— Não é de se estranhar tanto assim - repeti aos meus próprios ouvidos, necessitando eu mesmo escutar o que dizia -; afinal, se a maioria não tem consciência de estar reencarnada, por que haveria de ter de estar desencarnada?

A conversa com Ataíde me fez lembrar de uma das páginas de minha preferência, de Emmanuel, inserida no livro "Vinha de Luz", comentando o versículo 51, do capítulo 15, da 1ª Epístola de Paulo aos Coríntios: "Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados". A mensagem, intitulada "Transformação", diz com sabedoria e beleza incomparáveis:

"Refere-se o apóstolo dos gentios a uma das mais belas realidades da vida espiritual.

Nos problemas da morte, as escolas cristãs, trabalhadas pelas cogitações teológicas de todos os tempos, erigiram teorias diversas, definindo a situação da criatura, após o desprendimento carnal. É justo que semelhante situação seja a mais diversificada possível. Ninguém penetra o círculo da vida terrena em processo absolutamente uniforme, como não existem fenômenos de desencarnação com analogia integral. Cada alma possui a sua porta de "entrada" e "saída", conforme as conquistas próprias.

Fala-se demasiadamente em zonas purgatoriais, em trevas exteriores, em regiões de sono psíquico.

Tudo isso efetivamente existe em plano grandioso e sublime que, por enquanto, transcende o limitado entendimento humano.

Todos os que se abeberam nas fontes puras da verdade, com o Cristo, devem guardar sempre o otimismo e a confiança.

"Nem todos dormiremos" - diz Paulo. Isto significa que nem todas as criaturas caminharão às tontas, nas regiões mentais da semi-inconsciência, nem todas serão arrebatadas a esferas purgatoriais e, ainda que tais ocorrências sucedessem, ouçamos, ainda, o abnegado amigo do Evangelho, quando nos assevera - "mas todos seremos transformados".

Espíritos e Deuses

Paulo não promete sofrimento inesgotável nem repouso sem fim. Promete transformação.

Ninguém parte ao chamado da Vida Eterna senão para transformar-se.

Morte do corpo é crescimento espiritual.

O túmulo numa esfera é berço em outra.

E, como a função da vida é renovar-se para a perfeição, transformemo-nos para o bem, desde hoje."

E, exercitando a memória, como costumava fazer, quando encarnado, a fim de evitar a precoce deterioração da massa encefálica, fui repetindo os parágrafos: "...transcende o limitado entendimento humano"; "O túmulo numa esfera é berço em outra"... E emendava, com pensamentos de minha própria autoria: — Morre-se para *cima* e morre-se para *baixo*; nem todos dormem, mas muitos estão sonolentos; transcende mesmo o limitado, aliás, o limitadíssimo entendimento humano; não dá para penetrar a essência de certas coisas; a vida mental do espírito liberto do corpo é quase idêntica à vida mental do espírito encarnado; "nem todas as criaturas caminharão às tontas, nas regiões mentais da semi-inconsciência" - nem todas, mas a esmagadora maioria...

Um dia - recordei-me em seguida -, encontrei-me com conhecido na fila do caixa do banco. — Como vai, Dr. Inácio? Tudo bem? Trabalhando muito? - fez-me as perguntas de praxe.

— Tudo bem - respondi com a mesma formalidade. — E você, como vai?

— Numa correria!... E o senhor, escrevendo coisas boas para nós?

— Um pouco...

— Gosto muito de seus escritos; um amigo presenteou-me com o seu último livro... Como é mesmo o título? Meu Deus, a cabeça anda ruim!...

— Cabeça ruim é minha especialidade - brinqueei para quebrar o constrangimento.

— Doutor, eu ando num esquecimento!

O caixa do banco começou a atendê-lo e eu, indignado, me pus a remoer, à espera de minha vez:

— Ora, a pessoa quer ser agradável, mas... Diz que é espírita - eu nunca o vi no centro! Sequer abriu o meu livro, tenho certeza... É fazendeiro, só pensa em bois na internada... Depois *morre*, vem dar trabalho!

— Quietos, Inácio! - repreendeu-me a voz da consciência, contrariando-me as elocubrações. — Não efetue julgamentos... Nosso amigo está simplesmente querendo ser delicado.

— É - repliquei -, mas está mentindo... Nunca leu e é provável que nunca lerá livro espírita algum.

— As vezes, Inácio, não lê porque não consegue... Nem todo o mundo é você, e você não é todo o mundo! Ler ou deixar de ler o *seu* livro... - enfatizou.

— Eu sei, desculpe-me, eu sei; você tem razão, você venceu - aliás, você sempre vence!... Desculpe-me, não está mais aqui quem *pensou*...

Passar bem, Dr. Inácio! - despediu-se o sitiante, ao sair, dobrando várias promissórias que fora quitar na casa bancária. — Continue escrevendo coisas boas para nós!

— Ore por mim, meu filho - respondi, penitenciando-me de meus pensamentos invigilantes -, pois a fonte da inspiração está secando...

— Não, se Deus quiser, o senhor ainda há de escrever muito e, quando desencarnar, há de dar muita comunicação por aí...

Pronto! A *praga* estava lançada e eu completamente desprevenido de um dente de alho nos bolsos da calça, de um galho de arruda atrás da orelha, de uma porção de sal grosso enrolado num patuá... A *coisa* veio e me atingiu em cheio, pior ou quase igual a praga de padre...

Bem, quando me despedi de Ataíde (espero que

vocês não confundam os personagens!), com a noite quase a cair, as luzes da cidade se acenderam, e continuei a caminhar, detendo-me aqui e ali, como se tudo fosse absolutamente novo para mim: as construções, o traçado das avenidas, as lojas com vitrinas amplas, as calçadas sem nenhum desnível, a limpeza na via pública... Tudo tão antigo e, não obstante, tão novo para mim!

De repente, o som de uma sirene me chamou a atenção e, por momentos, senti-me como se recuasse no tempo, caindo, caindo... O que será? - indaguei. Os veículos cederam passagem e uma viatura policial - sim, uma viatura policial! - estacionou diante do prédio de um grande *shopping*.

— Deve ser algum ladrão! - comentou uma senhora com a amiga, que, curiosas, se juntaram à pequena aglomeração que se formou à porta do edifício.

— Meu Deus, um assalto?! - questionei, esticando o pescoço para ver de que se tratava. Um assalto, aqui?!... Ladrões no Além?!... Só falta ser de mão armada...

E era! Creia quem quiser acreditar: o assalto estava sendo efetuado por um jovem de aproximadamente 22, 23 de idade, com uma arma em punho!... O sofisticado sistema de vigilância do *shopping* o surpreendeu e ele fora preso, antes de consumir o ato.

Algemado pelos policiais, o rapaz esboçava um sorriso estranho e chegava a posar para os fotógrafos

Espíritos e Deuses

e repórteres de TV, que haviam chegado ao local com uma presteza impressionante.

— É o Maninho! É o Maninho!... - disse a senhora ao meu lado.

— De quem se trata? - perguntei como se, de fato, eu fosse um ET por ali.

— É o Maninho! O senhor não lê os jornais? Trata-se de um dos assaltantes mais procurados pela polícia... Sempre age sozinho! Desde adolescente é assim... Coitado!

— De onde é? - tornei a perguntar, querendo me situar dentro daquela realidade.

— Dizem que se esconde por aí, no outro lado da cidade, na periferia...

— Na periferia?

— Está tudo urbanizado, mas é periferia, um bairro pobre...

Preso em flagrante, o delinquente, que fazia questão de falar e se mostrar diante das cameras, respondia aos repórteres que o entrevistavam:

— Maninho, quantos assaltos você já praticou?

— Perdi as contas... Roubei pela primeira vez aos 11 anos de idade!

— Por quê?...

— Eu gosto; roubar faz a minha cabeça... Sou marginal de profissão!

— Os seus pais...?

— Não sei de meus pais - respondeu com rispi-

dez -; sou filho da Natureza, que me gerou... Não tenho ninguém.

— Você já matou alguém?

— Já feri... A culpa não foi minha, reagiram. (O corpo espiritual, como o corpo físico, é passível, sim, de ser ferido... Lembro aos leitores que o corpo de carne nada mais é que uma variação do perispírito, que, pelo princípio da relatividade dos elementos, é suscetível de adoecer, ser lesado, etc. O que é material não fere o que é de natureza etérea, e vice-versa, mas o que é de natureza etérea, menos concreta, age sobre corpos compatíveis.)

— Atirou? - indagou um dos repórteres.

— Atirei...

— Maninho, você tem religião?

— Qual é, meu! Se Deus existe ou não existe, não estou nem sabendo! Sacou?... Eu sou eu...

— Você crê ter sido um assaltante na Terra?

— O quê? Pirou?!... A Terra é aqui onde a gente está pisando... Não têm nada a ver: vida passada, vida futura...

— Vamos, vamos, pessoal! Precisamos ir - disse, erguendo a mão o chefe do destacamento policial. — Depois vocês conversam com ele no Instituto de Reeducação da Zona Sul, para onde será recambiado.

— Só mais uma pergunta! Só mais uma pergunta (repórter é repórter!) - insistiu um dos entrevistadores,

Espíritos e Deuses

com um daqueles chapéus de agente do FBI de seriado americano na cabeça. — Maninho, muitos têm pedido a pena de morte para você... O que tem a dizer?

— Estou pouco me lixando... Vocês não são, como se diz...?

— ...espiritualistas?

— É, é isto daí mesmo. Se a sociedade é espiritualista, se vocês vivem pregando que a morte não existe, ora!... É um contrassenso, meu! Mas eu não me preocupo com essas coisas: se morreu, acabou, está tudo bem; se morreu, não acabou, continuo eu... Ah, ah, ah!...

O grupo de pessoas começou a se desfazer e, devido ao adiantado da hora, antes que Manoel Roberto enviase alguém para me procurar, resolvi voltar ao Hospital com a cabeça fervilhando de interrogações. Meu Deus! - pensava, caminhando sob o manto do céu constelado -, como haverei de narrar a nossos irmãos encarnados a experiência que acabei de vivenciar? Estivesse eu na carne, acreditaria se algum espírito, ainda que por um médium idôneo, descrevesse algo semelhante? É possível, inclusive - aduzia -, que, diante de minhas ponderações, muitos aleguem que eu esteja lhes preparando o espírito para aceitarem o que rotularão de fantasioso... Nada, contudo - contra-argumentava, em silêncio -, deve me importar, a não ser a minha tranquilidade de consciência. A interpretação dos fatos não cabe a mim...

Imerso em tais questionamentos, percorri consi-

derável distância quase sem perceber, com a nítida impressão de que os meus pés não tocavam o chão - arrebatado pelas ideias que me assomavam ao cérebro, eu simplesmente levitara!

Quando, porém, estava prestes a chegar ao portão principal da instituição hospitalar que coordenamos, deparei-me na estrada de terra com a figura de um homem caído de bruços, a gemer. Quem seria, àquela hora da noite? - aproximei-me, cauteloso, pensando na possibilidade de uma cilada. Segundo estava informado, de há muito, certas entidades me haviam, por assim dizer, colocado a cabeça a prêmio, desde que escrevera e deliberara publicar a obra "Do Outro Lado do Espelho".

Confesso-lhes que, de coração um tanto acelerado - sim, embora a muitos não pareça, eu tenho um músculo pulsátil que é um arremedo de coração dentro do peito -, pensei em recuar e pedir a um de nossos funcionários que verificasse, mas, naquele instante, lembrei-me da Parábola do Bom Samaritano: "Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto. — Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. — Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. — Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão".

Espíritos e Deuses

Diacho! - conjecturei -, estou longe de ser aquele homem bom da parábola, mas sacerdote e levita eu me recuso a ser - um escriba ainda vá, mas... um sacerdote!

— O que houve, amigo? - perguntei, tentando desvirá-lo para ver-lhe a face.

Um forte cheio de álcool emanou de todo o seu corpo edemaciado e não tive dificuldade para constatar-lhe a cirrose hepática, ante o abdome extremamente distendido.

— Como se chama? - insisti, tirando um lenço todo amassado do bolso do jaleco e limpando-lhe o rosto empoeirado e ferido.

De olhos cerrados, pálpebras inchadas, o homem começou a se debater de um lado para outro, como em inusitada convulsão.

— Fale comigo! - tentava trazê-lo de volta à consciência possível, a fim de que não se rendesse a sonolência mais profunda. — Sou médico; estou aqui para socorrê-lo... Qual é o seu nome?

O que fazer naquelas circunstâncias? Alguma coisa me compelia para aquele irmão anônimo, com o qual, inexplicavelmente (força de expressão!), cruzara os meus passos... Não, eu não poderia abandoná-lo e não tinha como solicitar ajuda. A noite se adensava e a região era perigosa, já que maltas de espíritos costumavam errar por aqueles caminhos. Sem alternativa, ergui-o com dificuldade - como pesava, meu Deus! - e

CarlosA. Baccelli / Inácio Ferreira

joguei-o sobre o ombro esquerdo, à feição de molambento fardo que devesse transportar. Sinceramente, não sei onde fora capaz de arranjar tanta força! Segundo a parábola, o samaritano ainda dispunha de um cavalo, mas eu, somente de meus braços!

31

Quase dobrando os joelhos, alcancei o portão do Hospital, onde Manoel Roberto, preocupado, já me esperava.

— Doutor, o que é isso? - indagou, auxiliando-me a deitar o companheiro no chão, a soltar pela boca um líquido gosmento.

— Um homem bêbado e doente. Não está vendo? - respondi, exausto, procurando ar.

— De quem se trata?

— Não sei... Levem-no para dentro, que já irei examiná-lo. Providenciem uma maca! - ordenei indiretamente ao pessoal auxiliar.

Enquanto as medidas de primeiros socorros eram tomadas, fui ao consultório, lavei o rosto, as mãos e os braços, troquei o jaleco e corri para a sala de emergência, onde uma máscara de oxigênio já lhe havia sido colocada, chegando a tempo de deter um de nossos es-

tagiários com um medicamento injetável pronto para lhe aplicar.

— Não! Vejamos se consegue reagir por si... A medicação intravenosa poderia funcionar como indução ao coma, que devemos evitar, a fim de que não adormeça por tempo indefinido. Recorramos ao passe, tentando desentorpecer-lhe o cérebro... Manoel Roberto, por favor!

A minha solicitação, o prestimoso Cooperador chamou três de nossos mais assíduos Auxiliares e, por cerca de dez minutos, energias espirituais lhe foram transmitidas na região do cérebro, percebendo eu que, aos poucos, o paciente se acalmava.

— Agora, sim - disse ao estagiário a injeção... Injete lentamente, de modo que o medicamento naturalmente se lhe incorpore à circulação. Um choque nestas circunstâncias pode fazer o espírito dormir por muito tempo... Chega, já dormimos demais - há séculos e séculos, dormimos!...

— Doutor, como ele está desfigurado! Terá desencarnado há muito?

— Pela situação de seu corpo espiritual, penso que sim, Manoel.

— Desencarnou alcoólatra...

— ...e continuou alcoólatra, certamente vampirizando e sendo vampirizado.

— Corpos ovóides?...

— Sim, quase imperceptíveis, alojados na caixa

Espíritos e Deuses

craniana. Veja - disse, afastando-lhe alguns fios de cabelo empastados de suor e sangue -, apalpe-lhe o couro cabeludo... Sinta-os ao toque de seus dedos, qual bernes se movimentando.

— Doutor, quantos!... - exclamou Manoel, penalizado.

— Terão que ser, cirurgicamente, extirpados um a um... São *tumorações* da vida mental!

— Interviremos agora?

— Não; precisamos esperar... Isto não é assim. O mal que levou tempo para se articular não pode ser desfeito de improviso. Amanhã, logo cedo, voltarei a examiná-lo.

— Alguma outra prescrição, Doutor?

— Passes, Manoel, duas vezes por dia, na região do cérebro e na do abdome, principalmente.

Era quase madrugada quando me retirei da sala de emergência, deixando dois enfermeiros velando pelo homem que encontrara caído à margem da estrada, qual se, por mistérios insondáveis da Vida, a Providência Divina o tivesse colocado ali, à minha espera.

No outro dia, em que, ansiosamente, aguardava as presenças do nosso caro Odilon Fernandes, Paulino Garcia e Modesta, para a excursão programada à Índia, com vistas a breve estudo sobre o universo hinduísta, ou bramânico, a minha primeira tarefa foi a de visitar o doente que recolhera na véspera.

— Como passou o nosso amigo? - perguntei a Manoel Roberto que já se encontrava a postos.

— Mais tranquilo, no entanto, sem melhoras evidentes. Os enfermeiros disseram que, durante a transmissão do passe que lhe foi aplicado instantes atrás, ele delirou e pronunciou algumas palavras desconexas.

— Curioso - comentei, fitando-lhe o rosto mais detidamente -, ele não me parece ser de todo desconhecido...

— Quanto a mim, tive a mesma impressão, Doutor. Embora esteja com as faces edemaciadas, quase posso afirmar já tê-lo visto... Não sei, ao certo, de onde; creio que, talvez, das ruas de Uberaba!

— Então, é ele! Não é possível!...

— Ele quem, Doutor?

Antes de responder ao companheiro que me interpelara, examinei-o mais de perto, tentando definir-lhe os traços fisionômicos e forçando a memória a recuar no tempo.

— Comentei com Modesta, mas não com você, Manoel... Como são caprichosas as leis do destino! Quem diria, meu Deus!...

— Doutor, estou curioso.

— Trata-se mesmo de um pedinte das ruas de Uberaba, que vivia alcoolizado. Certa vez, há muitos anos atrás, ele me estendeu a mão, cambaleante, solicitando uma esmola que, infelizmente, neguei; eu estava num daqueles dias em que a gente já se levanta contrariado e

Espíritos e Deuses

atravessa o dia de mau humor... Arrependi-me depois e voltei a procurá-lo onde sempre fazia ponto...

— Nas imediações da Praça dos Correios...

— E no Mercado Municipal, mas nunca mais pude encontrá-lo! Confesso que cheguei a pensar tratar-se de um *agênere*, que cruzara o meu caminho, com o intuito de me testar... Sempre me recordava do fato e me entristecia. Qualquer outro esmoler que me abordava fazia com que, de imediato, eu me lembrasse dele. Estivesse bêbado ou não, nunca mais neguei alguns trocados a um pedinte, mas, para a minha consciência, não servia - tinha que ser ele, a minha dívida era com ele!

— A consciência é implacável, não é, Doutor?

— Com quem a tem, Manoel, com quem a tem!

— Eu não o estou recriminando...

— E nem pode, porque você... Bem, deixe para lá - não perdi a oportunidade de me defender e alfine-tar o amigo, que, na verdade, sempre teve um generoso coração, advogando junto a mim a causa de muita gente sofredora.

Após examinar-lhe as condições gerais, com particular atenção para os corpúsculos ovóides que se lhe alojaram na cabeça, perguntei:

— Você sabe como ele era chamado, Manoel?

— Não me recordo, Doutor.

— É, o bêbado, além de perder a família, costuma perder até o nome; degrada-se tanto, que a sociedade o marginaliza... Todavia, nesta, estou pago para ficar ca-

lado! Num minuto de tolo moralismo de minha parte, de rebeldia não sei com o quê, deixei de ser espírita, ou melhor, de ser cristão.

— O que dá na mesma, não?

— Não, não dá, não, Manoel!

— Nossa! Numa frase tão curta o senhor pronunciou três *nãos*...

— É porque não couberam quatro... Hoje em dia, tem muito espírita que, de cristão, não tem nada!

— Concordo em gênero, número e grau!

— Ué, está aprendendo, hem!

— Convivência...

— De qualquer forma - voltei a falar sério -, dou graças a Deus... A Misericórdia Divina tem sido compassiva para comigo; reconheço não merecer tanto... Cuidarei do nosso amigo e o adotaremos como irmão!

— *Adotaremos, Doutor?*

— É! Você acha que eu vou cuidar dele sozinho?... Ele será seu irmão também!

— Mais um, menos um... Cada vez que sai para a rua, o senhor traz alguém! O Hospital não tem mais espaço...

— Mas não é por culpa dos indigentes, não! Quase todo dia, é uma nova leva de médiuns perturbados... Meu Deus! Eu vou me queixar ao Odilon...

— O que o senhor vai se queixar ao Odilon, Doutor? - interrogou o dileto companheiro, que, sorridente, se aproximava pelas minhas costas.

Espíritos e Deuses

- Meu caro!
- Dr. Inácio Ferreira!...
- Você não há de ver o que aconteceu... Lembra-se daquele caso que comentei, do meu drama de consciência?...
- Lembro-me, Doutor, e...
- Já sabe de tudo, não é?
- Menos um pouco! Que dádiva, o senhor está recebendo! É merecimento, Doutor... Muitos fazem a caridade para obterem mérito, outros já a fazem por mérito.
- Estou estupefato, Odilon. Como é que esse homem, que deve ter desencarnado antes de mim...
- Ele era conhecido pela alcunha de "Cinco-Pauzinhos"...
- O facínora? Irmão de um outro, conhecido por "Três-Pauzinhos"?...
- Sim, ele mesmo: o Adolfo, nome que lhe foi dado pelos seus genitores.
- Dizem que morava numa tapera na Rua do Carmo, que nascia ali na Praça do Mercado. Assaltante temido... Eu não sabia que era ele!
- Que a bebida, feliz ou infelizmente, reduziu a deplorável condição. Por último, andava com as pernas inchadas, mendigando aqui e ali... Cheguei a visitá-lo algumas vezes, com um grupo de senhoras. Outras famílias pobres se alojavam no mesmo recinto, muitas crianças passando fome...

— Está vendo, Manoel, como você julga mal as pessoas?...

— Eu, Doutor?!

Odilon sorriu e, após observá-lo, pousando-lhe a destra iluminada na fronte, comentou:

— Filho de Deus, ele se reerguerá... É apenas uma questão de tempo. Todos, gradativamente, não importa quão fundo e escuro seja o abismo a que se tenham lançado, se levantarão para a luz!

Deixando Adolfo sob os cuidados de competente equipe médica que trabalha conosco, retirei-me com Odilon, encontrando-nos lá fora com Paulino Garcia e Modesta que apreciavam as flores de uma de nossas muitas áreas ajardinadas,

— O que seria do mundo sem as flores! - exclamou Modesta, afagando um antúrio branco que acabara de se abrir, majestoso.

— Seria, certamente, muito triste - respondi, emendando: sem flores, sem pássaros e sem crianças! E querem nos destituir disto tudo, depois da morte... Em que visão os nossos olhos redivivos haveriam de repousar? Que imenso vazio, que aridez! Como a Criação Divina se empobreceria!...

— Sem flores, sem pássaros, sem crianças, sem borboletas e fontes cantantes, Inácio! Nem as estrelas no céu haveriam de substituir as bênçãos que a Natureza nos ofertava na Terra, dos *vivos* e dos *mortos*...

— Bênçãos que, infelizmente, a maioria menospreza, insensível - lamentei, correndo de leve a mão sobre as corolas de uma fila de lírios dourados, plantados à margem de empedrada passarela. O homem ainda há de se arrepender, amargamente, pelo descaso com a Natureza! A questão do desmatamento do Planeta é um dos crimes mais bárbaros que, sistematicamente, vem sendo praticado, ante a inércia das autoridades.

— A quebra no equilíbrio ecológico - observou Odilon - suscitará, inclusive, o surgimento e a proliferação de novos micro-organismos nocivos mutantes, qual os vírus, por exemplo, que colocarão em risco a sobrevivência da espécie humana; isto, sem mencionarmos as pragas nas lavouras, que exigirão, cada vez mais, agrotóxicos mais agressivos, causando graves danos à saúde, no mundo celular. O próprio ar que o homem respira vem se contaminando aos poucos, sem que consiga se purificar a contento; se analisados em laboratório, os tecidos pulmonares evidenciarão resíduos estranhos, semelhantes aos encontrados nos que cultivam o hábito de fumar...

— Não tivesse o corpo humano maravilhosa capacidade de adaptação às condições adversas - completei -, o cenário atual já seria estarrecedor no campo da Genética; todavia, a continuar assim, a mulher e o homem, antes de optarem por um filho, terão que se submeter a sofisticados exames, avaliando as condições físicas de ambos para procriação... Os casos de anencefalia vêm

Espíritos e Deuses

aumentando consideravelmente, a tendência à obesidade precoce, a hipertensão arterial infantil, a diabetes e mesmo a impotência sexual nos jovens, inclinando-os, assim, a conflitos de variada espécie...

— Abortos espontâneos, dificuldades da mulher em engravidar devido a cistos ovarianos, não é, Inácio? - acrescentou Modesta, em tom de justa preocupação.

— Tudo isso será carma, Dr. Odilon? - indagou Paulino ao Instrutor.

— O carma propriamente dito, não nos esqueçamos, é consequência da insensatez humana, reação desencadeada pelas suas atitudes em desacordo com a Lei. Existem dores que poderiam e podem ser evitadas... Excetuando-se aquelas que nos impelem a progredir, obstáculos naturais na senda evolutiva que incrementam o desenvolvimento do intelecto e da sensibilidade, as demais resultam das escolhas infelizes que efetuamos.

— Então, é impossível não sofrer?

— As dores que nos são mais pungentes e constantes, as que mais se demoram conosco, exigindo reparação, originam-se do nosso livre-arbítrio e não das experiências que, desde os primórdios, o princípio espiritual faceia, em sua escalada para os Cimos.

— Vejamos se entendi - tornou o interessado pupilo de Odilon. — O sofrimento natural é prova de afeição de valor, capacitando o espírito, ao passo que o provocado por nós é causa geradora de carma...

— Paulino, façamos uma distinção, para efeito de melhor compreensão. Normalmente se diz, em relação a quem sofre: — "É uma prova!" Não deixa de ser; não obstante, dir-se-ia com mais acerto: — "É uma expiação!" Prova e expiação diferem substancialmente. Toda expiação é uma prova, na qual o espírito pode se eximir ou se complicar ainda mais, em seus débitos, mas a prova, em si, não é uma expiação. Tentemos ser mais claros: se existe carma, é expiação; se não existe, é prova.

— Odilon - aparteei -, mas quem estará isento de carma?

— Teoricamente, o espírito que não se compromete...

— Teoricamente, no entanto, na prática...?

— ...na prática, Doutor, compete-nos evitar a formação de novos carmas. Isto, podemos fazer, principalmente agora que o conhecimento espírita tem nos ampliado os horizontes da consciência, pois, até então...

— ...tem sido carma sobre carma, ou seja, carma demais para um espírito só, não é? Não temos feito para pagar os juros da dívida... A nossa situação espiritual é a de tentar dar o "calote"!...

O Instrutor sorriu e continuou:

— Se em nada mais nos beneficiasse, o Espiritismo, em nos tornando despertos para a realidade de que somos construtores do próprio destino, já teria cumprido a sua missão junto a nós, os que lhe abraçamos os

Espíritos e Deuses

postulados. A velocidade com que nos equivocávamos vem diminuindo, se desacelerando, possibilitando-nos ensejo, através da ação consciente e enobrecedora, de nova semeadura para o porvir.

— O Espiritismo, de fato, é uma luz que nos guia para fora do labirinto cármico! Mesmo que a gente não consiga parar de errar de vez, só de errar menos e acertar mais...

— Como o senhor colocou, vamos criando "caixa" para amortizar os juros e quitar parcela do montante principal da dívida, sem necessidade de pensar em "calote"...

— Gostei do "vamos criando caixa"!...

— E tem espírita, Inácio - observou Modesta -, que acha que trabalha demais... Você se lembra quando convidávamos alguém para uma tarefa extra no Sanatório?

— Se me lembro! Certa vez, um voluntário chegou a dizer a mim que não era meu empregado, só porque eu havia pedido a ele que, se possível, não se atrasasse para o banho nos doentes, que precisavam jantar um pouco mais cedo por conta da medicação da noite.

— Você ficou calado, não é? - provocou-me a companheira.

— Eu?... Até que fiquei, só respondendo que, se fosse meu empregado, em vez de receber, ele teria que me pagar um bom salário todo mês!

— Com certeza, nunca mais pisou lá...

— Achei que não voltaria, mas você não há de ver, Modesta, que ele nunca mais se atrasou! Ficamos os dois envergonhados e, de simples voluntário, passou a coordenar o banho nos pacientes da ala masculina. Um dia, depois de muito tempo do entrevero, ele me perguntou: — "Dr. Inácio, quanto lhe devo?" Respondi: — "O mesmo que lhe devo, meu irmão!..." Havíamos, os dois, aprendido muito um com o outro: ele foi humilde antes e eu fui humilde depois.

— É, Inácio, tratou-se de um caso com final feliz, mas, em geral...

— ...em geral, os espíritas são metidos a besta!

— Este é o Inácio que eu conheço! - brincou Modesta, arrancando sorrisos de Odilon e Paulino.

— Somos metidos a besta! - tratei logo de me corrigir e justificar. — Estou aprendendo, Odilon. Lentamente, mas estou...

— Mas, neste aspecto, o senhor tem razão.

— Da besta?...

— Não - apressou-se o Instrutor -, refiro-me ao aspecto de nossa ignorância e rebeldia, ante a necessidade de sermos mais úteis - de, espontaneamente, procurarmos ser mais úteis, fazendo pela Doutrina um pouco do muito que ela nos tem proporcionado. Ocuparmos o tempo ocioso é uma bênção sem precedentes históricos em nossa jornada evolutiva, desde quando,

Espíritos e Deuses

aproximadamente há 40.000 anos, conquistamos a lãurea da razão. Eis o que o Espiritismo tem feito por nós, dando sentido às nossas vidas!

— Quando penso nos milhões e milhões de anos que permanecemos à mercê das circunstâncias, encarnando e desencarnando, sem sequer nos darmos conta do fenômeno... Não estou, é claro, levando em consideração os estágios da mônada nos reinos inferiores, que, para mim, remontam ao princípio das coisas.

— Ao princípio das coisas, Doutor? - perguntou Paulino, admirado e curioso.

— Para a minha compreensão, sim. Eu não consigo conceber Deus criando sem cessar. Para mim, tudo já está aí, desde os primórdios da Criação. É um tema no entanto, reconhecido, controvertido. Admito que as coisas estejam sendo *aperfeiçoadas*, ou melhor, se revelando aos olhos da criatura, como são e sempre haverão de ser.

— Doutor - convidou o Mentor -, voltemos ao enfoque anterior, sem dúvida de interesse mais prático e imediato para nós: a questão do melhor aproveitamento do tempo, com a finalidade de gerarmos efeitos positivos para as nossas futuras incursões no corpo de carne.

— Isso é fundamental! - concordou Modesta. — O resto é especulação de natureza filosófica, suscetível de infundáveis polêmicas.

— Resumindo - falei: trabalhar no bem, aguen-

Carlos A. Baccelli / Inácio Ferreira

tando as consequências do passado! Tem carma que ainda está para chegar, não é?

— Tem, Doutor; infelizmente, o bumerangue foi lançado...

— Está por aí, dando a volta sobre si mesmo, rodopiando, para, em retornando ao ponto de origem, nos atingir a moleira...

Carma de efeito retardado! - defini, ansioso por ouvir Odilon.

— Sim, temos carma de efeito imediato e carma de efeito retardado.

— Um exemplo de carma imediato?

— Quem esmurra a parede quebra a mão! Quem avança o sinal vermelho provoca colisão...

— Quem se atira na água, sem saber nadar?...

— Ações de implicação mais complexa são de ordem moral; o carma de efeito imediato é de natureza mais física... Quando ocorre um crime, o carma de efeito imediato é a prisão, o cerceamento da liberdade - as consequências morais chegarão gradativamente: o remorso e a reparação da falta cometida.

— No caso do suicídio...?

— ...o efeito imediato é a desencarnação; o carma de efeito retardado é a expiação dolorosa, não raro, envolvendo múltiplas existências...

- Quer dizer, Odilon...?
- ...que precisamos trabalhar, porque não sabemos que tipo de ação cometida por nós se encontra reverberando por aí!
- Ainda tem essa?...
- Essa, Doutor, e outras tantas, das quais, felizmente, não nos lembramos.
- Significa que o trabalho no bem, simbolizando os nossos esforços de espiritualização, tem dupla finalidade?
- Tripla finalidade!
- ?!...
- Anularmos as consequências presentes de atitudes do pretérito, atitudes negativas, é óbvio, amenizarmos a força de impacto das ações desencadeadas que se encontram a caminho e gerarmos causas positivas para o futuro.
- Perdoe-me incomodá-lo tanto com o meu questionamento ingênuo: por que o carma de efeito retardado? Se o homem experimentasse, de imediato, o que faz outro sofrer...
- ...sem anestesia e os devidos cuidados para uma intervenção cirúrgica, podemos até, numa emergência, lancetar uma coleção purulenta, mas não podemos efetuar a extirpação de tumor maligno que se encontra enraizado. Sem o concurso da Misericórdia, a Justiça Divina não cumpriria com o seu objetivo pedagógico de reeducar; a Lei não quer a morte do pecador, mas,

Espíritos e Deuses

sim, a do pecado... Quem haveria de suportar o peso de suas culpas, caso elas se lhe precipitassem de improviso sobre o espírito?

— O assunto, de fato, transcende a análise superficial com que comumente é apreciado.

— O sentenciado a 30 anos de prisão sobreviveria às agruras da sentença que devessem se lhe resumir em um único dia? E, depois, o mal não carece, necessariamente, ser resgatado pelo mal - se assim fosse, Deus não seria a Fonte do Supremo Bem!

— Posso, então, tendo feito o mal a alguém, ao tomar consciência de meu erro, repará-lo, sem que me seja indispensável passar pelo mesmo tipo de sofrimento que lhe impus?

— Ninguém conseguirá evitar as consequências morais do erro cometido, que lhe servirão de estímulo e inspiração à corrigenda, mas, por exemplo, por ter matado, ninguém precisará morrer nas mesmas circunstâncias, vítima de quem, outrora, se tenha feito algoz. O débito que, individualmente, adquirimos, pesa sobre a coletividade...

— O que fazemos a alguém, fazemos à Humanidade inteira!

— Correto!

— E se, por exemplo - questioneei, interessado em extrair o máximo do Orientador -, opto por não agir? Como é que fica a questão do carma, palavra que significa *ação*? Se escolho não agir?...

— É aí, Doutor, que muitos se enganam, principalmente alguns adeptos do Hinduísmo, do Jainismo e outras vertentes da filosofia oriental. Escolher não agir já é uma escolha. A rigor, não há quem consiga se manter absolutamente neutro. E, como estamos nos preparando para uma excursão de aprendizado à Índia, com o intuito de observarmos o universo bramânico, recorramos às páginas do "Bhagavad Gita".

— A "Sublime Canção", o livro milenar que inspirou o Mahatma Gandhi e milhares de outros místicos em todo o mundo, obra que, segundo Huberto Rohden, perfila ao lado do "Tao Te King" e de "O Evangelho do Cristo"; segundo ele, um de seus tradutores, "a Humanidade possui três livros, pequenos em volume, grandes em conteúdo, que são a síntese de toda a sabedoria dos séculos e milênios"...

— Concitando Arjuna à batalha, Krishna, o homem cósmico, lhe diz: "Ninguém pode existir um só momento sem agir; a própria natureza o compele a agir, mesmo sem querer; pensar também é agir, no mundo mental. Quem é externamente inativo, mas cede a desejos internos, este se ilude a si mesmo. Mas aquele que, pelo poder do espírito, alcançou perfeito domínio sobre seus sentidos e realiza todos os atos externos, ficando internamente desapegado deles - tal homem possui sabedoria. Cumpre, pois, o teu dever consoante a lei! Atividade é melhor que inatividade! Até a conservação do teu corpo exige ação; nem há santidade sem ação."

Espíritos e Deuses

— É a chamada *yoga* da ação!

— *Yoga*, ao contrário do que se encontra popularmente difundido, não se circunscreve à prática da meditação contemplativa, não se limita a exercícios respiratórios e físicos ritmados. Em sua mais alta expressão, *yoga* é uma atitude ativa, jamais passiva. O "Bhagavad" nos fala: "Na prática da *yoga*, nenhuma atividade redundante em perda, nem é possível uma aberração, nesse caminho; qualquer progresso, na *yoga*, por menor que seja, liberta o homem da ominosa rotina de nascer e morrer (*sansara*)".

— O Espiritismo é uma doutrina de ação, de trabalho, de corresponsabilidade... Com outras palavras, o que Krishna disse a Arjuna, o aprendiz, os Espíritos Superiores disseram a Kardec. "O Livro dos Espíritos" contém, acessível a todo e qualquer entendimento, a mais alta filosofia. É uma síntese do que nos ensinou Krishna, Lao Tsé e Jesus! Inclusive, pedagogicamente, logo após a "Lei de Adoração", o Codificador inseriu em suas páginas, no capítulo III das Leis Morais, a "Lei do Trabalho"...

— Destaquemos, Doutor, alguns tópicos: "O trabalho é uma lei da natureza e por isso mesmo é uma necessidade"; "Toda ocupação útil é um trabalho"; "Sem o trabalho, o homem permaneceria na infância intelectual; (...) Ao que é de físico franzino, Deus concedeu a inteligência para o compensar, mas há sempre trabalho; "A natureza do trabalho é relativa à natureza das neces-

sidades; quanto menos necessidades materiais, menos material é o trabalho. (...) a ociosidade seria um suplício, em vez de ser um benefício".

— Quanta sabedoria, Odilon!

— Citemos, ainda, o "Bhagavad": "Homens sem sabedoria deliciam-se na análise da simples letra dos Vedas, declarando que nada há para além do texto. Os que estão cheios de desejos egoístas consideram o Céu como meta final, louvando excessivamente complicados rituais e cerimônias multiformes, com o fim de conseguirem poder e prazer em encarnações futuras".

— Permita-me o destaque - solicitei: "...louvando excessivamente complicados rituais e cerimônias multiformes, com o fim de conseguirem poder e prazer em encarnações futuras"... Que coisa! E isso até hoje, não?

— Na Terra e no Além, Doutor, entre os *vivos* e os *mortos*, o que teremos oportunidade de constatar. A crença na Reencarnação, só por si, não leva o espírito a lugar algum!...

— Sem o Evangelho, estaremos perdidos!

Modesta e Paulino, que haviam permanecido em silêncio, manifestaram-se um após o outro, exclamando:

— O Espiritismo é a Verdade que liberta!

— Como o conhecimento espírita nos amplia os horizontes da compreensão de nós mesmos e da Vida!

— O negócio - falei -, convenço-me cada vez mais, é trabalhar...

Espíritos e Deuses

— E trabalhar sem apego ao resultado do trabalho - emendou o Instrutor. — Krishna adverte Arjuna: "...realiza o teu trabalho, para que aconteça o que deve acontecer, mas age sem apego nem interesse".

— É o que nos ensina Jesus: "Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens, para serem vistas, pois, do contrário, não receberéis recompensa de nosso Pai que está nos Céus"! A medida que nos aprofundamos no conhecimento da Doutrina, vamos nos sentindo despojados...

— Não dos bens materiais, não é, Inácio, dos quais igualmente ela nos ensina a abrir mão?...

— Dos bens materiais, Modesta, até que, para quem pouco ou quase nada tem, não é nada; a Doutrina vai nos despindo das ilusões e nos deixando completamente nus...

Paulino gargalhou.

— "Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré" - entoei, lembrando antiga canção infantil, de nosso folclore, que as meninas do Lar Espírita costumavam cantar para mim, em suas brincadeiras de roda.

— Ricos, Doutor, somos infinitamente ricos de luz! - redarguiu Odilon com o seu habitual otimismo.

— De fato - concordei -, o Espiritismo em nós é luz nas trevas! Somos escuridão pura ou pura escuridão - fica a critério dos senhores, a penumbrosa colocação mais adequada. É óbvio que, diante de tanta *fartura*, não vamos brigar por um pouco mais ou um pouco menos de treva!...

Antes de encetarmos jornada em direção à Índia, um dos berços da civilização, país que sempre me cativou pelo seu misticismo, eu, Modesta e Paulino, sob a segura orientação de Odilon, nos pusemos a rememorar algo sobre a sua milenar cultura filosófica.

— O Hinduísmo - esclareceu o Mentor, em conversa informal que acompanhamos com grande interesse - derivou-se do Brahmaísmo; Brahman é o supremo princípio do Universo, a partir de cuja essência tudo que existe foi criado - é "a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas"...

— Como o Espiritismo conceitua Deus, não é?

— Do ponto de vista filosófico, é inegável que, entre a Doutrina e o Hinduísmo, Doutor, há vários pontos de contato, com destaque para a Reencarnação e a Lei do Carma.

— Aliás, Odilon, não pretendendo interrompê-lo,

Espíritos e Deuses

de certa maneira, o Espiritismo está presente nas principais religiões, que, por assim dizer, se alicerçam em muitos de seus postulados.

— Inclusive na Mediunidade; quase todas as religiões tradicionais, senão todas, são de origem mediúnica... O Zoroastrismo, por exemplo. Zoroastro, à feição de Moisés, entabulava diálogo com Ahura-Mazda, o senhor da luz; antes, idólatra, o povo persa adorava as mais bizarras divindades, mas, mesmo assim, no politeísmo, subsistia a crença nos espíritos, nos diversos espíritos, "deidades em comum com os hindus da idade védica". O "Avesta", ou "Zeud-Avesta", é um livro de natureza mediúnica! Zoroastro, também chamado Zaratustra, o recebeu sob a inspiração do Espírito...

— Como Moisés, recebendo o Decálogo no Monte Sinai...

— Não apenas o Decálogo, que, de fato, foi produto do fenômeno que Kardec chamou de *escrita direta*...

— Ou de "psicografia na pedra", conforme tive oportunidade de ouvir Chico Xavier mencionar no programa "Pinga-Fogo", ao qual compareceu por duas vezes com enorme sucesso, na extinta TV Tupi, em São Paulo.

— Os cinco livros básicos do Judaísmo, o Pentateuco Hebreu, foram escritos por Moisés, com a participação direta de 70 anciãos - 70 médiuns, segundo se pode ler em Êxodo, capítulo 24, versículos 2 e 3: "Disse também Deus a Moisés: Sobe ao Senhor, tu e Aarão, e

Nadabe, de Abiu, e setenta dos anciãos de Israel; e adorai de longe. (...) Veio, pois, Moisés e referiu ao povo todas as palavras do Senhor e todos os estatutos..."

— A título de melhor fixação, permita-me nomeá-los - solicitei: "Gênesis", "Êxodo", "Levítico", "Números" e "Deuteronômio"... Em "Deuteronômio", capítulo 18, versículos 10 e 11, é que está colocada a controvertida questão da suposta proibição da evocação dos mortos: "Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem neciomante, nem mágico, nem quem consulte os mortos..." Ora, Moisés não cometia o contrassenso de proibir uma prática inexistente! Os homens sempre estiveram em contato com os espíritos, e vice-versa - mais "vice-versa" do que "versa-vice", não é?

— Seria fastidioso enumerar todos os fenômenos mediúnicos constantes no Antigo e Novo Testamentos - a Bíblia é um livro de Mediunidade!

— No primeiro livro de Samuel, está escrito - em minhas polêmicas com os padres, através da imprensa, eu sempre recorria a este tópico -, capítulo 9, versículo 9 e seguintes: "(Antigamente em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia: Vinde, vamos ter com o vidente; porque ao profeta de hoje, antigamente se chamava *vidente*.) "

— Samuel era o profeta, ou seja, o médium, que o Rei Saul fora procurar. Mais tarde, estando Samuel já

Espíritos e Deuses

morto, segundo se pode ler no capítulo 28, o Rei Saul torna a procurá-lo...

— Vejamos como são as coisas: Saul havia desterrado os médiuns e os adivinhos, e se sente compelido a recorrer aos préstimos da pitonisa de En-Dor! "Então disse Saul aos seus servos: Apontai-me uma mulher que seja médium, para que me encontre com ela e a consulte".

— "Fazei-me subir a Samuel" - capítulo 28, versículo 11 - solicitou o rei à sensitiva temerosa.

— A perseguição aos médiuns é de longuíssima data!

— Convém esclarecer, Doutor - pontificou Odilon com propriedade -, que a palavra "médium", originada do grego, não existia à época e, portanto, não poderia constar na Bíblia; foi Allan Kardec que a retomou e popularizou...

— Falando nos gregos, a filosofia socrática...

— ...pode, igualmente, ser considerada de origem mediúnica. Estando com a pitonisa, em Delfos, no templo consagrado ao Deus Apolo, Sócrates se inspirou no "Conhece-te a ti mesmo"; inclusive, dizem os historiadores, que, sem conhecê-lo, a pitonisa o saudou em meio à multidão como o mais sábio dos homens...

— A médium, ou seja, a pitonisa, que se acomodou sobre um tripé de bronze, caía em transe e atendia aos consulentes que, por sua boca, imaginavam ouvir as instruções do Deus Apolo!

— Sócrates dizia: "Os demônios ocupam o espaço que separa o Céu da Terra; constituem o laço que une o grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com os homens (**permi-tam-me grifar**), é por intermédio dos demônios que os deuses entram em comércio e se entretém com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono".

— Está mais do que claro: os espíritos se entretinham com os homens, no caso, com os gregos, "quer durante a vigília, quer durante o sono"!... Kardec, na introdução de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", explica que "a palavra *daimon*, da qual fizeram o termo *demônio*, não era, na antiguidade, tomada a má parte, como nos tempos modernos. Não designava, exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos Superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens:

— Falando de Mediunidade e da origem transcendente das religiões, convém, Odilon, que algo lembremos sobre o Islamismo.

— Sem dúvida. É público e notório que Maomé, o grande profeta do Islã, era portador de diversas faculdades mediúnicas.

— O "Alcorão" é também um livro mediúnico!

— Pode, perfeitamente, ser assim considerado, já que a sua essência foi ditada pelo anjo Gabriel a Ma-

Espíritos e Deuses

omé, quando este se recolhia a uma das cavernas do Monte de Hira, para meditar.

— Ele não sabia escrever...

— Não, mas, em estado de transe, ditava o rudimento do livro sagrado dos muçulmanos a um secretário. É evidente que, em todos os casos de mediunidade, há de se levar em conta a questão da filtragem; o espírito, de certo modo, está sempre sujeito às influências culturais e psicológicas do medianoiro, às suas predisposições, ideias preconcebidas...

— É porque fica difícil admitir que um anjo, no caso Gabriel, que pode ser o mesmo que anunciou à Maria de Nazaré o nascimento de Jesus, preconizasse a "guerra santa", oriunda do exacerbado fanatismo religioso.

— E o Budismo, Dr. Odilon? - perguntou agora Paulino. Pode ser considerado uma religião mediúnica?

— Paulino - respondeu o Mentor -, os budistas preferem não usar o termo "religião" para as concepções filosóficas em torno da Vida. "A palavra *Buda* - escreveu um historiador -, com a significação de "Iluminado", figura entre os muitos títulos dados ao Mestre, cujo nome pessoal era *Sidarta*, e cujo nome de clã era *Gautana*. Também foi chamado *Shakya-Muni*, ou o "Sábio dos Shakyas", e *Tathagata*, "Um Que Conseguiu a Verdade". O seu nascimento e a sua vida estão repletos de fenômenos espirituais, que, sem dúvida, podemos rotular de mediúnicos, embora, ostensivamente,

os adeptos do Budismo não se digam médiuns, em que pese ao contato que mantêm com os ancestrais desencarnados.

— Os biógrafos de Buda - aparteei - registraram que, durante o seu nascimento, "uma grande luz apareceu no céu; os surdos ouviram; os mudos falaram; os paralíticos se levantaram; os deuses se debruçaram nos céus para contemplá-lo; e de longe vieram saudá-lo os reis" ...

— Assemelha-se à descrição do nascimento de Jesus - observou Paulino.

— Simbolizando - tornou Odilon - a integração do Céu com a Terra, do espiritual com o material, dos espíritos com os homens... Ainda vejamos: à semelhança do episódio da tentação de Jesus, Mara, o Príncipe do Mal, apareceu à Buda e tentou-o com o oferecimento de grandes impérios.

— Ao que estou informado - ponderei -, os budistas não cultivam o contato sistemático com as personalidades desencarnadas, porque consideram que os que não lograram atingir o Nirvana devem reencarnar de imediato ou quase de imediato. Li, certa vez, algo um tanto confuso para os neófitos: Buda "não acredita na alma". Nenhum Deus, nenhum paraíso, nenhuma alma" ...

— Não acredita na alma? - questionou Paulino, um tanto surpreso. — Não se trata de uma doutrina espiritualista?

Espíritos e Deuses

— Pelas palavras de Osho, um de seus mais eminentes discípulos contemporâneos, creio que já desencarnado, Buda dizia que "vivemos num oceano de consciência, somos uma só consciência, iludidos pelas fronteiras do corpo..."

— Complicado!

— Nem tanto, Paulino - elucidou o Instrutor -; é uma questão de interpretação... A essência da Verdade é a mesma em todas as crenças. Temos dificuldade em nos imaginar sem sermos criaturas individualizadas, sem as características que nos constituem o "ego"... O que quis Jesus dizer quando afirmou: "Eu e o Pai somos um"? Um dia, chegaremos lá...

— Daqui a uma eternidade e meia, é o que você quer dizer, não é, Odilon?

Paulino e Modesta sorriram com descontração.

Doutor - abordou-me Odilon - onde está o desenho concebido pelo senhor, representando o universo das principais correntes filosóficas e religiosas da Humanidade - o Universo em forma de cilindro, com outros cilindros menores?

— Você se refere àquela "preciosidade", não é? - respondi, abrindo uma gaveta da escrivaninha, retirando a singela folha de papel com os meus rabiscos. — Aqui está!

— O universo católico, o muçulmano, o judeu, o *bíblico*, o budista e o hinduísta ou bramânico...

— Inácio, eu não conhecia os seus dotes de desenhista - gracejou Modesta. — Um pintor modernista!

— Tudo, menos um pintor modernista - redargui -; eu nunca entendi nada daquela abstração... Uma tela de um deles - com todo o respeito - dependurada na parede, de cabeça para cima ou para baixo, para mim, não

Espíritos e Deuses

faz a menor diferença! Sou, reconheço, completamente leigo... Prefiro quadros retratando a Natureza, morta ou viva!

— Falemos um pouco sobre o Hinduísmo - disse Odilon -, que, filosoficamente, como quase todas as crenças religiosas, se antecedeu pela Mitologia; o panteão védico chegou a ter um número maior de divindades que o grego...

— Mais deuses do que homens...

— Quase, Doutor!

— Houve época - ironizei - em que a Igreja Católica entrou na competição, canonizando por atacado; o objetivo de um santo para cada dia do ano foi logo alcançado... O Céu ficou pequeno.

Sem se importar com os meus comentários, Odilon explicou.

— O Hinduísmo surgiu por volta de 1100 a.C. No final do século IV a.C, a população da Índia atingira a marca dos 100 milhões de habitantes. Imaginemos, numa população assim, o misticismo proliferando. Além do mais, o país foi dominado, sucessivamente, pelos gregos, pelos árabes e pelos britânicos, raças brancas, negras e amarelas, constituídas por nômades, comerciantes e guerreiros. Escreveu um estudioso que "havia sociedades grandes e requintadas, com poetas e trovadores, e havia pequenos clãs de comedores de raízes ainda primitivos. Graças ao Hinduísmo, a Índia achou lugar para todos.

— Como esses povos conseguiam transpor a fortaleza de pedra do Himalaia! - comentou Paulino, evidenciando os seus conhecimentos em Geografia.

— Do Himalaia e da cadeia de montanhas do Hindu Cuxe, que constituíam e constituem uma grande muralha de 250 quilômetros de largura, 3.500 quilômetros de comprimento e - pasmem - 7.500 metros de altura! Mas, para compreendermos melhor, falemos sobre os principais deuses cultivados pelo povo.

Tomando de uma caneta, Odilon esboçou significativo gráfico numa lauda de papel em branco.

— Cuidado para não concorrer com a minha obra de arte...

— Não concorrerei, Doutor. Os árias, que eram pastores nômades, compuseram os *Vedas*, formados por quatro grandes livros: o *Rig-veda*, o *Sama-veda*, o *Yajur-veda*, o *Atherva-veda*; é o período denominado "Índia Védica", que data, aproximadamente, de 2500 a 1500 a.C. Existem, é claro, controvérsias quanto à referida data.

— Dr. Odilon, a palavra "Veda"?...

— Significa ciência, conhecimento. Os hindus acreditam que os "Vedas" tenham sido escritos pelo Deus Brahma - alguns grafam *Brahman* - em folhas de ouro... Os Upanishads - há quem prefira escrever Upanichades, não importa - é um dos textos mais preciosos dos "Vedas", reunindo o pensamento dos filósofos, incluindo, é óbvio, a Reencarnação, a Lei do Carma, etc.

Espíritos e Deuses

— O que significa *Upanishads*? - interpelou Paulino, traduzindo a sua natural curiosidade de aprendiz.

— "Sentar perto" do mestre; os eruditos o consideram "o mais velho documento filosófico e psicológico da espécie humana"... Aborda as transcendentais questões: "Donde viemos, onde vivemos, para onde vamos?" Apenas com o propósito de ilustrar os nossos estudos, permita-me a citação de um texto de suas páginas: "Senhor, neste malcheiroso corpo, que é um conglomerado de ossos, pele, músculos, medula, carne, sêmen, sangue, muco, lágrimas, catarro, fezes, urina, respiração, biles e fleuma, que bem há no gozo do desejo?"

— Meu Deus, a quem será que se refere?...

— "Neste corpo aflito de desejo, - prosseguiu Odilon, diante da classe estarecida (confesso-lhes que me vi encolhidinho na carteira...) - cólera, cobiça, ilusão, medo, desânimo, inveja, separação do desejável, união com o indesejável, mágoas e o resto, de que vale o gozo dos desejos?"

— Isto, definitivamente, não é comigo - aparteei, erguendo a mão.

— "E nós vemos que o mundo inteiro se corrompe como esses mosquitos, essas varejas, esses capins e essas árvores que crescem e perecem... Entre outras coisas há o secamento dos grandes oceanos, o desmoronar dos picos das montanhas, o desvio da estrela polar... a submersão da terra... Neste ciclo de existência, de que

vale o gozo do desejo, se depois que o homem o sacia o vê retomar?"

— Depois disso, não desejo mais um picolé! Meu Deus, os Upanishads nos reduziam a pó! O mestre punha a gente sentado perto dele e escrachava...

— Inácio! - procurou Modesta conter-me em meus exageros.

— Bem, continuemos. Simplificando: como em toda mitologia, os mais antigos deuses hindus eram as forças ou elementos da natureza - o céu, o Sol, a Terra, o fogo, o vento, a água e o sexo. "...o céu, por exemplo, se tornou um pai, Varuna - escreveu Odilon; a terra, tornou-se mãe, Prithivi; os vegetais constituíam o fruto da união da terra com o céu através da chuva. A chuva era o deus Parjanya; o fogo era Agni; o vento, Vayn; a tempestade, Índia; a peste,...

— Até a peste era deus? - questionei, provocativo.

— "...Rudra; a aurora, Ushas, o sulco do campo, Sita; o Sol, Surya, Mitra ou Vixnu", e vai por aí fora.

— Garanto que isto era obra dos sacerdotes!

— De certa forma, sim, Doutor.

— Eu sabia que tinha padre metido no meio disto...

— Os brâmanes, inimigos de Buda...

— ...que procurou acabar com o comércio dos fariseus hindus e fechar-lhes os templos, não é?

— Os brâmanes, Doutor - deixe-me dar-lhe uma "colher de chá", ou melhor, uma colherinha... -, cobra-

Espíritos e Deuses

vam caro a ajuda aos fiéis para a realização de certos sacrifícios litúrgicos...

— Safados!

— Inácio - insinuou Modesta talvez, quem sabe, por um incidente reencarnatório, você...

— ...tenha sido um deles! Neste caso, estou xingando a mim mesmo...

— Os brâmanes - prosseguiu Odilon -, "se não viam o dinheiro na mão, recusavam-se a recitar as necessárias fórmulas; tinham de ser pagos antes dos deuses"...

— Antes dos deuses?!

— "Havia regras estabelecidas por eles quanto à remuneração de cada serviço - quantos cavalos ou vacas ou quanto ouro; o ouro era substância mais adequada a comover o sacerdote ou o deus. Os *Brahmanas*, escritos pelos brâmanes, instruíram os sacerdotes quanto aos meios de inverter as orações e sacrifícios sem o devido pagamento." Convém que paremos por aqui...

— Fale-nos um pouco dos *Chawakas*, os materialistas hindus - solicitei. — Parece incrível que, em meio a tanto misticismo e religiosidade...

— O senhor conhece a história tanto quanto eu. Os *Chawakas*, digamos, foi um fenômeno de reação ao excesso de superstição e fanatismo e à exploração dos brâmanes... Pregavam o que pregam os materialistas modernos: "Todos os fenômenos são naturais; só os ingênuos os relacionam a deuses e demônios. A matéria é

a única realidade; o corpo, uma combinação de átomos; o espírito, mera matéria pensante; o corpo, não a alma, sente, vê, ouve, pensa. Quem já viu a alma separada do corpo?" Combatiam a imortalidade, a Reencarnação, afirmando que "a religião é uma monstruosidade, uma doença ou uma patifaria..."

— Interessante como a evolução, inclusive a do pensamento, se faz através de ciclos, ou fases oscilatórias.

— É justamente o que eu estava imaginando, Doutor - comentou Paulino.

— A religiosidade excessiva, fé destituída de razão, seguiu-se uma onda de materialismo...

— O que, por sua vez - pontificou o Mentor -, deu origem ao aparecimento do Jainismo e do Budismo.

— Sinceramente, nunca ouvi nada sobre o Jainismo - disse o interessado pupilo de Odilon, que, de pronto, sumariou:

— Apareceu em torno do século VI a.C. Um jovem, cujo nome se desconhece, passou a ser chamado por *Mahavira* pelos seus discípulos - o termo significa *Grande Herói*. Aos 31 anos, renunciou a tudo, à vida mundana, e, semelhante a Francisco de Assis, "despiu-se de todas as roupas e perdeu-se nos ermos de Beny-la"...

— Basicamente, o que pregava?

— Ele e os *jains*, seus seguidores, se obrigavam a cinco votos: não matar coisa nenhuma, não mentir,

Espíritos e Deuses

não tomar o alheio, guardar a castidade, renunciar aos prazeres mundanos.

— Teria sido Francisco de Assis a reencarnação de *Mahavira*? - indagou Paulino.

— Quem sabe? É perfeitamente possível. "O bom jain refugava o mel porque é ele a vida das abelhas; filtrava a água para separar dela qualquer vidinha que contivesse; velava a boca, de medo de aspirar e matar organismos impalpáveis que boiassem no ar; resguardava a luz das lâmpadas para que nela não morressem mariposas; antes de dar um passo, varria o chão para não pisar alguma vidinha incauta. O Jain nunca matava ou sacrificava um animal; e, se era extremado, estabelecia hospitais ou asilos (...) para os animais velhos cansados ou doentes".

Finalmente, partimos. Não, não nos utilizamos da faculdade de voitar, mesmo porque haveríamos de atravessar regiões desconhecidas, adentrando espaços espirituais aos quais não poderíamos ter acesso sem prévio consentimento dos que lhes guardavam as fronteiras. Os nossos irmãos encarnados se enganam, imaginando que, fora do corpo, o espírito possa ir aonde quer... Para o espírito completamente liberto das injunções da matéria, não existem alfândegas no Além, no entanto este não era o nosso caso - pelo menos, não o meu.

Fomos transportados por uma aeronave, parecida com um helicóptero, que deslizava com extrema facilidade tanto na horizontal quanto na vertical - uma aeronave silenciosa que, sobrevoando o Himalaia, nos permitiu a visão extraordinária de seus picos cobertos pela neve, num espetáculo grandioso de cores provocado pela incidência dos raios do Sol a prumo.

Espíritos e Deuses

Não nos demoramos a avistar o Ganges, o centro espiritual da Índia, serpenteando em silêncio por entre cadeias de montanhas e imensas planícies, banhando inúmeras cidades e vilarejos. O Rio Ganges está para a Índia como o Nilo está para o Egito, o Amarelo para a China, o Amazonas para o Brasil... Campos de arroz e trigo o margeavam por quilômetros e quilômetros e, à medida que a aeronave descia, percebemos que centenas de locais sagrados o pontilhavam em sua trajetória. Sagrado para os hindus, considera-se que um banho em suas águas lava todos os pecados terrestres... Ah - pensei -, se eu tiver a oportunidade de um mergulho, sem mais receio que um crocodilo me abocanhe!

Convém esclarecer aos nossos leitores que, por sugestão de Odilon, havíamos adensado os corpos espirituais, a fim de que os sentidos físicos melhor registrassem a paisagem terrestre que se desdobrava aos nossos olhos.

O veículo que realizava o nosso transporte pousou e passamos a caminhar às margens do rio caudaloso, que, visto mais de perto, se apresentava com as águas um tanto turvas, devido, talvez, à estação das chuvas. Inúmeros devotos hindus, homens e mulheres - alguns turistas do Ocidente -, faziam oferendas às divindades, flores e alimentos, mergulhados quase até à cintura, permanecendo imóveis em atitude de adoração.

— É assim desde séculos e séculos - esclareceu Odilon, respeitoso. — Os hindus, em maioria, continu-

am a crer na influência dos deuses, como também na dos espíritos inferiores, em suas vidas; o país é uma potência emergente, todavia, em matéria de crença religiosa, vive das tradições do passado... É claro que existem exceções. Cientistas e pensadores modernos vêm tentando acordar os espíritos que, todavia, ainda se prendem a rituais, incapazes de se libertarem do círculo vicioso em que a reencarnação se transformou para muitos deles. Na Índia, temos hoje, num só país, dois países diferentes: um que, praticamente, parou no tempo, e outro, que procura assimilar o progresso.

Homens seminus, com os corpos cobertos de cinza e pintados, e mulheres com as suas roupas típicas - sáris - entravam e saíam das águas, em movimentos quase ritmados, como se, em verdade, o Ganges lhes fosse um grande templo!

— Que fumaça é esta? - interrogou Paulino. — Um cheiro estranho, de carne queimada...

— Corpos que estão sendo cremados - explicou o Mentor -; nas proximidades do rio, os mortos são queimados em improvisados fornos crematórios.

Como estávamos nas proximidades de Benares, cidade sagrada para os budistas, decidimos percorrê-la, nos deparando com diversas estátuas consagradas a Buda, verdadeiras obras de arte.

— Incrível - observou Modesta -, do ponto de vista religioso, a Índia é um país cosmopolita: estátuas

Espíritos e Deuses

e templos budistas, inúmeras mesquitas, igrejas católicas...

— Por que - perguntou Paulino - Buda está sempre de túnica amarela?

— Para os seus seguidores - respondeu Odilon-, o amarelo representa a morte, o pôr-do-sol, o entardecer... Em suas pregações, Buda enfatizava a morte; sempre que iniciava um novo *sániasin*, ele lhe recomendava: "Vá a um cemitério e fique ali, e fique observando as piras funerárias, os cadáveres sendo carregados e queimados... Fique observando. E fique se lembrando de que isso também vai lhe acontecer".

O trânsito estava um caos, igual ou pior ao de uma metrópole como São Paulo: carros velhos enguiçados, contrastando com automóveis importados, bicicletas, o povo a pé atravessando as ruas e os guardas tentando colocar ordem em tudo... Nisto, contemplando a belíssima arquitetura de uma mesquita, com elevado minarete a erguer-se de sua cúpula em forma de redoma, escutamos uma forte freada e os pneus de um carro cantando na rua larga: um pobre cão, assustado, com certeza, entre os ruídos de tantas buzinas, acabara de ser atropelado... O motorista desceu com as mãos à cabeça, se lamentando, ajoelhou-se ali mesmo diante do animal agonizante, pronunciou palavras em oração, chorou e... seguiu adiante.

— Para os hindus - comentou Odilon diante do inusitado - ou para os indianos, de modo geral, os ani-

mais são sagrados; os hindus, os budistas e os jains consideram importantes todas as formas de vida, pois as julgam encarnações de uma energia ou força vital. Segundo a mitologia, um exército de macacos teria, um dia, ajudado Rama a salvar sua mulher do demônio Ravana.

— Todavia, dentre as várias espécies, eles parecem ter uma predileção pela vaca, não é?

— É que Crisna, ou Críxena, criador do Universo, teria crescido entre o gado e os vaqueiros; de preferência a vaca, no entanto, os hindus reverenciam o touro, que associavam ao deus Xiva, ou Shiva... Os elefantes também são adorados; Ganesha, a divindade com cabeça de elefante, é considerado o Deus da Boa Sorte...

— Tem muita gente que coloca o enfeite de um elefante em casa, com a traseira virada para a porta de entrada - comentei, atinando, finalmente, com semelhante prática tão em voga no Brasil... — Que é para atrair a boa sorte, entendi, mas... por que tem que ser com a traseira voltada para a porta da sala? Sinceramente, eu não entendo como um povo que, desde milênios, acredita na Reencarnação...

— Não entende o quê, Doutor? - interrompeu-me Odilon, distraído, apontando a Modesta um outro belo templo que se erguia, com intensa movimentação de fiéis.

— Se são reencarnacionistas - argumentei -,

Espíritos e Deuses

como podem se fixar em tantas exterioridades, objetos de culto, rituais, formalidades?...

— É um assunto a ser estudado mais detalhadamente, por nós, os espíritas - redarguiu o Mentor. — Perguntemo-nos: A crença na Reencarnação tem surtido em nós os efeitos éticos esperados? De certo modo, não seremos convictos indiferentes, com maior agravamento da própria situação espiritual, porque, em nosso caso, ainda temos Jesus?!

Sem que pudéssemos levar o assunto adiante, Odi-lon, delicadamente, tomando Modesta pelo braço encaminhou-se ao templo defronte.

— É justamente constituído em consagração à Deusa-mãe!

— A Kali!... - exclamou a companheira.

— Kali é apenas um de seus muitos nomes: é também chamada de *Durga, Parvati, Uma...* De acordo com os textos védicos mais antigos, "era a Deusa, e não as divindades masculinas aparentemente dominantes do panteão védico, a verdadeira conhecedora do sagrado poder central oculto do Universo..."

— O Deus hindu é uma Deusa! - disse, em meu anseio de tudo sintetizar.

— "Ela é Brahmán, a força vital do Universo, que habita secretamente todas as coisas."

— Lembro-me - emendei - de um texto de Ramakrishna, desencarnado em 1886, que, certa vez, citei em uma de minhas conferências: "Kali, minha Divina

Mãe, é de pele negra? - porque o Deus Supremo dos hindus, além de ser mulher, é negra. Ela parece negra porque é vista de alguma distância; mas, quando conhecida intimamente, ela não é assim. (...) Prisão e liberação são obras suas. Através de sua *maya*, os habitantes do mundo se envolvem em "mulheres de ouro" e novamente, por sua graça, eles conseguem a liberação. Ela é chamada a Redentora e a Removedora do cativo que prende a pessoa ao mundo."

É evidente não ser nossa intenção escrever qualquer tratado sobre a mitologia hinduísta. Os irmãos leitores, no entanto, a título de pequeno acréscimo ao nosso trabalho, nos permitirão recorrer às palavras de Joseph Campbell, quando interrogado se, em vez de orarmos "Pai Nosso que estás no Céu...", não deveríamos dizer: "Mãe Nossa...?"

— "Tenho pensado, muitas vezes - respondeu -, que a mitologia é uma sublimação da imagem da mãe. Estamos falando da Mãe-Terra. No Egito, você tem a Mãe-Céu, a Deusa Nut, representada como sendo toda a esfera celeste. (...) a floração básica da civilização ocidental ocorreu nos grandes valores dos rios - o Nilo, o Tigre-Eufrates, o Indo, e mais tarde, o Ganges. Esse era o mundo da Deusa. O nome do Rio Ganges (Ganga), por exemplo, é o nome de uma deusa".

Já dentro do templo, deparamo-nos com dezenas de devotos em fila, tocando, cada um por sua vez, os pés da estátua da Deusa Kali, guardada por monges,

Espíritos e Deuses

numa atmosfera quase irrespirável de fumaça de incenso e cheiro de suor.

— Agora - exortou-nos o Instrutor -, atentemos para o cenário espiritual, paralelo ao que nos está sendo possível observar na Dimensão Física.

— Meu Deus - exclamei, assim que passei a reparar na Dimensão em que propriamente nos movimentávamos -, um templo dentro do outro!

— É aqui que começa a nossa observação do universo bramânico, que, naturalmente, se estende para o alto, como também ocupa considerável espaço nas entranhas da terra.

— As pessoas na Terra ignoram - elucidou Odilon - que Mundo Espiritual é uma denominação genérica e que habitamos num planeta, constituído de matéria tão consistente quanto a que os nossos irmãos encarnados pisam e aferem com os sentidos físicos. A Terra, à semelhança do menor corpúsculo existente, um grão de areia, por exemplo, possui o seu duplo...

— Quanta gente! - exclamou Paulino. — Quantos espíritos sustentando as mesmas convicções e participando dos mesmos rituais!... Chega a ser inacreditável.

— Paulino, não raro, as sociedades terrestres, as organizações religiosas e outras foram criadas com base nas reminiscências dos espíritos que retornam ao corpo de carne ou as inspiram aos que se encontram encarnados - a vida física é uma extensão da vida no Plano Espiritual, e vice-versa; dos Dois Lados, o homem exercita a sua capacidade criadora e carrega consigo a experiência que lhe diz respeito...

Espíritos e Deuses

— Quer dizer - perguntou Modesta -, que os Planos Espirituais mais próximos são igualmente suscetíveis de serem influenciados pelos hábitos e cultura dos que envergam a roupagem material?

— Para sintetizar: a Terra importa e exporta ideias?... Não é, Modesta, o que você deseja saber? - completei.

— Sim, em termos práticos, é isto.

— É evidente - respondeu o Mentor - que, neste sentido, mais *importa* do que *exporta*, ou seja, a Humanidade encarnada é mais influenciada do que influencia.

— Odilon, se subirmos?...

— Se *subirmos*, Doutor, pelo universo bramânico, explorando-o nas Dimensões acima, nos depararemos com uma hierarquia espiritual...

— Na prática? - questionei, ansiando por esclarecimentos mais específicos.

— Exatamente como está nos livros!

— Não!... Com representações espirituais de suas deidades? Difícil de acreditar e conceber... Você está querendo dizer que...

— Que as petições de nossos irmãos aos deuses de seu culto não ficam sem resposta! Há séculos e séculos, milhões e milhões de mentes pensando, plasmando... O pensamento é criador!

— Mas chegará a tanto? - insisti.

— Há tanto e muito mais.

— À Deusa Kali?...

— Doutor, quantas visões os nossos irmãos católicos têm tido, no mundo todo, das inúmeras formas com que a dita Nossa Senhora se lhes apresenta?

— Não sou versado no assunto, mas sei de algumas: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Medjugorie...

— No Hinduísmo, também encontramos a figura da Santíssima Trindade...

— Pai, Filho e Espírito Santo!

— Personificada em Brahman, Shiva e Vishnu, sendo que Crisna, ou Críxena, é uma das encarnações de Vishnu.

— Como Jesus, uma das encarnações do Cristo!

— Kali é a deusa-mãe...

— Nossa Senhora, Maria de Nazaré!

— Se, para os católicos, essas Entidades são reais, por que não haveriam de ser para os hindus?

— Um hindu médium vidente visualizaria a deusa Kali...

— Como ela está representada pela estátua à nossa frente, Doutor!

— Os espíritos, então, respondem pelo culto dos deuses? Espíritos respondiam quando, na Grécia antiga, os deuses do Olimpo eram evocados?

— Perfeitamente.

— As vezes, a aparição de um espírito é que inspirava aos homens primitivos a concepção de mais um

Espíritos e Deuses

deus... Kardec, em "O Livro dos Espíritos", estudando a questão do politeísmo, inquiriu no item 668: "Os fenômenos espíritas, sendo produzidos desde todos os tempos e conhecidos desde as primeiras eras do mundo, não podem ter contribuído para a crença na pluralidade dos deuses." Resposta: "Sem dúvida, porque os homens, chamando *deus* a tudo o que era sobre-humano, os espíritos lhes pareciam deuses, e, também por isso, quando um homem se distinguia entre os demais pelas suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto, que o vulgo não podia compreender, faziam dele um deus e lhe rendiam culto após a morte".

— O tema é interessantíssimo!

— Odilon - solicitou Modesta, timidamente - será que...?

— Sim, será que - emendei com espontâneo entusiasmo - não poderíamos?...

— Não poderíamos, Doutor - endossou Paulino -, a título de?...

— De curiosidade, não é? - adiantou-se o Instrutor.

— Que seja, Odilon, que seja - assumi. Será que não poderíamos a título de curiosidade e para intrigar?...

— Intrigar os seus leitores!

— Intrigar e provocá-los - admiti -, estar, já que estamos aqui, na presença de um desses...

— Deuses?! - tirou Modesta a palavra da minha boca.

— Especificamente no templo da deusa Kali - respondeu - como num dos demais consagrados aos deuses maiores do Hinduísmo, acho difícil - são aparições raras, que ocorrem em ocasiões especiais.

— Contentar-nos-íamos - argumentei - com um deus popular; afinal, espíritos comuns como nós, aliás, como eu, Modesta e Paulino...

— O senhor pode me incluir na lista, Doutor!

— Espíritos comuns como a maioria - pronto! -, estão por aí, acessíveis.

Ante a nossa insistência, que nos comportávamos quais crianças ingênuas em torno do instrutor, Odilon concordou:

— Está bem - disse-nos -, iremos a Nova Delhi, onde, segundo informações que possuo, acontece fenômeno interessante num dos templos onde Ganesha, a divindade com cabeça de elefante, é cultuado.

Sem mais delongas, pusemo-nos a caminho, agora utilizando da faculdade de voitar, sem, contudo, procurarmos chamar a atenção das entidades que encontrávamos em peregrinação.

Digo-lhes que, pelo que pude observar, na Índia, milhares de espíritos retomam o corpo de forma quase inconsciente - encaram e aceitam a reencarnação com naturalidade, mas permanecem alheios ao seu transcendente significado. Raros são os que atingem um nível de compreensão superior e começam a se importar com o próximo. Os indianos, de um modo geral, vivem num

Espíritos e Deuses

círculo psíquico vicioso, entrando e saindo do corpo físico repetidas vezes, à espera de súbita iluminação interior às custas de austeras disciplinas espirituais.

Infelizmente, nestas páginas, não dispomos de tempo e oportunidade para um estudo mais detalhado da situação espiritual em que vivem cerca de um bilhão de espíritos encarnados e, talvez, três vezes mais desencarnados.

Nos arredores de Nova Delhi, às portas de um templo pequeno construído nas proximidades de um bosque quase devastado, entre minas, pudemos ler, com a tradução efetuada por Odilon, interessantes dizeres que anônimo yogui resumira numa parábola:

"Trazе daí um figo."

"Aqui o tens, senhor."

"Divide-o."

"Ei-lo dividido, senhor."

"Que vês?"

"Pequeninas sementes, senhor."

"Divide uma delas."

"Está dividida, senhor."

"Que vês nela?"

"Nada, senhor."

"Na verdade, meu caro, é dessa fina essência que tu não vês que as grandes figueiras crescem. Crê, meu caro, que esta é a mais alta essência, o Universo tem esta essência como a sua

alma. Esta é a Realidade. Isto é *Atman... Tat twam*
así- isto és tu, Shwetaketu."

"Fizeste-me compreender, senhor."

"Assim seja, meu caro."

— Que palavras transcendentais e profundas! - admirou-se Modesta.

— Contrastando - observei - com tanto misticismo e idolatria...

— A Índia é o país dos contrastes espirituais - definiu o Mentor. — Ao mesmo tempo que foi capaz de produzir intelectuais, poetas e luminares como Tagore e Gandhi, dentre centenas de outros, conserva, profundamente arraigados, traços de um certo primitivismo religioso.

— De modo geral - indagou Paulino -, podemos rotulá-los de politeístas?

— Não; seria, filosoficamente, mais correto empregarmos o termo *monistas...*

— O que significa?

— "Todos os seres e coisas são manifestações de um só espírito (Brahman) que enche o Universo"; é o que podemos depreender do texto que acabamos de ler... Segundo os Upanichades, "do mesmo modo que os rios que correm desaparecem no mar e perdem nome e forma, um homem sábio, libertado de nome e forma, vai para a pessoa divina que está além de tudo".

Espíritos e Deuses

— Com outras palavras - acentuei -, o Espiritismo diz o mesmo: estou Inácio, mas não sou Inácio...

— ...estou homem, mas não sou homem! - agradeceu Paulino, que, como Odilon, passara a estimar por filho espiritual.

— Alto lá! Como dizem vocês, os mais jovens, eu **SOU** espada...

Sorrindo, adentramos o templo de Ganesha, sendo que o cheiro de incenso e guirlandas de flores emurchecidas era tão forte, que tive a impressão de estar num cemitério, um dia após o Dia de Finados.

Alguns poucos turistas europeus, facilmente identificáveis pelas roupas e pela tez branca, e devotos indianos se encontravam naquela hora dentro do templo. Diversas outras estátuas menores, representando divindades desconhecidas para mim, se incrustavam em rústicos nichos na rocha.

— Agora - disse-nos Odilon -, concentremo-nos e procuremos alçar um *degrau* acima...

Dando-nos as mãos, como que por encanto, nos vimos qual, de repente, alguém se visse no topo de um edifício, cuja cobertura fosse de cristal ou material similar. Sirvo-me da imagem para que os nossos irmãos compreendam a diferença entre um plano e outro - para

Espíritos e Deuses

nós, os desencarnados, relativamente sutil, mas não para vocês, os que arrastam na poeira da Terra a pesada carcaça; relativamente sutil porque, na verdade, matéria é sempre matéria, variando, como explicou Einstein, apenas a velocidade das partículas que a constituem...

Sentindo-nos protagonistas de um filme de ficção, estávamos num templo de proporções maiores, repleto de entidades que não se incomodavam com a nossa presença, tão habituadas a turistas de várias partes do mundo.

— O universo hinduísta ou bramânico! - falei, maravilhado com a arquitetura.

— A Vida, Doutor, se afunila de cima para baixo e, em sentido inverso, se amplia de baixo para cima - converge para a Terra e diverge para o Alto! O universo do espírito é infinitamente superior ao do homem encarnado; os horizontes da vida além da morte são extremamente vastos, ilimitados...

— Tacanha a nossa concepção, não? - comentou Paulino em tom de questionamento.

— É um problema, meu filho, de sinapse?...

— De sinapse?!...

— De neurônios, digamos assim, ou, se preferir, de circunvoluções...

— Eu não estou entendendo...

— É um problema de sinapse - brinquei, dando-lhe um tapinha na cabeça.

— Fiquemos atentos - advertiu Odilon, notando

maior movimentação de alguns sacerdotes vestidos de branco, que se aproximavam de uma cadeira vazia, à guisa de trono, sobre o cume de uma escadaria interna.

Eram - pude contá-los - quarenta e oito sacerdotes, que se dividiam em dois grupos iguais, postados um a um, lado a lado, nos vinte e quatro degraus da escada...

— São médiuns de efeitos físicos - esclareceu o Mentor - preparando-se para a doação de ectoplasma.

O sacerdote que me pareceu conduzir a cerimônia, abaixou a cabeça, no que foi seguido de imediato pelos demais, permaneceu em silêncio por minutos e, após, em voz ritmada, começou a evocar:

— Ó grande Ganesha, mensageiro de Brahman, estamos prontos... Trazei-nos a vossa bênção! Vinde a nós... Dignificai-nos com a vossa presença, antes que muitos de nós nos vejamos, de novo, encobertos pelos véus da ilusão... Estamos prestes a voltar ao corpo! Não nos deixeis partir sem a vossa visão, a fim de que nos sintamos encorajados... Tememos renascer na condição de *sudras*!

— *Sudras?* - sussurrou Modesta, pedindo explicação.

— Os *sudras* - resumiu Odilon - seriam os párias... Os hindus ainda se prendem a determinados preconceitos de natureza social, que vinculam ao carma de cada um.

Não houve tempo para maiores esclarecimentos.

Espíritos e Deuses

Uma nuvem acinzentada, com tonalidades amarelas, começou a se formar e, gradativamente, foi se adensando, a turbilhonar sobre a cadeira destinada a Ganesha.

— Odilon!... - disse, sem mais nada acrescentar.

— Doutor, o deus evocado está materializando-se.

— Mas ele existe? - perguntei, pasmo.

— Para os católicos, os espíritos não se transfiguram em anjos ou demônios? Para os espíritas, os desencarnados não podem, inclusive, aparentar formas animais, nos fenômenos de zootropia?...

— Ganesha, especificamente, existe?

— Inclusive em nós, Ganesha existe! Fôssemos nós um hinduísta, vivendo sob condicionamento mental milenar, não hesitaríamos em lhe assumir a aparência... O que, afinal, é a aparência? Moisés viu Deus sob a forma de um fogo ardente nas sarças do Sinai... Afigura humana é figura de transição. O espírito é, simplesmente!

O tema, é claro, comportava outros questionamentos, todavia, aos nossos olhos, a entidade do universo bramânico foi se tangibilizando, até se apresentar sob a forma de um homem obeso com cabeça de elefante.

Os devotos que lotavam as dependências do templo se ajoelharam, reverentes, diante da divindade, de cujas mãos espalmadas para os fiéis clarões de variados matizes se projetavam, percebendo eu que muitos adoravam instantaneamente.

— Os que adormeceram serão, dentro em breve, encaminhados à reencarnação - elucidou o Mentor.

Tudo o que observávamos fugia aos nossos padrões de entendimento, pelo menos aos meus, de pensamento vinculado ao universo espírita da Vida.

O espírito, provindo de Dimensão mais alta, que representava Ganesha, não pronunciou uma palavra sequer. Sinceramente, tive receio que algum daqueles raios que lhe escapavam das mãos espalmadas me alcançasse e que eu... adormecesse!

— Odilon, não sabemos nada!... - enfatizei. Modesta, você está vendo o que estou vendo? Será que delírio? Que coisa! O Mundo Espiritual é...

— Repleto de maravilhas, Doutor! - completou Odilon. — Os fenômenos imperceptíveis que se passam dentro de um simples átomo...

— Serão atendidos em suas petições? - perguntei.

— Em que sentido?

— O sacerdote orava, temendo renascer na condição de pária...

— As Leis do destino são indefectíveis! Nem os espíritos de maior envergadura têm a elas acesso... O carma de cada um há de se cumprir. Os que não possuem mérito reencarnarão filhos de pais que lhes estejam disponíveis...

— E a lei de afinidade?

— Não é tão-somente pertinente ao amor, à ternura, à simpatia... Existem espíritos afins na mesma pro-

Espíritos e Deuses

va, Doutor - na mesma prova, ou expiação. Reencarnar com qualidade é para bem poucos...

A aparição não durou mais que cinco minutos. A materialização logo se desfez, e os monges que não haviam adormecido passaram a recolher em lençóis os que caíram sob pesado torpor.

— Vi - disse Modesta -, entre os que adormeceram sob o forte impacto da presença da entidade personificando Ganesha, dois espíritos não-indianos...

— Permitiram-se sugestionar e reencarnarão.

— Assim sem mais, nem menos, Odilon?

— Sem mais, nem menos. Serão crianças de novo, espíritos de formação cultural diferente que levarão algo de seus conhecimentos na indispensável permuta de experiências. A Reencarnação, sobretudo, é uma lei niveladora, que terminará por extinguir toda espécie de desigualdade entre as criaturas irmãs! A pátria do espírito é o Universo e, aos poucos, todas as barreiras, inclusive as de consanguinidade, deverão cair. A Reencarnação coloca o branco ao lado do negro, o judeu, do palestino, o hindu, do muçulmano, o católico, do protestante - culturas e raças se miscigenam, em nome do Amor Universal.

— Há quem imagine que todo processo reencarnatório obedece a prévia preparação no Mundo Espiritual...

— Sabemos que tudo o que ocorre, em qualquer parte do Universo, é supervisionado pelas Leis Divinas

- nada acontece à revelia dos Desígnios Superiores; neste sentido, podemos considerar que todos reencarnam sob determinada programação, todavia a interpretação literal é um equívoco, pois a volta do espírito ao corpo de carne é cercada de cuidados consoante os méritos que apresenta... Quando a necessidade supera o mérito, o espírito reencarna com espontaneidade, qual limalha de ferro que se sentisse atraída pelo campo magnético de um ímã... A Lei tudo prevê; se assim não fosse, o caos se estabeleceria no mundo físico quanto no mundo moral, mas daí afirmar, por exemplo, que todo processo reencarnatório...

— ...seja como o que André Luiz narra no célebre caso Segismundo, na obra "Missionários da Luz", da lavra mediúnica de Chico Xavier?...

— No caso Segismundo apresentado, com riqueza de detalhes, por André Luiz, trata-se quase de uma exceção, embora o espírito referido não possuísse assim tantos ascendentes espirituais. O universo espírita ainda se encontra em fase de organização e expansão...

— Nem todos os espíritos se matriculam em institutos preparatórios?...

— A maioria, não; a maioria reencarna inconsciente, por este motivo, não guardando na memória qualquer reminiscência de seu período de permanência no Além... Seria ilógico um espírito de formação católica, que não admite a Reencarnação, procurar um instituto no Mundo Espiritual...

Espíritos e Deuses

- ...e protocolar o seu pedido de reencarnação!
- A maioria, Doutor, reencarna sem saber...
- Reencarna como desencarna, sem noção do Desconhecido...
- Pássaros abatidos em pleno voo!...

Saindo do templo e ganhando as ruas tumultuadas de Nova Delhi, eu e Odilon continuamos a conversar.

— O universo hinduísta ou bramânico!...

— Os espíritos se agrupam segundo os seus interesses. Traduzindo: segundo o seu entendimento, as suas aspirações, crenças, objetivos... Cada universo espiritual é um círculo relativamente fechado, no qual é fácil entrar, mas difícil sair. Os homens não desistem de ter a primazia da Verdade. Até mesmo a Reencarnação se depara com dificuldade para romper os elos dessa cadeia...

— Às vezes...

— ...às vezes, a Lei Divina se vale de expedientes incompreensíveis à primeira análise.

— Como a conquista de um povo por outro?

— Allan Kardec, em "O Livro dos Espíritos", no capítulo "Lei de Destruição"...

Espíritos e Deuses

— No Hinduísmo, Xiva, ou Shiva, tem em duas de suas mãos emblemas de sua natureza: o tambor da criação e o fogo da destruição - cria e destrói, tornando a criar e destruir, em busca da perfeição...

— Kardec pergunta aos Espíritos Superiores, na questão 744: — "Qual o objetivo da Providência, ao tornar a guerra necessária?" Resposta: — "A liberdade e o progresso". Em seguida, na 744-a, indaga com lucidez: — "Se a guerra deve ter como efeito conduzir à liberdade, como se explica que ela tenha geralmente por fim e por resultado a escravização?" Resposta: — "Escravidão momentânea, para sovar os povos, a fim de fazê-los chegar mais depressa".

— Em outras palavras, é o que Jesus nos fala sobre a necessidade do escândalo, a necessidade do mal...

— Do mal que, não sendo criação de Deus, é ilusório!

— "Ai do mundo por causa dos escândalos; pois é necessário que venham escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo venha".

— Ai do homem e da nação!...

— Em outro texto: "Vim para lançar fogo à Terra; e que é o que desejo senão que ele se acenda?"

— Fora da interpretação espírita, palavras incompreensíveis soando estranhas nos lábios de quem nos recomenda o amor aos inimigos...

— Ainda citando "O Livro dos Espíritos", Odi-
lon, gostaria de lembrar a questão da destruição neces-

sária e destruição abusiva. Kardec indaga no item 733: — "A necessidade de destruição existirá sempre entre os homens na Terra?" Resposta: — "A necessidade de destruição se reduz entre os homens à medida que o espírito supera a matéria; é por isso que vedes, ao horror da destruição, seguir-se o desenvolvimento intelectual e moral".

— Como, recentemente, ocorreu na Alemanha...

— A queda do muro de Berlim!

— No Vietnam...

— Tem muito vietnamita filho de soldado norte-americano, com direito a dupla cidadania...

— Os norte-americanos que dizimaram as nações indígenas são os peles-vermelhas, que transferiram residência das aldeias Sioux e Apache, por exemplo, para New York e Los Angeles...

— Como haverá de ser no Afeganistão e no Iraque... Deus lembra-se de seus filhos carentes de um modo estranho!

— Vocês estão se referindo a "expedientes incompreensíveis" - interveio Modesta -, citando as guerras... Que outros "expedientes" mais podemos considerar?

— Modesta - tomei a iniciativa de falar -, dentro de um mesmo país, o Brasil, por exemplo... No nosso tempo de encarnados, quando um rapaz negro namoraria uma branca, casando-se com ela e tendo filhos? Uma jovem da raça negra se apaixonaria ou despertaria a paixão de um homem branco?...

Espíritos e Deuses

— Há 30 anos atrás...

— Não mais do que isso!

— Não é bom nem comentar...

— Mas eu comento: dava morte, cadeia... Hoje, a cor morena se generalizou; no Brasil, ninguém é branco... Quem tem a pele mais clara e os olhos mais azuis tem um genda raça negra dormindo, preguiçosamente, - desculpem-me - em seu sêmen ou carga cromossômica. A qualquer hora, pinta um neto com diferente pigmentação na família, para deleite do vovô e da vovó que se orgulham de seus traços europeus... Ah, ah, ah!...

— Interessante! - exclamou Paulino. Doutor, na opinião do senhor - perguntou-me -, a que se deve o fato...

— Para ser franco - não sei se Odilon concorda -, digo-lhe: o esporte e a cultura têm contribuído enormemente para tanto: a música, o samba, o pagode, até o carnaval... O erotismo da raça!

— Da raça branca?

— Não, Paulino, da negra!

— Doutor, não abordemos o assunto - solicitou o Mentor.

— Em respeito a você, não abordarei, Odilon.

— O preconceito também vem decrescendo...

— Concordo, principalmente, se o rapaz negro é um milionário jogador de futebol ou de basquete ou a jovem negra é belíssima modelo...

— Doutor!

— Não, não estou falando em erotismo...

— Passemos a outros "expedientes" - convidou Modesta -; é melhor... Que fatores ainda poderiam ser apontados promovendo a mistura dos povos?

— Compromisso cármico - respondeu Odilon.

— No Brasil, especificamente, os escravos de ontem são herdeiros de grandes glebas... Tem muito peão que, no passado, era dono de fazenda; os negros saíram da senzala para a casa-grande, que os brancos se viram compelidos a desocupar...

— Agora, por incrível que pareça - observou Modesta -, a religião, que deveria ser o principal fator de integração...

— O fanatismo religioso é pior que o preconceito racial - pontifiquei; nem o erotismo é capaz de vencê-lo... Um evangélico dificilmente se casaria com um espírita: seria casar com um demônio!... Um muçulmano com uma judia, e vice-versa... Por este motivo, de quando em quando, acontecem essas paixões avassaladoras, que desafiam a tudo e a todos, mobilizando a opinião pública internacional. Aí não se trata de erotismo: é amor mesmo, afinidade. "Amor mesmo" é força de expressão de minha parte...

Conversávamos assim pelas avenidas de Nova Delhi, quando um casal nos chamou a atenção: um inglês, vestido a caráter, de braço dado com uma indiana esguia de lindos olhos amendoados... Brincando à sua frente sobre a calçada, duas crianças, uma mais clara,

Espíritos e Deuses

outra mais morena, com pequena diferença de idade, que, com certeza, eram seus filhos.

— Vejamos o fruto da ocupação inglesa! - aponte os meninos, um garoto e uma garotinha, acariciando os cabelos louros de um e crespos do outro... O retrato do futuro da Humanidade, sem cor, sem raça, sem injustiça social.

— Aos poucos, a Reencarnação porá ordem na casa planetária - comentou Odilon, sorridente. — Mesmo, por enquanto, acontecendo de forma aleatória, a Reencarnação provocará a queda de todos os muros ideológicos do separatismo humano.

— Odilon, desculpe-me: os homens fazem sexo e Deus promove o Amor!

— Desculpe-me: os homens imaginam fazer o que fazem e Deus faz o que faz! O que existe de real e verdadeiro é tão-somente o Amor. O resto é experiência transitória... Do átomo às estrelas, tudo vive imerso no Amor Divino. O mal e todo o seu séquito não passam de material pedagógico da Evolução. Assemelhamo-nos a um viajor com excesso de bagagem acumulada às costas... Haveremos de deixar o que for obsoleto pelo caminho; chegaremos, diante de Deus, completamente despojados... O espírito é luz, amor - nada além disto. A imperfeição nos reveste de múltiplas ilusões... Damos valor ao que é efêmero e desprezamos o essencial. Estamos debaixo de uma hipnose, cujo jugo opressor precisamos sacudir de nossas mentes. Vivemos em função

do corpo; mesmo nós, os desencarnados, vivemos em função do perispírito, em função da forma... Está certo, temos compromisso com a Terra, mas carecemos de nos espiritualizar, pois o orbe terrestre não é a nossa casa definitiva. O Amor jamais reclama a posse do que quer que seja. Precisamos ser livres... Paixão, prazer, sentimento de posse - nada disto é Amor! A vida material é fomentada pelas nossas mentes... Vivemos num mundo compatível com os nossos interesses. O panorama social e espiritual do planeta retrata o que interiormente somos...

— Você está indo ao cerne da questão! - aparteei, concordando com as ponderações sempre judiciosas do companheiro. Entretanto, o que vamos fazer, se não damos conta de mais, não é, Odilon? Eu me lembro... Quando encarnado, eu pelejava, por dias e dias, para expressar uma ideia, e não conseguia; tentava colocá-la no papel, conversar com alguém a respeito e... nada! Ninguém apressa a evolução, não é? Podemos, por exemplo, dilatar a nossa capacidade de amar, mas, não tendo cérebro para tanto, como ampliar a nossa capacidade de pensar? Não sei quem escreveu que o homem é o único ser que desenvolveu um órgão - o neocórtex - que não sabe como usar! Nunca me deparei com tamanha realidade: usamos pernas, braços, mãos, olhos, ouvidos, etc, na máxima capacidade destes órgãos; o músculo cardíaco trabalha em seu limite, o fígado, os

Espíritos e Deuses

rins, os pulmões, mas o cérebro - um universo inexplorado!

— Doutor, já que não podemos, por absoluta incapacidade momentânea, saber mais, procuremos amar mais! Isto podemos fazer...

— Podemos. O difícil é querer e acreditar no poder transformador do Amor - com *A* maiúsculo.

— Tales de Mileto dizia que é a mente que move a matéria, mas, concluímos, é o Amor que dá sentido à Vida!

De Benares e Nova Delhi, por sugestão de Modesta, passamos em Calcutá, com a finalidade de apreciarmos a obra que Madre Teresa continua a inspirar na Índia e em várias partes do mundo. Trabalho de grande alcance espiritual o da abençoada missionária da Caridade, que permanece repercutindo nas consciências adormecidas. Comovi-me, ao ver aquelas irmãs católicas, em seus hábitos singelos, velando à cabeceira de inúmeros agonizantes, muitos deles resgatados ao monturo...

— Diversos adeptos do Hinduísmo - esclareceu Odilon - interpretam equivocadamente a questão do carma...

— Acham que ninguém deve interferir na vida dos que renascem para expiar faltas de pregressas existências, não é?

— Se assim devesse ser, estaríamos todos perdi-

Espíritos e Deuses

dos... Quem nos estenderia as mãos, para que nos levantemos do abismo em que voluntariamente nos precipitamos? Para os hindus conservadores, a doutrina do carma concorre para a segregação do sistema de castas e faz com que se acomodem diante da injustiça social.

— Quem está sofrendo é porque merece...

— Esquecem-se do *darma*, ou seja, do dever para com os semelhantes, aplicando-o tão-somente a si mesmos. Pregam que "o homem mais humilde pode esperar melhor sorte na vida seguinte, se viver bem na presente..."

— O conhecimento da Reencarnação sem base no Evangelho...

— ...induz a sofismas de variada natureza. A questão social para os mais ortodoxos está relacionada ao mérito adquirido pelo espírito: o rico é superior ao pobre, que, para deixar de ser pobre, deve sofrer as consequências da situação em que renasceu...

— Se Jesus Cristo não tivesse nascido numa estrebaria...

— Todavia, não possuía Ele uma pedra onde reclinar a cabeça... Jesus nasceu escravo, descendendo da menor das tribos de Israel. Vejamos que, em todos os aspectos, nos menores detalhes, a sua passagem na Terra se revestiu de sublime significado.

— Tivesse Ele a Índia por berço...

— ...as suas palavras, por certo, teriam soado sem eco, pois os brâmanes haveriam de considerá-lo um pá-

ria... Aos poucos, com o progresso de tudo, as mais arraigadas concepções vêm se refundindo, mas, de modo geral, ainda impera, entre os indianos, o seu milenar sistema de castas: os brâmanes (sacerdotes), no topo da escala, seguidos pelos reis e guerreiros, criadores de gado, negociantes, lavradores, e, por último, os servos. Ao contrário de Jesus, filho de um carpinteiro, Buda descendia da casa real, era um príncipe...

— A Humanidade, infelizmente...

— A Humanidade, que somos nós, Doutor, infelizmente...

— ...não sabe, ou não quer, interpretar as mensagens que lhe chega do Alto! Gandhi, o Mahatma, que libertou o povo indiano de secular jugo opressor, era um homem completamente despojado, que, inclusive, chegava a se alimentar do leite de uma cabra emprestada por um amigo...

— Para que tenhamos ideia do quanto o povo valoriza o chamado *status quo*...

— Ainda hoje, é assim - não mudou muito, não!

— ...o próprio Moisés era tido por filho de faraó!... Teria conseguido liderar os judeus em sua fuga do Egito, caso não pertencesse a tal linhagem?

— Só com as suas extraordinárias faculdades mediúnicas, não - com certeza, não! Os próprios romanos consideravam os imperadores figuras divinas...

— Júlio César, que era epilético, quando em convulsão, supunha-se que estivesse em contato com os

Espíritos e Deuses

deuses; na China e demais países do Oriente, os governantes constituíam uma dinastia - o poder era hereditário...

— Nero, uma divindade!... Veja se tem cabimento? Um dos imperadores mais sanguinários da História!...

Ao silêncio que se seguiu, acrescentei:

— Não vamos longe... No mundo atual, em alguns países, como a Inglaterra, embora o sistema político parlamentarista, a monarquia sobrevive com toda a pompa de séculos passados.

— Graças a Deus - disse Modesta -, o Espiritismo, como o Cristianismo, teve origem singela.

— Tão singela - brinquei -, que os diretamente responsáveis por ele, ou seja, os *mortos*, se apresentaram despojados até de seu corpo físico, quanto mais do que haviam sido no jogo das convenções humanas.

— Allan Kardec, o nosso Prof. Rivail, era um homem comum, pertencente à classe média, que tinha que lecionar e escrever obras pedagógicas para sobreviver...

— Os melhores médiuns, Modesta, com exceção de um ou outro, eram e continuam sendo todos matutos, não é, Odilon? - perguntei, pedindo o aval do Mentor.

— Leon Denis, sucessor contemporâneo de Kardec, foi um homem pobre, filho de humilde operário braçal e de uma dona-de-casa; Gabriel Delanne, outro baluarte da Doutrina, ganhava o pão com o suor cotidiano...

— Chico Xavier - ponderei -, o maior fenômeno mediúnicos de todos os tempos, era filho de um vendedor de bilhetes de loteria e de uma senhora que lavava roupas para fora...

— Que maravilha! - não conteve Modesta o seu entusiasmo.

— De fato, que beleza, a Doutrina! - emendou Paulino. — As suas origens deveriam ser mais bem estudadas pelos espíritas, o senhor não acha?

— Acho, não, tenho certeza!... Paulino, lá pelas nossas bandas, em Uberaba e região, deixe-me lembrar: D. Cherubina, a primeira médium escrevente de que tivemos notícia na cidade, era semianalfabeta; Antônio Logogrifo mal assinava o próprio nome; Joaquim Casiano nunca frequentou banco de escola; D. Rufina de Oliveira, tal como a mãezinha de Chico Xavier, vivia da lavagem de roupas...

— Médiuns, todos eles, de uma idoneidade moral a qualquer prova! - aparteou Odilon. — Portadores de raras faculdades, que muito fizeram pela Doutrina...

— Além de pobres e analfabetos, eram negros, Odilon, párias da sociedade!... Vamos lembrar mais: Antusa Ferreira Martins, excelente médium de cura, vítima de meningite na adolescência, ficou surda e muda — o centro em que atendia as pessoas era uma casinha de madeira; Adelino de Carvalho, um pouco mais letrado, era funcionário dos Correios...

Epíritos e Deuses

— Casou-se com uma senhora - falou Modesta - que, mais tarde, apresentou hanseníase...

— Acompanhada de terrível perturbação mental - acrescentei. João Urzedo, no Capão da Onça, era cego e analfabeto...

— Mesmo em tal condição - observou o Instrutor -, fundou um sanatório e lidava com a obsessão como ninguém.

— O seu pai, Odilon, o Sr. Ludovice Fernandes...

— O papai era um homem sem qualquer evidência social...

— Bento Polveiro...

— Outro médium fantástico que, pela vidência, radiografava as pessoas por dentro: pobre e quase analfabeto...

— Tivemos, é claro, gente mais intelectualizada - redarguiu Modesta -, como Inácio Ferreira...

— Eu?! Coitadinho! Do ponto de vista espiritual, o mais indigente de todos.

— O Prof. Chaves, João Augusto Chaves, o Prof. Alceu de Sousa Novais, o Dr. Henrique Krüger...

— Outros intelectuais complicados, que não assumiam... Não vamos citá-los, porque os descendentes encarnados poderiam não gostar. E outros, Modesta, que você conheceu bem: fazendeiros, latifundiários, que, quando a coisa apertava, quando a Igreja os inquiria, se diziam meros simpatizantes da Doutrina.

— Em Sacramento, Inácio, além, é claro, de Eu-

rípedes Barsanulfo, o apóstolo da Mediunidade no Triângulo Mineiro, tivemos Maria da Cruz, Corina Nove-lino; em Conquista, Maria Cantora...

— Maria da Cruz e Maria Cantora, ambas eram negras e analfabetas... Maria Cantora, inclusive, foi escrava!

— São tantos e tantas, que, de fato, não conseguiríamos enumerá-los.

— Doutor - interveio Odilon -, vamos deixar patente: nada contra os eruditos ou os que renasceram mais bem aquinhoados...

— É evidente que não - disse com ênfase. — Mas que o Espiritismo hoje está cheio de doutores da lei, está... O elitismo permanece rondando as nossas portas. Olvida-se que, se se fizesse um levantamento no Movimento Espírita no Brasil, pesquisando-lhe as origens em cada cidade onde se mostra mais atuante, deparar-se-ia, em suas raízes, com o suor derramado por muita gente simples. E digo mais: homens e mulheres destituídos de quaisquer recursos, à margem da sociedade, como os semianalfabetos, os considerados "de cor", as meretrizes... Enfim, os que constituíam o séquito de Jesus Cristo nos primeiros dias do Evangelho na Terra!

O nosso tempo havia se esgotado e precisávamos partir. A excursão, sem dúvida, fora extremamente proveitosa. Convencera-me ainda mais de que a única esperança da Humanidade jaz consubstanciada no Cristianismo, que a Doutrina Espírita tem proposto reviver,

Espíritos e Deuses

através, principalmente, da exemplificação de sua Mensagem.

— Odilon - perguntei ao Instrutor, já dentro da aeronave que nos conduziria de volta -, por quanto tempo, os espíritos que nos encontramos vinculados à evolução do Planeta, permaneceremos tão segmentados em nossos universos particulares?

— Até que, um dia - respondeu o amigo de olhos postos no horizonte enfumaçado, empalidecendo o Sol no crepúsculo -, sejamos capazes de abdicar de nossos pontos de vista pessoais, enraizados em superada tradição cultural e religiosa, para aceitarmos, em definitivo, o Cristo no coração, convictos de que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida.

A aeronave silenciosa singrava a atmosfera com velocidade e, logo, pude divisar o complexo hospitalar sob a nossa orientação, na existência além da morte, onde o trabalho ativo me esperava, junto a centenas de irmãos e irmãs que insistiam em continuar orbitando ao redor de si mesmos!

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DO MESMO AUTOR:

SOB AS CINZAS DO TEMPO (Didier)
DO OUTRO LADO DO ESPELHO (Didier)
NA PRÓXIMA DIMENSÃO (Leep)
INFINITAS MORADAS (Leep)
A ESCADA DE JACÓ (Leep)
FALA DR. INÁCIO (Leep)
POR AMOR AO IDEAL (Didier)
FUNDAÇÃO EMMANUEL (Leep)
NO LIMAR DO ABISMO (Leep)
OBSESSÃO E CURA (Didier)
CARTAS DO DR. INÁCIO AOS ESPÍRITAS (Leep)
REENCARNAÇÃO NO MUNDO ESPIRITUAL (Leep)
AMAI-VOS E INSTRUÍ-VOS (Leep)
TERRA PROMETIDA (Didier)
ESTUDANDO "NOSSO LAR" (Leep)
SAÚDE MENTAL À LUZ DO EVANGELHO (Leep)

LEEP

LIVRARIA ESPÍRITA EDIÇÕES "PEDRO E PAULO"

Av. Elias Cruvinel, 1.202 - Boa Vista
38070-100 - Uberaba (MG) - Tel: (34) 3322-4873
Site: www.leep.com.br- E-mail: leep@terra.com.br

editora

CASA EDITORA ESPÍRITA "PIERRE-PAUL DIDIER"

editora@editoradidier.com.br / www.editoradidier.com.br
Telefone: (17) 3426-8590
Rua Leonardo Commar, 3.179 - Bairro Pozzobon
CEP: 15503-023 - Votuporanga (SP)



E-mail: edvitoria@mednet.com.br

**AV. CEL. JOAQUIM DE OLIVEIRA PRATA, 668
FONES (34) 3336-5155 / 3336-6588
B. BOM RETIRO . CEP 38022-290 . UBERABA-MG**

importantíssimos trabalhos de abnegação e inteligência. De seus permanentes estudos e observações neste setor, resultaram livros de Psiquiatria à luz do Espiritismo que, ainda hoje, são consultados, no Brasil e no Exterior: "Novos Rumos à Medicina", em 2 volumes, e "A Psiquiatria em face da Reencarnação" (reeditados pela FEESP), dentre outros, são dois exemplos frisantes, além do presente valioso repositório de vivência e atividade caridosas no Plano Espiritual, intitulado "Na Próxima Dimensão", assistido pelo experiente e consagrado confrade e amigo Dr. Odilon Fernandes, bem como pelos acima citados companheiros. Este livro foi ditado ao psicógrafo uberabense Carlos Antônio Baccelli, também logopsicófono de "Sob as Cinzas do Tempo" e "Do Outro Lado do Espelho", ambos da lavra do mesmo escritor, e outros, que já somam a quase duas dezenas de obras pelo mesmo Autor Espiritual.

Outrossim, a seu crédito inalienável, importa mencionar a criação pelo Dr. Inácio Ferreira do "Lar Espírita", inaugurado em 1º de maio de 1949 - instituição fraterna de amparo e educação para meninas desvalidas, com a participação dos integrantes da União da Mocidade Espírita de Uberaba, da qual é benemérito Departamento, que a partir do ano 2000, transformou-se em regime de creche com atendimento à crianças de ambos os sexos, de 3 a 5 anos.

Fausto De Vito

Espíritos e Deuses

Em "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec indagou, na questão número 668: "Os fenômenos espíritas, sendo produzidos desde todos os tempos e conhecidos desde as primeiras eras do mundo, não podem ter contribuído para a crença na pluralidade dos deuses?". Os Espíritos Superiores responderam com precisão: "Sem dúvida, porque os homens, chamando DEUS a tudo que era sobre-humano, os espíritos lhes pareciam deuses, e, também por isso, quando um homem se distinguia entre os demais pelas suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto, que o vulgo não podia compreender, faziam dele um deus e lhe rendiam culto após a morte."

ISBN 978-85-60628-26-1



9 788560 628261

